

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MANDATO UNIVERSITÁRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O JORNALISTA COMO USUÁRIO DA INFORMAÇÃO: IMPRENSA, RÁDIO E TELEVISÃO

JUDITH KUHN

DISSERTAÇÃO APRESENTADA
AO CURSO DE MESTRADO DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO E INS-
TITUTO BRASILEIRO DE IN-
FORMAÇÃO EM CIÊNCIA E
TECNOLOGIA PARA A OBTEN-
ÇÃO DO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIA DA INFORMA-
ÇÃO.

ORIENTADOR: MARIA DE
NAZARÉ FREITAS PEREIRA

RIO DE JANEIRO

1987

"Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão, direito este que inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras".

Declaração Universal dos Direitos do
Homem (artigo 19)

"Uma exigência constante de qualidade da informação e dos princípios de ação dos que a produzem e divulgam será a única justificativa para a liberdade integral de exercer o poder de informar".

Servan Schreiber

A Felipe, meu filho, cujas
horas de sono tranqüilo me
permitiram realizar este
trabalho

Agradeço

- a todos os jornalistas do Jornal do Brasil, Isto É, Rádio JB e TV Globo que me transmitiram o dia a dia do exercício de sua profissão;
- a José Silveira, Secretário de Redação do Jornal do Brasil; Aluizio Maranhão, chefe da sucursal Rio da Revista Isto É; Luis Magalhães, na época chefe do Radiojornalismo da Rádio JB e Wianey Pinheiro, chefe da redação da TV Globo, a acessibilidade e o interesse que possibilitaram a realização desta pesquisa;
- a Maria Regina, Wanda, Hélade, Keila, Suzana, Kalu, Maria Fátima, Vera Sommer, Evelyn, Regina, Cristiana, Therezinha Santa Rita, Kátia, Laura, Silvia, Silvia Duarte, Cássio, Cândida e Vera Albuquerque, profissionais de informação, por partilharem comigo suas experiências no convívio e na busca de informação para os jornalistas;
- a Nazinha, por sua amizade e orientação exigente, mas sem pressão;
- a Hagar pela orientação permanente em minha vida profissional;
- aos professores Ana Arruda e Nilson Lage, que muito contribuíram levantando questões e esclarecendo pontos fundamentais, durante a apresentação e debate informais deste trabalho na Escola de Comunicação da UFRJ em junho de 1986.

- a Eliza pela elaboração dos gráficos;
- a Cecília, pelo trabalho de datilografia;
- aos amigos e especialmente a Flavio que, por suas críticas, colaboração, paciência e estímulo, estiveram presentes no decorrer desta pesquisa;
- a meus pais pelo empenho e incentivo sempre demonstrados à minha formação profissional e, principalmente, pela cobertura devotada e carinhosa às minhas tarefas de mãe;

LISTA DOS QUADROS

1. A atividade jornalística como processo de comunicação
2. Hipóteses
3. Revisão ~~de~~ literatura
4. Quadro referencial
5. Processo de elaboração e divulgação da notícia
6. A notícia e os veículos de comunicação
7. Material e método
8. Campo de estudo
9. Oferta de informação nas empresas estudadas
10. Entidades de classe e oferta de informação
11. Perfil profissional do jornalista
12. O jornalista como usuário da informação
13. Demanda de informação nas empresas estudadas
14. Comparação entre o comportamento do cientista, do cientista social e do jornalista na busca da informação
15. Modelo de sistema de informação
16. Características ~~ideais~~ de um sistema de informação destinado aos jornalistas

S U M Á R I O

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
 1. <u>A INFORMAÇÃO E A SOCIEDADE</u>	15
1.1 - A ATIVIDADE JORNALÍSTICA COMO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	17
 2. <u>PROBLEMA E HIPÓTESES</u>	25
 3. <u>REVISÃO DE LITERATURA</u>	28
3.1 - ESTUDOS DE USUÁRIOS	28
3.2 - ESTUDOS DE USUÁRIOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	33
3.3 - A LITERATURA DE COMUNICAÇÃO	37
3.4 - A LITERATURA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO PARA A IMPRENSA	37
 4. <u>QUADRO REFERENCIAL</u>	43
4.1 - O JORNALISTA	43
4.1.1 - <u>Formação e legislação profissional</u>	45
4.1.2 - <u>As funções do jornalista</u>	48
4.1.3 - <u>Rotina do repórter</u>	51
4.1.4 - <u>Autoria da Matéria</u>	51
4.2 - A NOTÍCIA	52
4.3 - OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	56
4.3.1 - <u>Características intrínsecas</u>	57
4.3.1.1 - Abrangência de cobertura	57
4.3.1.2 - Enfoque do conteúdo	61
4.3.1.3 - Linguagem	63
4.3.1.4 - Interação com o público	66
4.3.1.5 - Rapidez de divulgação	67

5. <u>MATERIAL E MÉTODO</u>	71
5.1 - CAMPO DE ESTUDO	71
5.2 - POPULAÇÃO E AMOSTRA	72
5.3 - INSTRUMENTO DE PESQUISA	73
5.4 - MÉTODO	76
6. <u>RESULTADOS E DISCUSSÃO</u>	80
6.1 - CAMPO DE ESTUDO	80
6.1.1 - <u>As empresas de comunicação</u>	81
6.1.1.1 - Jornal do Brasil	81
6.1.1.1.1 - <i>Histórico</i>	81
6.1.1.1.2 - <i>Departamento de jornalismo</i>	82
6.1.1.1.3 - <i>O repórter e sua rotina de trabalho</i>	82
6.1.1.1.4 - <i>Autoria da Matéria</i>	83
6.1.1.1.5 - <i>Oferta de informação</i>	83
6.1.1.2 - Isto É	85
6.1.1.2.1 - <i>Histórico</i>	85
6.1.1.2.2 - <i>Departamento de jornalismo</i>	86
6.1.1.2.3 - <i>O repórter e sua rotina de trabalho</i>	86
6.1.1.2.4 - <i>Autoria da Matéria</i>	87
6.1.1.2.5 - <i>Oferta de informação</i>	87
6.1.1.3 - Rádio Jornal do Brasil	88
6.1.1.3.1 - <i>Histórico</i>	88
6.1.1.3.2 - <i>Departamento de jornalismo</i>	89
6.1.1.3.3 - <i>O repórter e sua rotina de trabalho</i>	89
6.1.1.3.4 - <i>Autoria da Matéria</i>	90
6.1.1.3.5 - <i>Oferta de informação</i>	90
6.1.1.4 - TV Globo	90
6.1.1.4.1 - <i>Histórico</i>	90

6.1.1.4.2 - Departamento de jornalismo	91
6.1.1.4.3 - O repórter e sua rotina de trabalho	93
6.1.1.4.4 - Autoria da Matéria	94
6.1.1.4.5 - Oferta de informação	94
6.1.2 - <u>As Entidades de classe</u>	96
6.1.2.1 - Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro	96
6.1.2.2 - Associação Brasileira de Imprensa	97
6.1.2.3 - Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro	97
6.2 - OBJETO DE ESTUDO	102
6.2.1 - <u>O perfil profissional do jornalista</u>	102
6.2.2 - <u>O jornalista como usuário da informação</u>	106
6.2.3 - <u>A demanda de informação nas empresas estudadas</u>	112
6.2.3.1 - Jornal do Brasil	112
6.2.3.2 - Isto É	114
6.2.3.3 - Rádio Jornal do Brasil	115
6.2.3.4 - TV Globo	116
6.2.4 - <u>O cientista, o cientista social e o jornalista como usuários da informação</u>	117
7. <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	126
7.1 - DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES	126
7.2 - O MODELO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO ADEQUADO À COMUNIDADE DE JORNALISTAS	133
7.2.1 - <u>Entrada</u>	133
7.2.2 - <u>Processamento</u>	135
7.2.3 - <u>Saída</u>	136
7.2.4 - <u>Características</u>	137
7.3 - PERSPECTIVAS	141

<u>BIBLIOGRAFIA</u>	144
---------------------------	-----

<u>ANEXOS</u>	153
---------------------	-----

<u>Tabulação do Questionário dos Jornalistas</u>	178
--	-----

RESUMO

KUHN, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. 200 p. Dissertação de mestrado.

O jornalista é o emissor da informação que divulgada através dos veículos de comunicação integra o indivíduo à sociedade.

O objetivo desta dissertação é estudar o perfil do jornalista na imprensa, rádio e televisão, como usuário da informação necessária à complementação da notícia e, verificar se a demanda de informação é determinada pelas características intrínsecas de cada veículo. Com esta finalidade foi elaborado um estudo de usuários, aplicado a uma pequena amostra de jornalistas do Jornal do Brasil, Isto É, Rádio JB e TV Globo, visando estabelecer os critérios para o planejamento e organização de sistemas de informação que seriam adequados a esta comunidade.

Os resultados evidenciam características profissionais do jornalista e, também, que não existem diferenças marcantes no comportamento do jornalista como usuário da informação, seja ele da imprensa, rádio ou televisão.

No que se refere à demanda de informação, o jornalista especializado se aproxima do cientista social em alguns pontos. Assim sendo, o modelo de sistema de informação destinado a esta comunidade não pode seguir os padrões estabelecidos para os sistemas dirigidos aos cientistas e cientistas sociais.

Optou-se por propor um sistema de informação orientado para a satisfação da demanda e, também, com uma série de características que têm por finalidade preencher as necessidades de informação dos jornalistas, entendidas como seleção, atualização, qualidade e acessibilidade da informação e rapidez de resposta.

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de mestrado, "O Jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão", surgiu da vivência profissional no Centro de Documentação da Rede Globo de Televisão, a partir da constatação de que a demanda de informação por parte dos jornalistas, apesar de frequente e numerosa, era inexpressiva qualitativamente em relação à riqueza do acervo. Este fato despertou a curiosidade de conhecer como ocorre a demanda de informação de jornalistas que exercem sua atividade profissional em outros veículos de comunicação e, se seria a natureza específica de cada veículo que determinaria a demanda de informação desta categoria profissional. Além disto, estava sempre presente a questão sobre qual seria o modelo adequado de um sistema de informação que tem como usuário final o jornalista.

Tendo como objetivo fornecer subsídios para o planejamento de sistemas de informação destinados à comunidade de jornalistas foi elaborado um estudo destes usuários, visando conhecer seu perfil profissional e seu comportamento como usuários da informação, comportamento este que se manifesta através da demanda, hábitos e dificuldades na busca da informação necessária à realização de sua atividade profissional.

Dado o escopo e o universo do trabalho, a dúvida consistia na decisão de realizar-se o projeto com uma pequena amostra de profissionais em cada um dos veículos de comunicação ou com uma amostra realmente expressiva em apenas um ou dois veículos. Pela ausência de literatura sobre o tema, em âmbito nacional e internacional, tanto na área de Ciência da Informação quanto na de Comunicação de Massa e, por considerar-se de interesse abrir novas linhas

de pesquisa para a Ciência de Informação, optou-se por realizar-se o projeto proposto inicialmente, com uma pequena amostra da comunidade de jornalistas em cada um dos veículos de comunicação de massa.

O perfil profissional do jornalista e o modelo proposto de sistema de informação destinado a esta comunidade baseiam-se unicamente nos dados obtidos através desta pesquisa, tendo sido possível compará-los às pesquisas anteriores sobre o tema.

A metodologia adotada foi constituída no decorrer do trabalho e na medida em que problemas específicos necessitavam ser solucionados.

Não se pretende com este trabalho esgotar o tema, mas sim, levantar e esboçar o perfil do jornalista e seus problemas no que se refere à demanda da informação necessária à sua atividade profissional, visando obter subsídios para o planejamento de sistemas de informação que seriam adequados a esta comunidade.

Tendo em vista os objetivos propostos, estruturou-se esta dissertação da seguinte forma:

- no item 1, A INFORMAÇÃO E A SOCIEDADE, aborda-se a importância dos veículos de comunicação como divulgadores da informação que possibilita que o indivíduo se integre à sociedade e, enfoca-se a atividade jornalística como um processo de comunicação;
- no item 2, PROBLEMA E HIPÓTESES, define-se o objeto de estudo, os objetivos do projeto e levantam-se as hipóteses a serem verificadas;

- no item 3, REVISÃO DE LITERATURA, traça-se a evolução histórica dos estudos de usuários na Ciência da Informação, ressaltando-se que o jornalista não foi incluído nestes estudos; enfoca-se o projeto INFROSS (Information Requirements Of Social Sciences) por se acreditar que o comportamento do jornalista na busca de informação seria aproximado ao comportamento do cientista social, já que ambos têm como matéria prima de seu trabalho os fatos sociais; comenta-se a literatura de Comunicação de Massa, onde também o jornalista não é tratado sob o ponto de vista deste trabalho e, a literatura sobre sistemas de informação para a imprensa que também não demonstra preocupação com a figura do usuário.
- no item 4, QUADRO REFERENCIAL, estuda-se o ambiente onde ocorre a atividade jornalística: o jornalista no exercício de sua profissão, o processo de elaboração e divulgação da notícia, as características dos veículos de comunicação, estabelecendo-se os elementos que permitem discutir a validade das hipóteses levantadas;
- no item 5, MATERIAL E MÉTODO, estabelece-se o campo de estudo do projeto, definem-se os instrumentos de pesquisa e descreve-se a metodologia adotada;
- no item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO, descrevem-se as empresas de comunicação que serviram de campo de estudo, a oferta de informação, a nível institucional, disponível para a comunidade de jornalistas, apresenta-se o perfil profissional do jornalista e seu comportamento como usuário da informação e compara-se o comportamento do jornalista com o do cientista

social na busca de informação;

- no item 7, CONSIDERAÇÕES FINAIS, retoma-se a discussão das hipóteses levantadas, apresenta-se modelo de sistema de in formação que seria adequado à comunidade de jornalistas e esboçam-se as perspectivas para futuros trabalhos nesta área;

As fontes consultadas e citadas estão referenciadas ao final de cada item, em ordem alfabética. Por tal razão, os indicadores das referências bibliográficas não são mencionados na ordem sequencial.

Nos casos em que a mesma fonte é citada mais de uma vez no mesmo item, após o número indicativo da fonte segue-se o número da página correspondente à citação.

A bibliografia arrolada ao final do texto inclui toda a literatura citada e consultada em uma única ordem alfabética.

Finalizando, os profissionais contatados durante o desenvolvimento deste projeto demonstraram sempre o maior interesse pela utilidade do trabalho que estava sendo realizado, fato que por si só já o justifica.

1. A INFORMAÇÃO E A SOCIEDADE

A informação é uma necessidade social e são os meios de comunicação de massa que, divulgando informação, possibilitam ao homem estabelecer contato e tomar conhecimento da realidade exterior, integrando os indivíduos à sociedade.

Analisando as necessidades de informação de uma comunidade, a UNESCO estabeleceu que um grupo de 100 (cem) habitantes pode considerar-se bem informado se tiver ao seu dispor 10 (dez) exemplares de jornal, 5 (cinco) aparelhos de rádio, 2 (dois) assentos de cinema e 1 (hum) aparelho de televisão (10).

Nos Estados Unidos, a preocupação em conhecer as fontes de informação do público data de 1959, quando a Organização ROPER realizou pela primeira vez a pesquisa que desde então vem repetindo: "Primeiro, gostaria de lhe perguntar onde você consegue notícias sobre o que se passa no mundo - de jornais, rádio, televisão, revistas, em conversas com outras pessoas ou onde?". Em 1959 as respostas obtidas revelaram que 59% preferiam o jornal como principal fonte de notícias, 51% a televisão e 34% o rádio. Em 1963 a televisão superou os jornais com 55%, 53% preferiu o jornal e o rádio permaneceu com o mesmo índice de 34%.

O que se pode verificar pela pesquisa da ROPER realizada em 1982, é que o público de jornais e a audiência de telejornais se sobrepõem: 20% dos entrevistados citaram como fonte de notícias o jornal e a televisão, 41% mencionaram apenas a televisão e 21% apenas os jornais (11).

A preocupação em conhecer as fontes de informação do público, não se limita apenas à pesquisa da ROPER pois, também nos Estados Unidos, em 1979, a AMERICAN NEWSPAPERS ASSOCIATION (ANPA) relacionou

em seu relatório 120 (cento e vinte) estudos publicados em revistas acadêmicas sobre a televisão e os jornais como fonte de notícias. Segundo Witt (11), os resultados destes estudos nem sempre são consistentes, no entanto, os principais pontos ressaltados são que muitas vezes não existe uma concordância entre a fonte da notícia citada pelos entrevistados e a verdadeira fonte e, que os hábitos jornalísticos das pessoas são, em geral, muito mais complexos do que se imagina.

Apesar de não haver pesquisas semelhantes no Brasil, pelos dados estatísticos que medem o índice de alcance dos veículos de comunicação, pode-se afirmar que 25 a 30% da população tem acesso à informação através da imprensa escrita, 65 a 70% através da televisão e 90% através do rádio (8). Segundo Melo (5), pode-se explicar o baixo índice de alcance da imprensa escrita pelo índice de analfabetismo no país, pela falta de poder aquisitivo da população, que não pode comprar o jornal todos os dias, pela baixa credibilidade da imprensa, pelo seu conteúdo desvinculado dos interesses da população e também pela sua linguagem sofisticada que é inacessível às pessoas de nível médio. Já a televisão, apesar de seu alto custo, representa um investimento devido as opções de lazer que oferece e, portanto, alcança uma faixa maior da população brasileira. O rádio, por sua vez, é o veículo de comunicação que atinge um maior público e isto se deve a três fatores que o caracterizam nos dias de hoje: a universalidade ou seja, qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, pode sintonizar estações de outros lugares; a portabilidade, ou seja, o rádio pode ser levado com facilidade por qualquer pessoa para qualquer lugar e, também, o baixo custo do aparelho (6). Os índices de alcance dos veículos de comunicação permitem concluir que, no Brasil, apenas uma pequena parcela da população atingida pelos veículos impressos, tem a seu dispor a informação analisada e situa

da num contexto, enquanto que, a maioria da população, atingida so mente pela televisão e pelo rádio, tem acesso apenas à informação sintetizada. O sistema de comunicação de massa no Brasil, cujo pa pel é divulgar informação e, formar a opinião pública através dos veículos de comunicação, reflete as características sócio-econômico-político-culturais do país.

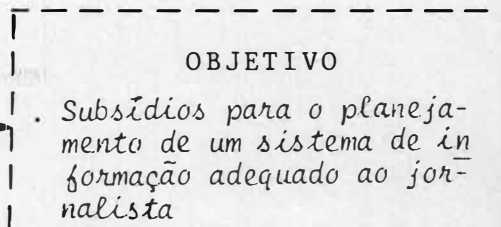
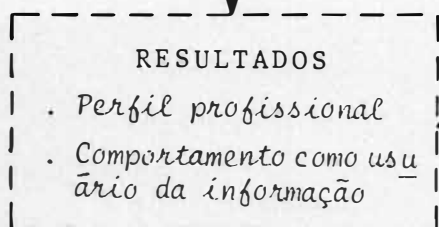
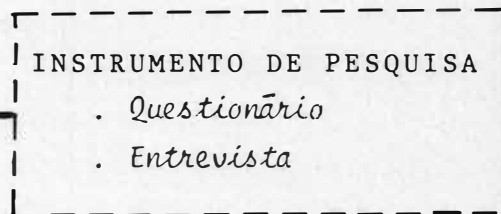
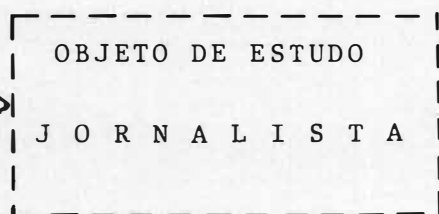
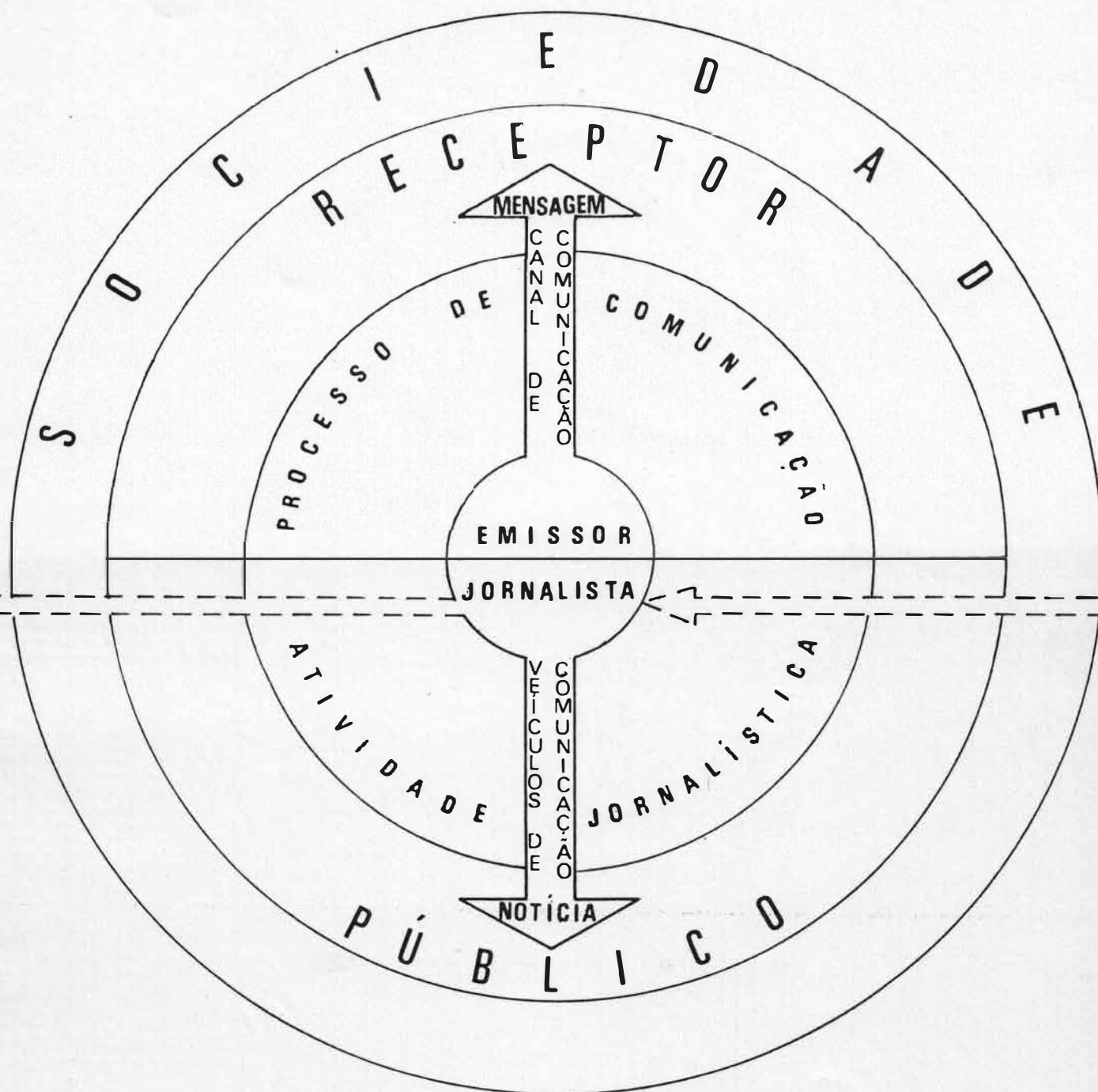
1.1 - A ATIVIDADE JORNALÍSTICA COMO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

A atividade jornalística, como atividade social de divulgar informação, é comparada ao processo de comunicação (Quadro nº 1). Ressalta-se, neste item, a responsabilidade do jornalista, que para informar e formar a opinião pública necessita, antes de tudo, estar bem informado.

Analizando o jornalismo, Otávio Frias Filho, um dos diretores da Folha de São Paulo, o caracteriza como uma linha de produção que se renova diariamente e, onde o jornalista, um profissional não es pecializado no assunto sobre o qual escreve, busca, através da obje tividade da linguagem e pressionado pelo tempo, informar um público que ele desconhece (4).

Otto Groth, discípulo de Max Weber, jornalista e professor a lemão, tentou dar ao jornalismo o caráter de uma ciência independen te, estabelecendo como seu objeto de estudo os jornais, revistas e folhas; definindo como características essenciais da nova ciência: a periodicidade, universalidade, atualidade e difusão e, formulando as leis que regem a atividade jornalística (1).

Entretanto, apesar da conceitualização de Groth, o jornalismo não é considerado nem como uma das Ciências Sociais. Na verdade, é definido como a atividade de divulgar notícias para uma comunida de, através da imprensa, rádio ou televisão, numa periodicidade re



gular e, com o objetivo não só de informar mas, também, de formar ou influir na opinião pública.

A comunicação pode ser considerada como um processo meramente informativo quando se limita a divulgar alguma coisa. No entanto, o caráter persuasivo da comunicação se manifesta quando se pretende estabelecer uma comunhão de idéias, pensamentos, sentimentos ou ações entre os membros de uma comunidade.

A atividade informativa efetuada através dos meios de comunicação de massa apresenta estes dois aspectos do processo de comunicação: o informacional e o persuasivo.

Muniz Sodré (9) diz que a Sociologia identifica dois sistemas de comunicação: o sistema oral e o sistema de media e, que o "sistema de comunicação pode servir como barômetro do desenvolvimento econômico de um país e como espelho de suas características sócio-político-culturais".

Ao estudar-se qualquer processo de comunicação temos que considerar seus elementos básicos: a fonte ou emissor, o canal, a mensagem e o receptor.

Para Muniz (9), o sistema oral tem como fonte ou emissor de informação uma pessoa de hierarquia superior, baseada no status social, que transmite uma mensagem, cujo conteúdo tem caráter prescritivo, de acordo com as tradições e costumes, através do canal da comunicação direta ou oral, a um receptor ou público de caráter primário ou homogêneo. Já o sistema de media tem como fonte de informação um profissional habilitado, que transmite uma mensagem de conteúdo descritivo, através da comunicação indireta, ou seja, um veículo de difusão, a um receptor ou público que é a massa e, como tal, heterogênea e dispersa.

Para Beneyto (2) no processo de comunicação informativa realizado através dos media, o emissor é o jornalista, visto não como um

indivíduo autônomo, mas sim, como o representante de uma organização ou empresa de comunicação. O canal é qualquer um dos veículos de comunicação de massa: o jornal, a revista, o rádio ou a televisão; cada um deles com uma natureza específica e, conseqüentemente, uma forma própria de divulgar a informação. A mensagem é a notícia, que pode ser abordada ao nível do acontecimento ou fato isolado, ao nível da conjuntura e ainda, ao nível mais amplo da cultura mas, cujo conteúdo, acima de tudo, tem que estabelecer com o receptor, relações significativas. E, finalmente, o receptor, que na comunicação informativa processada pelos media, também deixa de ser o indivíduo e passa a ser visto como um conjunto indiscriminado de consumidores, como massa, que vai ser dividida em parcelas específicas de acordo com os produtos que deseja ou, que lhe são oferecidos, tornando-se então público ou audiência.

O sistema de comunicação oral e o sistema de comunicação realizado através dos media existem e mesmo coexistem na sociedade como um todo. A nível da comunidade, considerada como um grupo constituído por indivíduos com características comuns, existem outros sistemas de comunicação. A sociologia da Ciência e a própria Ciência da Informação, por exemplo, têm-se dedicado, entre outros temas, ao estudo do processo da comunicação científica, que é a comunicação que se estabelece na comunidade científica, com o objetivo de transmitir o conhecimento científico e que se realiza através dos canais formais e/ou informais. No processo de comunicação científica a fonte ou emissor é o cientista, que transforma seu conhecimento em informação e emite esta informação em forma de mensagem através de um canal que pode ser formal, o periódico, ou informal, oralmente, para o receptor, que é comunidade científica.

Em quaisquer dos processos de comunicação o conteúdo da mensagem é sempre a informação. A informação é definida como qualquer

conjunto de signos que possui um significado. A informação tem valor de uso, é cumulativa, não pode ser separada de seu suporte físico e a ordem dos signos que a constitui não pode ser alterada sem que se altere também seu significado. A informação tem como objetivo modificar o conhecimento anterior do receptor, reduzir uma dúvida ou ainda preencher uma lacuna de seu conhecimento. A informação, no entanto, precisa ser desejada pelo receptor ou usuário.

Da mesma forma que nos outros processos de comunicação, no processo de comunicação científica o conteúdo da mensagem é a informação. A informação científica, objeto de estudo da Ciência da Informação, foi definida por Mikhailov (7) que, ao estudar suas propriedades estabeleceu uma classificação dicotômica para a informação. Assim, numa primeira divisão, a informação pode ser social e não-social. A informação social pode ser de dois tipos: semântica e não-semântica. E a informação semântica pode ser científica e não-cien-tífica. A informação social é a que se dá entre grupos humanos e a não-social é a que ocorre em outros ambientes, como a informação genética ou cibernética, por exemplo. A informação semântica é a que possui um significado e, a não-semântica, por oposição, é a informação constituída por signos fora de seu contexto. A informação científica é aquela "sobre fatos científicos, hipóteses, conceitos, teorias e leis que formam o fundamento de uma ciência ou campo do conhecimento" e, a informação não-científica e, por exemplo, a informação estética.

A partir da definição de informação conclui-se que a informação jornalística é o conteúdo da notícia, ou seja, o relato dos fatos, a mensagem divulgada através dos veículos de comunicação de massa. De acordo com a classificação de Mikhailov, ela pode ser enquadrada como informação social e semântica porém, não-científica.

Sintetizando os pontos de vista dos diferentes autores até aqui mencionados pode-se inferir que o que realmente diferencia a informação jornalística da informação científica é que ela não se restringe ao conhecimento registrado que fundamenta uma ciência e, também, na maioria das vezes, ela não possui autoria evidenciada.

No entanto, como produto da atividade jornalística, a informação jornalística é de fundamental importância para a sociedade pois, "A atividade jornalística, como atividade social, se exerce não só através do registro e divulgação de notícias mas, também, através da orientação e da formação da opinião pública" (3). Daí a importância de se estudar o jornalista como usuário da informação já que, para produzir as notícias que, divulgadas através dos veículos de comunicação de massa, orientam e formam a opinião pública, ele precisa antes de mais nada estar bem informado, não apenas a respeito dos fatos mas do que eles evidenciam.

Define-se, assim, como objeto de estudo desta dissertação o jornalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELAU, Angel Faus. La ciência periodística de Otto Groth. In: Jornalismo como disciplina científica. São Paulo, ECA, 1970.
2. BENEYTO, Juan. Informação e sociedade: os mecanismos sociais da atividade informativa. Petrópolis, Vozes, 1974.
3. BRAJNOVIC, Luka. Deontologia periodística: ensayos en torno de la etica profesional del periodista. Panplona, Universidad de Navarra, 1969. cap. 2.
4. FRIAS FILHO, Otavio. Antimanual de jornalismo. Folhetim, São Paulo, 18 nov.84.
5. A IMPRENSA ainda não tem características de veículo de massa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 out.84. p.27.
6. LINHARES, Maria Helena Andrade. O rádio como fator jornalístico e sua importância atual. Ordem & Desordem, Belo Horizonte, (3): 77-81, 1984.
7. MIKHAILOV, A.I; CHERNY, A.I. & GILYAREVSKYI, R.S.. A estrutura e principais propriedades da informação científica. In: GOMES, Hagar Espanha, org. Ciência da informação ou informática? Rio de Janeiro, Calunga, 1980.

8. SALLES, Mauro. Os meios de comunicação na atualidade. In: 1º Congresso Nacional de Comunicação e Informação, São Paulo, out. 1984.
(Texto de palestra)
9. SODRÉ, Muniz. A Comunicação do grotesco; introdução à cultura de massa brasileira. 6.ed. Petrópolis, Vozes, 1977. cap.1.
10. STROZEMBERG, Armando. A função do radiojornalismo. In: 1º Seminário de técnica de jornalismo. Rio de Janeiro, ABI, sd (comunicação hoje, 1) p.33.
11. WITT, Evans. Aqui, ali, por toda parte: onde os americanos procuram notícias. snt.
(Doc.datilografado, TV Globo-CEDOC)

2. PROBLEMA E HIPÓTESES

O jornalista, em sua atividade profissional, pode exercer diversas funções. Tendo em vista os objetivos propostos por este trabalho, considerou-se no estudo da comunicação apenas os jornalistas que exercem a função de repórter e repórter especializado. Este fato se justifica por ser o repórter, o jornalista que sai em busca da notícia, cobre os acontecimentos e escreve a matéria, pressionado pelo pouco tempo que resta até sua veiculação.

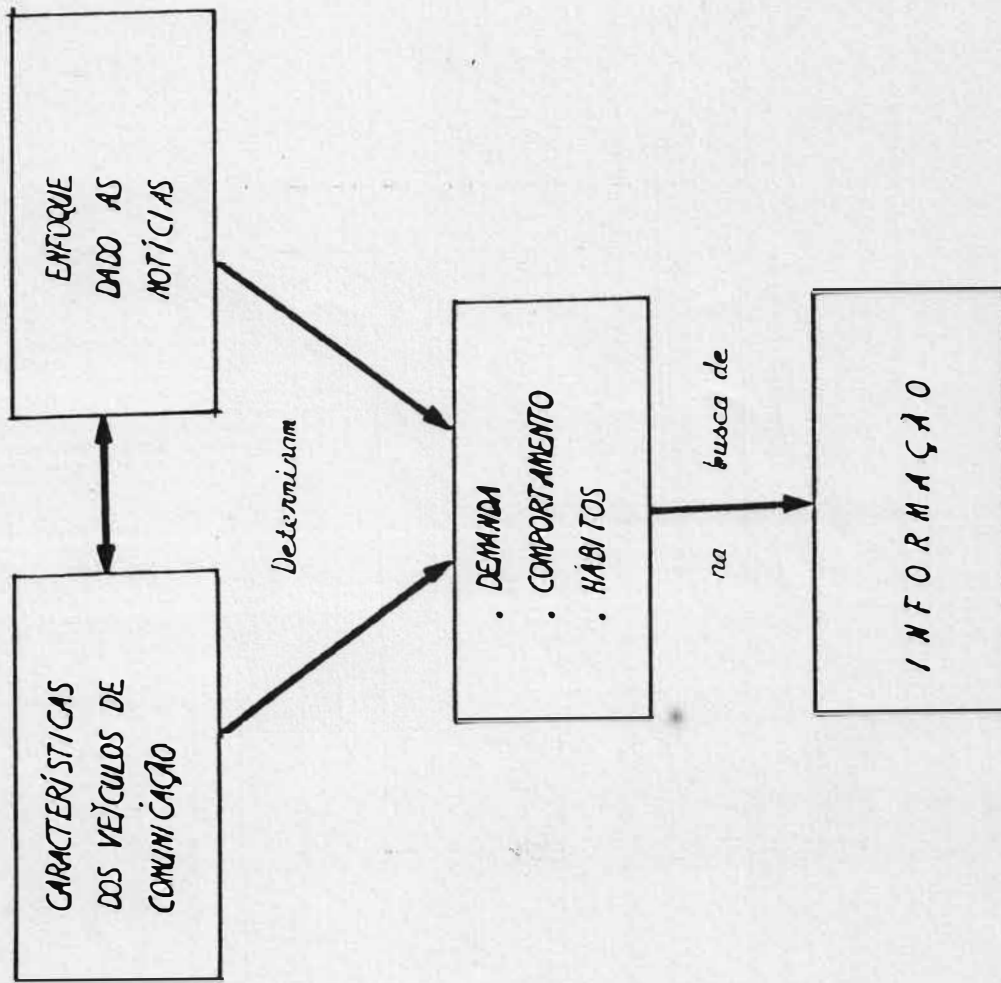
Considerando-se que as notícias podem se referir a todo e qualquer assunto, que é impossível que o repórter domine e possa escrever sobre assuntos de todas as áreas do conhecimento e, que os veículos de comunicação possuem características e linguagens próprias que determinam a forma em que a notícia é divulgada, é necessário que o repórter possa contar com sistemas de informação capacitados a satisfazer sua demanda de informação com eficiência, ou seja, com a precisão e a rapidez de resposta exigida por cada veículo.

Para se analisar o jornalista e seu comportamento na busca de informação estabeleceram-se duas hipóteses (Quadro nº 2):

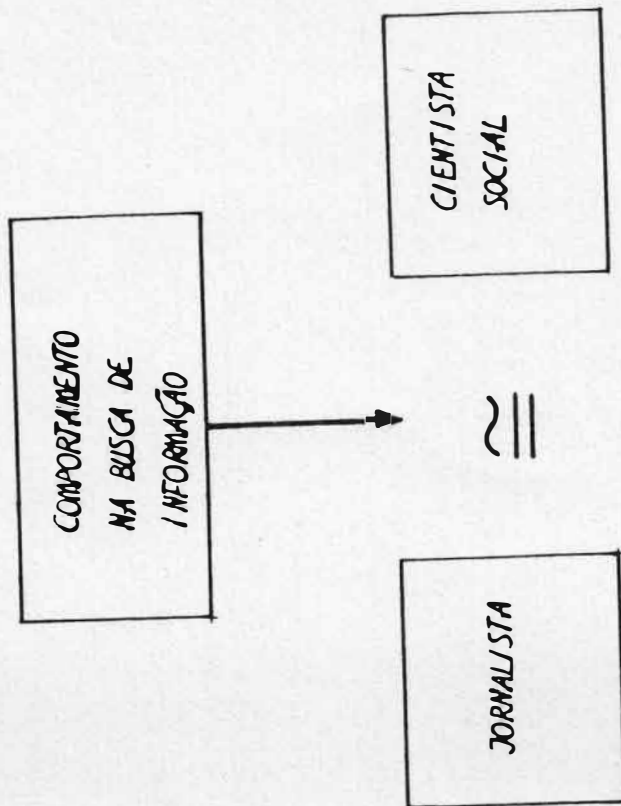
- 1 - as características de cada veículo de comunicação e, consequentemente, o enfoque dado às notícias que eles divulgam, influenciam o comportamento do jornalista como usuário da informação.
- 2 - o comportamento do jornalista na busca de informação poderia ser aproximado do comportamento do cientista social pois, ambos trabalham a realidade social e têm como matéria prima os fatos sociais.

HIPOTESES

PRIMEIRA



SEGUNDA



Definidos o objeto de estudo e as hipóteses a serem verificadas, obtem-se o conjunto de variáveis, referentes ao emissor, mensagem e canal, quais sejam: formação profissional e função do jornalista, processo de elaboração e divulgação das notícias e características dos veículos, que serão analisadas posteriormente no item 4, QUADRO REFERENCIAL, com o objetivo de fornecer os dados que permitam delinear o perfil profissional do jornalista e seu comportamento como usuário da informação e, também, definir os critérios para a elaboração do modelo de sistema de informação que seria adequado à comunidade de jornalistas.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura da Ciência da Informação demonstrou, no que se refere aos estudos de usuários, uma preocupação inicial com os cientistas e engenheiros, posteriormente com os tecnólogos e educadores e finalmente, com os cientistas sociais e funcionários da administração pública. Por não ter sido encontrado nenhum estudo sobre o jornalista e devido à segunda hipótese formulada neste trabalho, resolveu-se estudar mais detalhadamente a literatura sobre os cientistas sociais como usuários da informação, especificamente o projeto INFROSS, considerado o mais importante estudo na área. Também a literatura de comunicação de massa não revelou preocupação com o jornalista sob o aspecto enfocado neste estudo. A literatura sobre sistemas de informação para a imprensa está voltada para os aspectos de implantação, operacionalização e custos destes sistemas e muito pouco foi dito sobre o jornalista como usuário (Quadro nº 3).

3.1 - ESTUDOS DE USUÁRIOS

O usuário é a razão da existência de qualquer serviço ou sistema de informação. Portanto, a identificação das suas necessidades é fator indispensável para o planejamento e a administração de um sistema de informação, assim como também, a satisfação destas necessidades serve como medida para a avaliação dos serviços de informação.

Uma comunidade de usuários é, segundo Lancaster (9), um conjunto de indivíduos trabalhando numa área específica, todos eles usuários da informação sendo que, alguns também geradores ou produtores de informação.

Tobin e Line (24 e 13) afirmam que o termo estudo de usuários

R E V I S Ã O D E L I T E R A T U R A				
L I T E R A T U R A	C I Ê N C I A D A I N F O R M A Ç Ã O		C O M U N I C A Ç Ã O D E M A S S A	S I S T E M A S D E I N F O R M A Ç Ã O P A R A A I M P R E N S A
	C I Ê N C I A E T E C N O L O G I A	C I Ê N C I A S S O C I A I S		
ASPECTOS ENFOCADOS	a literatura de estudos de usu- ários está vol- tada na 1ª fase para os cientis- tas,engenheiros e na 2ª fase pa- ra os técnólogos e educadores.	na 3ª fase são estudados os cientistas so- ciais e os fun- cionários da administração pública - o jornalista não foi objeto de nenhum estudo de usuários na Ciência da In- formação.	o jornalista é enfoca- do sob o ponto de vis- ta de mercado de tra- balho, exercício de suas funções e experi- ências pessoais como profissional.	a literatura está cen- tralizada na implanta- ção, operacionalização e custos dos sistemas - pouco se diz sobre o jornalista como usuário da informação.

Fonte:
Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação :
imprensa, rádio e televisão. Rio de janeiro, 1987.
Dissertação de Mestrado

surgiu em 1960. Anteriormente, este estudo estava incluído num assunto maior denominado levantamento bibliográfico que, significa um conjunto de dados relativos às bibliotecas, suas atividades, serviços, pessoal, uso e usuários num determinado período de tempo.

Estudos de usuários podem ser definidos como investigações que pretendem determinar quais as necessidades de informação de um grupo específico de usuários e, se estas necessidades estão sendo ou não satisfeitas através de bibliotecas ou sistemas de informação.

O Centre for Research on User Studies (CRUS), criado em 1976 pela Universidade de Sheffield, na Inglaterra, estabelece o objetivo dos estudos de usuários: "o objetivo geral de pesquisas de usuários é a compreensão dos processos de transferência da informação. A pesquisa pode ser conduzida no sentido de aperfeiçoar os sistemas de transferência de informação, envolvendo a organização da comunidade, distribuição de fontes e relação entre sistemas" (23).

Os primeiros estudos de usuários datam da segunda metade da década de 40. De acordo com Brittain (3), os estudos de usuários podem ser divididos em três fases, tendo-se por base a orientação adotada. Na primeira fase, que se estende de 1948 a 1965, os estudos estavam centrados na investigação do uso da informação por cientistas e engenheiros. Estes estudos utilizavam questionários e entrevistas para coletar dados sobre os hábitos de obtenção de informação, com o objetivo de planejar sistemas de informação mais adequados às necessidades destes usuários. Na segunda fase, que se estende de 1965 a 1970, a preocupação central destes estudos era o comportamento dos usuários sob aspectos específicos como por exemplo, análise de citações, uso de coleções, etc. A partir desta fase foram utilizados métodos sociológicos para a análise da comunicação informal entre cientistas. A terceira fase iniciou-se em 1970 e tem como preocupação adequar o sistema aos usuários. Percebe-se então, um interesse em estudar usuários

de outras áreas mas, no entanto, a tendência ainda permanece restrita aos campos da ciência e tecnologia. Brittain (3) relaciona como usuários estudados na primeira fase os cientistas das ciências puras e os engenheiros, na segunda fase os tecnólogos e os educadores e, na terceira fase os cientistas sociais e os funcionários da administração pública.

A literatura sobre estudos de usuários registra somente no ARIST (Annual Review of Information Science and Technology) mais de 600 documentos publicados em dezoito anos. Estes estudos, realizados entre comunidades de países desenvolvidos, abordam temas como: uso e avaliação dos serviços de informação por cientistas e engenheiros e, fluxo da informação em laboratórios de pesquisa e desenvolvimento (17).

No Brasil, os primeiros trabalhos sobre estudos de usuários, inclusive teses, surgem a partir de 1969 (17).

De acordo com Wilson-Davis (25), os estudos de usuários podem ser de dois tipos: estudos centrados no uso das bibliotecas e centros de informação e, estudos centrados nos usuários e seu comportamento na obtenção de informação necessária para a realização de sua atividade profissional. Os estudos centrados no usuário incluem aqueles sobre necessidades de informação, sobre fatores que afetam a demanda, sobre canais de informação.

Lancaster (10) estabelece a distinção entre as necessidades de uma comunidade de usuários e suas demandas. Esta distinção é importante quando se pretende estudar comunidades de usuários pois, as necessidades de informação são contínuas, enquanto que as demandas expresam necessidades específicas e imediatas e podem ser estudadas através do comportamento e dos hábitos de obtenção de informação do usuário. Para Lancaster, demandas são necessidades de informação que são expressas pelos usuários. As demandas podem ser dois tipos: localização de um item de informação já conhecido pelo usuário e localização

de itens de informação sobre um assunto específico. Já as necessidades de informação de uma comunidade de usuários, além de mais numerosas que as demandas, são mais difíceis de serem reconhecidas pois, mesmo quando expressas em forma de demanda, muitas vezes não refletem as reais necessidades dos usuários.

Lancaster sugere que os estudos de usuários devem investigar tanto as necessidades como as demandas, em seus aspectos quantitativo e qualitativo e, assim, verificar quantas necessidades são convertedas em demandas, quais os fatores que determinaram esta conversão e, se as demandas expressam as reais necessidades dos usuários.

Faibisoff & Ely (6), relacionam os seguintes itens, como comuns aos cientistas e ao público em geral, no que se refere às necessidades de informação: rapidez da disseminação de informação; filtragem qualitativa da informação; quantidade certa de informação já selecionada, no momento certo, de forma adequada e compreensível e sem necessidade de pedir por ela; "browsing" para identificação de necessidades não-manifestas; acesso rápido e barato à informação; estar atualizado com a literatura; comunicação informal.

Os estudos de usuários têm adotado as seguintes metodologias para coleta de dados: questionários, entrevistas, observação, registros diários, análises do conteúdo, análises de citações, técnica de Delfos e técnica do incidente crítico. Estas metodologias são analisadas por Cunha (5) que, aponta as vantagens e desvantagens de cada uma e, por Schleyer (19) que, enfoca também os problemas das pesquisas sobre estudos de usuários.

Várias são as críticas às metodologias adotadas nos estudos de usuários (26). No entanto, os estudos de usuários realizados a partir de 1966 evidenciam, segundo Wood (26), um maior cuidado com a metodologia, ou seja, determinação científica da amostragem, uso da técnica do incidente crítico, maior elaboração das questões e tratamento esta

tístico dos resultados.

De um modo geral, as conclusões dos estudos de usuários mostram que é necessário o seu treinamento, que os usuários não usam as bibliotecas ou serviços de informação por desconhecerem sua capacidade e potencial informacional e mesmo quais os pontos de acesso à informação e, que o usuário pede ao sistema não a informação que ele necessita, mas sim, o que ele acredita que o sistema pode fornecer. Vários autores concordam que o fator determinante para a seleção de fontes de informação é a sua acessibilidade e facilidade de uso. Também é a facilidade de uso que determina a escolha do canal de informação. Os estudos apontam ainda a importância dos "gatekeepers" e do estímulo das instituições quanto à participação do usuário, enquanto cientistas, no processo de comunicação científica (23).

3.2 - ESTUDOS DE USUÁRIOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Apesar de não ter sido identificado nenhum trabalho sobre o jornalista como usuário da informação, considerando-se a segunda hipótese formulada nesta dissertação, levantou-se a literatura de estudos de usuários nas Ciências Sociais para tornar possível a comparação entre o comportamento do cientista e o do jornalista na busca da informação. De acordo com Line (11) são poucos os trabalhos publicados e ainda permanece pequeno o conhecimento sobre a demanda e necessidades dos cientistas sociais. Até 1970, Brittain (2) identifica 18 estudos sobre necessidades de informação na área das Ciências Sociais. E, de 1970 à 1983, segundo busca solicitada ao Centro de Ciência de Informação do IBICT (8), foram levantados mais 26 trabalhos.

Haart (7), analisando as Ciências Sociais e as características da sua informação e dos seus usuários, faz uma revisão de literatura sobre o escopo do termo Ciências Sociais, analisa as interligações en

tre as várias disciplinas destas ciências, fornece dados sobre o tamanho e o crescimento desta literatura, relaciona quais os tipos de fontes primárias e secundárias usadas, examina como ocorre a disseminação da informação e como esta informação é usada por pesquisadores, profissionais envolvidos em atividades práticas e "policy-makers".

Suas conclusões são: o termo Ciências Sociais tem diferentes interpretações, assim como, também, são diferentemente interpretadas as interligações existentes entre suas várias disciplinas; existe muita diversidade tanto no fornecimento quanto na demanda e nos serviços de informação, ocasionando o uso insatisfatório destes serviços; a literatura e as fontes primárias de pesquisa social são muito variadas; a diversidade de conceitos e terminologia torna a recuperação de informação complicada e, finalmente, cada categoria profissional necessita de métodos diferentes para preencher sua demanda de informação, exigindo-se soluções múltiplas para os problemas apresentados.

Um dos mais importantes projetos já realizados na área de estudo de usuários de Ciências Sociais foi o INFROSS (Investigation Into Information Requirements of The Social Sciences). Dirigido por Maurice Line e executado entre 1967 e 1970, o projeto INFROSS preten dia ser um estudo abrangente dos cientistas sociais do Reino Unido e, por isto foram incluídos nesta investigação tanto pesquisadores quanto profissionais das áreas de economia, antropologia, psicologia, sociologia, ciência política e educação. O projeto adotou três métodos de investigação: o questionário, a entrevista e a observação, e tinha como objetivo dar uma visão geral da área e identificar os pontos que necessitavam de maior estudo (12).

Line (11) identifica, através do projeto INFROSS, uma série de procedimentos no que se refere ao uso e à busca da informação por cientistas sociais. Segundo ele, os cientistas sociais usam as mesmas matérias primas de pesquisa (arquivos, observação, entrevista), os

mesmos tipos de informação (bibliográficos e não-bibliográficos) não importando sua profissão. As monografias são mais usadas do que os periódicos e os materiais não-bibliográficos, como registros sonoros, filmes etc, são usados por muito poucos. No que se refere aos métodos de descobrir referências bibliográficas relevantes para sua pesquisa, os resultados mostraram que os instrumentos bibliográficos formais são menos usados do que deveriam, os métodos informais são muito usados e "que os pesquisadores estão preparados para consultar quase todo mundo, menos o bibliotecário". O grau de uso de fontes de resumos foi mais baixo do que o esperado e foi demonstrado que há dificuldades no uso destas fontes devido à terminologia de indexação nas ciências sociais. A atualização com a literatura se dá através do uso dos periódicos de resumos, da comunicação informal e pelo manuseio de livros nas livrarias. Já a atualização ou o conhecimento das pesquisas em desenvolvimento é feito através de contatos pessoais e informais; apenas alguns mencionaram o uso de publicações tipo "pesquisas em processo". A descoberta acidental de informação relevante é um fenômeno menos comum, que ocorre, em geral, quando se folheia um periódico, quando se busca uma outra informação e ainda quando se manuseia livros da biblioteca. Também, a descoberta tardia de informação relevante é bastante freqüente e se deve ou à ineficiência do sistema ou à do usuário. No que se refere à barreira linguística, Line conclui que o pesquisador de língua inglesa é complacente com o problema já que a maior parte de toda informação é publicada em inglês e, sugere que provavelmente a situação é diferente em outros países. Também ficou demonstrado que a comunicação informal é amplamente usada pelos cientistas sociais.

As conclusões de Line (11), a partir dos resultados obtidos através do projeto INFROSS, são que as bibliotecas precisam ser maiores e melhor organizadas, os serviços de resumo e indexação pre

cisam ser mais rápidos, índices de citação devem ser desenvolvidos, as pesquisas em processo necessitam maior controle bibliográfico, os serviços de tradução precisam de implementação e, também é necessário haver literatura de revisão como existe na área científica. No entanto, nenhuma destas melhorias por si só vai resolver o problema pois todas elas requerem, em maior ou menor grau, o esforço do usuário e, como é sabido, o usuário obedece à lei do menor esforço.

Line afirma que o treinamento de usuários melhora sua competência em usar os serviços de informação, mas dificilmente aumenta sua motivação. Assim, o caminho será desenvolver serviços informais e pessoais, deliberadamente, explorando os serviços formais, que podem ser desenvolvidos em qualquer nível de complexidade, em benefício dos usuários.

Skelton (21) compara os resultados de estudos de usuários na ciência com os resultados do projeto INFROSS e traça um perfil geral do comportamento na busca de informação dos dois tipos de cientistas, concluindo que não existe muita diferença de comportamento na busca de informação entre os cientistas e os cientistas sociais: ambos usam os mesmos tipos de fontes de informação e os mesmos métodos de recuperação de informação, ambos têm problemas no que se refere à barreira linguística. No entanto, o grau de uso dos diferentes métodos de recuperação da informação e o tipo de problemas criados variam e contam para fazer a diferença entre o comportamento de busca de informação do cientista e do cientista social. A comparação entre cientista, o cientista social e o jornalista com usuários da informação é que vai fornecer subsídios para a discussão da 2ª hipótese levantada por esta dissertação.

É certo que a interação entre usuário e sistema de informação, visando o aperfeiçoamento do processo de transferência da informação, pode ser realizada através do estudo de usuários. No entanto,

como diz Paisley (16), é preciso estudar o usuário levando-se em consideração sua formação, seu meio, suas atividades e todos os fatores que o afetam ou seja, é preciso estudar o usuário inserido no sistema social, político e econômico.

3.3 - LITERATURA DE COMUNICAÇÃO

Na literatura de comunicação de massa também não foi identificado nenhum estudo que enfocasse o jornalista como usuário da informação.

A obra de referência coordenada por Melo (14) resume cerca de 2.100 artigos publicados em 36 periódicos da área, durante as décadas de 1960 e 1970 (Anexo nº 1). Dentro da área de interesse mais geral deste estudo -os meios de comunicação de massa- a análise efetua da na obra mostra que 536 artigos tratam da imprensa em geral, os veículos de comunicação e as técnicas e o ensino do jornalismo; muitos deles enfocam o assunto em outros países que não o Brasil. Sobre o jornalista, especificamente, estão relacionados cerca de 50 artigos que tratam do seu exercício profissional, mercado de trabalho e relatos de experiências pessoais (Anexo nº 2).

As fontes bibliográficas de comunicação de massa que indexam a literatura posterior à década de 70 (1, 4, 22) também não referenciam trabalhos sobre o tema desta dissertação.

3.4 - A LITERATURA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO PARA A IMPRENSA

A literatura sobre os sistemas de informação para a imprensa é resultante da aplicação dos recursos da informática nas redações dos jornais e das estações de televisão, principalmente nos Estados

Unidos, e se direciona para os aspectos de implantação, operacionalização e custos destes sistemas, sem no entanto focalizar seus usuários (15, 18, 20).

Também vem crescendo a literatura sobre bases de dados de imprensa (15) e seu uso, pelas bibliotecas dos jornais, como fontes de informação para os jornalistas. Newcombe e Trivedi (15) afirmam que o custo considerável da busca on-line é recompensado com reportagens mais interessantes. Especificamente sobre o jornalista como usuário da informação os autores citados afirmam que a maior parte de sua demanda de informação se resume a um dado rápido como, por exemplo, ortografia, datas, estatísticas e nomes. Os autores observam, também, que o jornalista não aprecia a pesquisa nos índices impressos e que o acesso on-line às bases de dados, realizado por um técnico especializado da biblioteca, resolve seus problemas de informação, "sem esforço, por meios eletrônicos".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Catálogo do Banco de Teses. Brasília, MEC/CNPq, 1976.
2. BRITTAIN, J.M. Information and its users: a review, with special reference to the social sciences. Bath, Bath University Press, New York, Wiley, 1970. Apud LINE, M.B. Information needs of the social sciences. INSPEL, 8 (2): 29-39, 1973.
3. BRITTAIN, J.M. User studies, user behavior and user instruction: series of lectures and seminars. In: 9º Congresso Brasileiro e V Jornada Sul Riograndense de Biblioteconomia e Documentação. Porto Alegre, 3-8 jul., 1977. Apud. FIGUEIREDO, Nice. Avaliação de coleções e estudo de usuários. Brasília, ABDF, 1979.
4. CNPq. Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, IBBD, 1955.
5. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10 (2): 5-19, jul/dez 1982.
6. FAIBISOFF, S.G. & ELLY, D.P.. Information and information needs. Information Reports and Bibliographies, 5 (5): 2-16, 1976. Apud. KREMER, Jeanette. Fluxo de informação entre engenheiros; uma revisão da literatura. Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG,

Belo Horizonte, 9 (1): 7-41, mar. 1980.

7. HAART, H.P. Hogewegde. Social science and the characteristics of social science information and its users. Int. Forum Inf Doc, 8 (1): 11-15, 1983.
8. IBICT. CCI. Serviço de Busca Retrospectiva Manual. BR 014/84.
9. LANCASTER, F.W. Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation. 2. ed. New York, Wiley, 1979.p.1-7.
10. _____. _____.p. 140-2
11. LINE, Maurice B. Information needs of the social sciences. INSPEL, 8 (2): 29-39, 1973.
12. LINE, Maurice B. The Information uses and needs of social scientists: an overview of INFROSS. Aslib Proceedings, 23 (8): 412-34, Aug.1971.
13. LINE, Maurice B. Library survey. London, Clive Bingley, 1967. p. 7-8. Apud. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10 (2): 5-19, jul/dez 1982.
14. MELO, José Marques de, coord. Periódicos brasileiros de comunicação das décadas de 60 e 70. São Paulo, PORT-COM/INTERCOM/CNPq, 1984. 2v.

15. NEWCOMBE, Barbara & TRIVEDI, Harish. Newspapers and eletronic databases: present technology. Wilson Library Bulletin, 59 (2): 94-7, Oct. 1984.

16. PAISLEY, W.J. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A. ed Annual review of information science and technology. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1968 v.3, p. 1-30.
Apud. ARAUJO, Vania Maria Hermes, de. Usuários: uma visão do problema. R. Esc. Bibliotecon UFMG, Belo Horizonte, 3 (2): 175-92 set. 1974.

17. PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas et alii. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica. In: GOMES, Hagar Espanha, org. A contribuição da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico científica. Rio de Janeiro, Calunga, 1978.

18. ROSS, Nina M. Newspaper databases update, 1982. National Online Meeting Proceedings 1983. p. 463-73.

19. SCHLEYER, Judith Rebeca. Estudos de usuários: introdução à problemática e à metodologia. In: MACHADO, Ubaldino Dantas, ed. Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília, ABDF, 1982.

20. SEBASTIAN, Mercedes Caridad. Las bases de datos de prensa. Rev Esp. Doc. Cient., 6 (3): 225-46, 1983.

21. SKELTON, Barbara. Scientists and social scientists as information users: a comparison of results of science user studies

with the investigation into information requirements of social sciences. J. Librarianship, 5 (2): 138-56, 1973.

22. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Bibliografia Brasileira de Comunicação. São Paulo, INTERCON-ECA/USP, CNPq-IBICT, 1977.
23. SUGAI, Mioka. Estudo de usuários: uma revisão da literatura. Brasília, 1981 (Trab. do Curso de Especialização em Administração de Sistemas de Informação, Faculdade Católica de Ciências Humanas/ABDF).
24. TOBIN, J.C. A study of library use studies. Information Storage and Retrieval, 10 (3-4): 101-13, 1974. Apud. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10 (2): 5-19, jul/dez. 1982.
25. WILSON-DAVIS, K. The Centre for Research on user Studies: aims and functions. Aslib Proceedings, 29 (2): 65-69, Feb. 1977. Apud. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10(2): 5-19, jul/dez. 1982.
26. WOOD, D.N. User studies: a review of the literature from 1966 to 1970. Aslib Proceedings, 23(1): 11-23, Jan 1971. Apud. ARAUJO, Vania Maria Hermes de. Usuários: uma visão do problema. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 3(2): 175-92, set. 1974.

4. - QUADRO REFERENCIAL

O quadro referencial, que descreve a natureza da atividade jornalística, tem por objetivo fornecer subsídios para a interpretação e análise dos dados obtidos através da aplicação dos instrumentos de pesquisa e, também, para a verificação da validade das hipóteses levantadas por esta dissertação (Quadro nº 4).

Adotando-se o esquema do processo de comunicação, explicitado no item 1.1, analisam-se os elementos da atividade jornalística: o jornalista sob os aspectos de formação e legislação profissional, funções exercidas, rotina de trabalho e autoria da matéria; a notícia sob o ponto de vista do processo de elaboração e divulgação; e os veículos de comunicação e suas características em relação às notícias que divulgam. Os aspectos analisados referem-se às variáveis definidas na formulação das hipóteses, ou seja, os fatores aos quais se atribui o comportamento do jornalista como usuário da informação.

4.1 - O JORNALISTA

Elemento-chave da atividade jornalística e objeto de estudo desta dissertação na medida em que se pretende traçar seu perfil profissional e conhecer seu comportamento como usuário da informação, o jornalista é estudado através da análise de sua formação e legislação profissional das funções que exerce, de sua rotina de trabalho e da autoria das matérias, por se supor que estes fatores influenciam seu comportamento como usuário da informação e contribuem para formar parte do conjunto de condições necessárias ao uso de informação.

Q U A D R O R E F E R E N C I A L		
J O R N A L I S T A	N O T Í C I A	V E Í C U L O S
<ul style="list-style-type: none"> . formação profissional . legislação profissional . funções do repórter . rotina de trabalho . autoria da matéria 	<ul style="list-style-type: none"> . processo de elaboração e divulgação 	<ul style="list-style-type: none"> . características intrínsecas

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

4.1.1 - Formação e Legislação Profissional

Apesar da imprensa ter surgido no Brasil no início do século XIX a formação dos profissionais da área sempre se caracterizou pelo empirismo e pelo autodidatismo, tanto aqui como em outros países. Segundo Elie Abel (11), canadense radicado nos EUA e professor da Universidade de Stanford, apenas seis países em todo o mundo exigem diplomas de jornalismo para o exercício da profissão.

No Brasil, o ensino do jornalismo foi instituído em nível universitário em 1943, através do Decreto-Lei Nº 5.480 de 1º de maio. No entanto, somente em 1947 é que se instalou a Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, na PUC de São Paulo.

Atualmente, o jornalismo é, juntamente com cinema, editoração, publicidade e propaganda, televisão e relações públicas, uma das áreas de especialização de Comunicação Social, curso que, reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura, é oferecido por 10 faculdades no Estado do Rio de Janeiro e por mais outras 57 no resto do Brasil e, cujo o curriculum mínimo foi fixado pela Resolução nº 2 do Conselho Federal de Educação de 24 de janeiro de 1984 (5).

Entretanto, apesar do número elevado de cursos de jornalismo, a tendência ao autodidatismo na formação profissional ainda se manifesta. Em São Paulo, onde existem 21 faculdades com cursos de Comunicação Social, uma pesquisa efetuada em 1972 com um grupo de 118 jornalistas numa faixa etária de 20 a 50 anos, todos sindicalizados, revelou que 48 não possuíam curso universitário, 20 eram advogados, 8 eram formados em jornalismo e 4 em comunicação (3). Estes dados complementam os resultados encontrados por uma pesquisa realizada em 1967, também em São Paulo, com empresários de jornalismo, jornalistas e diretores de cursos de jornalismo: em cada 10 bacharéis de jornalismo, apenas 3 exercem a profissão, 1/3 não chega a procurar

emprego em jornalismo, e outro 1/3 encontra resistência por parte dos empresários. Nesta pesquisa, 88% dos empresários entrevistados dizem que não há propriamente resistência ao aproveitamento dos bacharéis em jornalismo nas empresas; o que existe é uma necessidade de profissionais capacitados, com experiência prática e, daí, nem sempre os jornalistas formados nas universidades serem escolhidos pelo fato de precisarem ainda de treinamento (3). As respostas fornecidas pelos diretores de cursos permitem concluir que o ensino de jornalismo está dissociado das inovações tecnológicas da área: os cursos são teóricos, as universidades não possuem biblioteca especializada, os estágios não são supervisionados pela universidade ou pelos professores (3). Isto tudo reflete uma má qualidade do ensino que, para José Marques de Melo (12), não é um problema das escolas de jornalismo, "é problema da universidade como um todo".

A formação profissional do jornalista, a nível universitário, pode ser analisada através da regulamentação da profissão. A primeira legislação sobre a profissão de jornalista no Brasil data de 1938, o Decreto-Lei 910 de 30 de novembro, que estabelece que quando fossem criadas escolas para formação de profissionais da impresa, só poder-se-iam registrar como jornalistas os profissionais portadores de diplomas destas escolas. O Decreto-Lei 910 permaneceu em vigor até a divulgação do Decreto 51.218, de 22 de agosto de 1961, que estabelecia a obrigatoriedade do diploma em jornalismo para o exercício da profissão. Este Decreto foi revogado em janeiro de 1962 e em junho do mesmo ano, o Decreto 1.177 regulamentava o exercício da profissão, estabelecendo que os não diplomados estavam obrigados a fazer um estágio de 36 meses consecutivos ou de 42 meses interrompidos, num período de 48 meses, para obter seu registro profissional. Novamente, em 1969, através do Decreto-Lei 972, de 17 de outubro, tornou a ser exigido o diploma de curso superior de jornalismo

para o exercício legal da profissão. Este Decreto também estipulava as condições para registro dos provisionados e estabelecia a obrigatoriedade do estágio, por um período de um ano, para a obtenção do registro profissional pelos jornalistas formados. No entanto, a obrigatoriedade do estágio foi abolida pela Lei 6.612, de 7 de dezembro de 1978. Em 1979, o Decreto 83.284, regulamentou o Decreto-Lei 972, de outubro de 1969, extinguindo a obrigatoriedade do estágio para os profissionais formados e estabelecendo exigências para o registro profissional dos provisionados. Em 1985, através da Lei 7.360, de 19 de setembro, regulamentada pelo Decreto 91.902 de 11 de novembro, ocorreu a última mudança na legislação sobre o exercício da profissão: foi permitido o registro profissional dos provisionados que comprovem o exercício da profissão nos dois anos anteriores ao Decreto 83.284, de 13 de maio de 1979. No entanto, o Decreto 91.902, manteve a figura do provisionado para os locais onde não haja curso de jornalismo, nem jornalistas disponíveis para o exercício da profissão. (13).

Analisando-se a legislação sobre a regulamentação profissional do jornalista, observa-se que somente no período de 1938 a 1961 é que não é enfocado o provisionado.

Apesar do curso de jornalismo ter sido instituído a nível universitário em 1943, como foi dito anteriormente, a primeira faculdade de jornalismo foi criada em 1947 e, portanto o Decreto-Lei 910 só pôde ser aplicado depois desta data. Conclui-se que, pelo menos até fins da década de 40, eram profissionais egressos de outros cursos ou mesmo sem formação universitária que exerciam a profissão de jornalista.

A exigência de formação universitária, em cursos de jornalismo, para o exercício legal da profissão voltou a ser discutida em fevereiro de 1986, com a proposta de se estudar na Comissão Provi

sória de Estudos Constitucionais o fim da obrigatoriedade do diploma de jornalismo. Este debate, amplamente divulgado pela imprensa, coloca em jogo não apenas a reserva de mercado para os jornalistas mas, também, a qualidade da informação veiculada já que, tanto os profissionais da imprensa como os professores de cursos de jornalismo concordam que a qualidade do ensino deixa a desejar e que os profissionais que se formam anualmente não estão suficientemente capacitados para garantir qualidade ao jornalismo (13). O tema é polêmico e as opiniões divergem. Naturalmente, a maior reação contra a extinção da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo parte das escolas de Comunicação. No entanto, não se pretende acabar com o curso de jornalismo mas sim, permitir a profissionais de outras áreas, como historiadores, cientistas sociais, economistas, o exercício da profissão de jornalista, pois estão mais capacitados do que os jornalistas a manipular informação especializada que, segundo Otávio Frias Filho (6), cada vez mais, é a que gera maior interesse no público.

4.1.2 - As Funções do Jornalista

No exercício de sua profissão, o jornalista pode atuar em funções diversas que possuem atribuições bem definidas. Acredita-se que a função que exerce é uma das variáveis que afetam o comportamento do jornalista como usuário da informação.

As funções básicas da atividade jornalística se apresentam em sete especializações principais: editor, redator, repórter, apurador, pauteiro, articulista e editorialista. Existem ainda as funções de: colunista, enviado especial, correspondente, colaborador, secretário de redação e chefe de reportagem.

De um modo geral, as atribuições de cada função são iguais,

nos diferentes veículos. Algumas variações existentes são oriundas de decisões administrativas das empresas de comunicação.

O editor tem como atribuição selecionar as matérias que vão ser publicadas. No rádio e na televisão o editor é o responsável pela forma final da notícia que vai ao ar.

O redator é quem reescreve as matérias escritas pelos repórteres, traduz e escreve as notícias transmitidas pelas agências noticiosas, via telex. No rádio, por exemplo, é o redator quem recebe pelo telefone a matéria do repórter que está na rua e faz o texto final.

O repórter é quem sai em busca da notícia e escreve a matéria. As características básicas da profissão de repórter são as mesmas, independentemente do veículo onde atue profissionalmente: "a busca da notícia, a compreensão do fato a ser transmitido, a seleção de fontes adequadas para falar sobre o assunto, a fidelidade de informação, a reprodução exata do que dizem os entrevistados, o aprofundamento das questões levantadas e a busca da forma mais simples de levar a informação ao público". (8,p.71).

O repórter especializado é aquele que escreve sobre uma determinada área do conhecimento, apesar de, na maioria das vezes, não ter graduação em sua área de especialização.

O apurador é aquele que checa as informações, ou seja, é quem verifica a veracidade dos dados, de boatos, confirma data e local de eventos etc. Seu trabalho é feito em geral pelo telefone.

O pauteiro é o jornalista encarregado de montar a pauta. Sua função é saber tudo o que está ocorrendo ou por ocorrer, pois é quem determina que assuntos vão ser abordados em cada edição do jornal, revista, telejornal ou noticiário de rádio. O pauteiro monta a pauta através da leitura dos jornais diários, de releases, de agendas e de informações recebidas por outras fontes. Normal

mente a pauta é montada de véspera e discutida com os repórteres em uma reunião ou de maneira informal, dependendo da empresa.

O articulista é aquele que escreve artigos sobre os mais variados assuntos, encomendados ou não pela direção do departamento de jornalismo da empresa. De um modo geral trabalham como "free-lancers" sem vínculos empregatícios com as empresas e assinam suas matérias.

O colunista é o jornalista que possui no jornal ou na revista uma coluna assinada normalmente na mesma página e de periodicidade regular.

O enviado especial é o jornalista que é enviado para um local determinado, no país ou no exterior, com a finalidade de cobrir um acontecimento específico.

O correspondente é o repórter fixo em determinado local no país ou no exterior e que tem a atribuição de cobrir os acontecimentos daquela área geográfica.

O colaborador é o repórter que presta serviços remunerados ou não a uma empresa de comunicação.

O secretário de redação tem como atribuição coordenar a edição, ou seja, distribuir o espaço do jornal pelas diversas editorias, escolher as matérias que vão ser publicadas, fiscalizar a aplicação das normas da redação, fazer a 1ª página do jornal e, eventualmente, substituir o editor.

O comentarista é o repórter que comenta os fatos de determinada área de assunto.

O chefe de reportagem tem como atribuição distribuir pelos repórteres as notícias a serem cobertas, é o editor da reportagem geral.

O editorialista é quem opina sobre acontecimentos importantes divulgando a respeito deles a posição do jornal.

4.1.3 - Rotina do Repórter

O processo de elaboração da notícia se inicia com as pautas e, basicamente, o repórter tem três procedimentos-padrão para escrever a matéria: a reportagem propriamente dita, ou seja, a apuração do fato em loco; a pesquisa sobre o assunto no centro de informação da empresa onde trabalha e posterior complementação da matéria com dados atuais ou, a realização da matéria somente com material de arquivo (Anexo nº 3). No entanto, sua rotina de trabalho difere segundo as características de cada veículo de comunicação.

4.1.4 - Autoria da Matéria

O aspecto autoria da matéria foi considerado neste estudo ao se verificar que gradualmente vem crescendo nos veículos de comunicação o número de matérias assinadas, e que isto implica, para o repórter, em maior responsabilidade pela informação que está sendo divulgada e, portanto, acredita-se que este seja um fator que afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação.

De um modo geral, as assinaturas de matérias podem ser divididas nos seguintes grupos: repórter, colunista, correspondente estrangeiro, enviado especial, agência noticiosa e articulistas. Porém, os critérios para assinar ou não as matérias são ditados por decisão administrativa de cada empresa e muitas vezes diferem de editoria para editoria na mesma empresa.

4.2 - A NOTÍCIA

A notícia, o segundo elemento da atividade jornalística como processo de comunicação e produto final desta atividade, é analisada do ponto de vista do processo de sua elaboração e divulgação. Determinada pela pauta, que segue a orientação ideológica da empresa de comunicação que a divulga, a notícia tem, também, seu enfoque determinado pelas características e linguagens específicas de cada um dos veículos de comunicação.

Em última instância, a informação transmitida pelos veículos de comunicação de massa é a notícia, definida como uma informação comunicada, um relato de um acontecimento ou de um fato passível de observação e verificação. Sua característica fundamental é a novidade que, através da divulgação cai em domínio público.

Juan Beneyto (2) define a notícia como "toda imagem segunda convertida em símbolo; de estrutura funcional aberta, conteúdo novo, imediato e conformador. Produto intelectual capaz de difundir-se por seu interesse, chegar a ser autônomo e ter efeito multiplicador por sua comunicabilidade".

Na verdade, para que um relato de um acontecimento tenha valor de notícia é necessária a presença de pelo menos um dos seguintes fatores: interesse pelo fato em si, pelo ineditismo, pela importância das pessoas envolvidas ou pela curiosidade que despertará no público; atualidade; novidade; proximidade geográfica do acontecimento e extensão dos efeitos causados pelo fato. É importante observar que estes fatores normalmente se acham interligados na notícia (8).

Com relação à procedência geográfica as notícias podem ser classificadas em: locais, estaduais, nacionais e internacionais (10).

E, em relação à procedência das fontes, as notícias podem ser classificadas em: previstas, quando se tem conhecimento do fa

to antecipadamente; imprevistas quando inesperadas; mistas quando algo de inesperado ocorre durante um acontecimento previsto; e, con dicionadas, que são as notícias que chegam através dos "press-releases" ou dos serviços de assessoria de imprensa de enti dades públicas ou privadas (10). (Anexo nº 4).

A notícia, como produto final veiculado pelos meios de comu nicação de massa, é produzida pelo repórter a partir da pauta. A pauta determina que assuntos vão ser tratados e como vão ser abor dados, de acordo com o tipo de veículo e de noticiário, do público a que se dirige e também dos recursos de que dispõe para realizar a cobertura, orientando o repórter e situando-o face ao aconteci mento que irá cobrir. A pauta é elaborada a partir de um conjunto de fontes de informação formado pelos jornais, revistas, telejor nais, noticiário das rádios, serviços de agências de notícias, "press-releases", contatos e também por informações trazidas pelos próprios repórteres ou editores da empresa (7). Os centros de do cumentação das empresas jornalísticas também podem contribuir para a elaboração da pauta fornecendo calendários de eventos.

A etapa seguinte do processo de produção da notícia é a reu nião de pauta que, dependendo da empresa, pode ser formal ou mesmo informal. Na reunião de pauta, discutem-se os assuntos incluídos e distribuem-se tarefas aos repórteres.

De posse de sua pauta, o repórter sai em busca da notícia, procedendo como foi descrito anteriormente no item 4.1.3.

A etapa seguinte do processo não é fixa. A matéria produzida pelo repórter pode ir para o redator, para ser reescrita ou não, como também pode ir diretamente para o editor para ser ou não a provada para edição. Em alguns casos, como nas coberturas ao vivo, elas são transmitidas ou divulgadas diretamente, sem passar pelo editor. Também, muitas vezes, o repórter faz a edição técnica e a locução, especificamente no rádio e na televisão, sem que a maté

ria passe pelo redator.

Divulgada a notícia, através dos veículos de comunicação, ela se torna um produto das fontes de informação (jornais, revistas, telejornais e noticiários de rádio) que geram a pauta. Assim, a notícia de hoje fará parte da pauta de amanhã, completando-se o ciclo do processo. Ao atingir o público, o usuário, a notícia gera também a comunicação de retorno, através de cartas, telefonemas ou telegramas de leitores, ouvintes ou telespectadores, estabelecendo-se o processo de comunicação entre o público e os veículos. O Quadro nº 5 sintetiza o processo de elaboração e divulgação da notícia até aqui descrito.

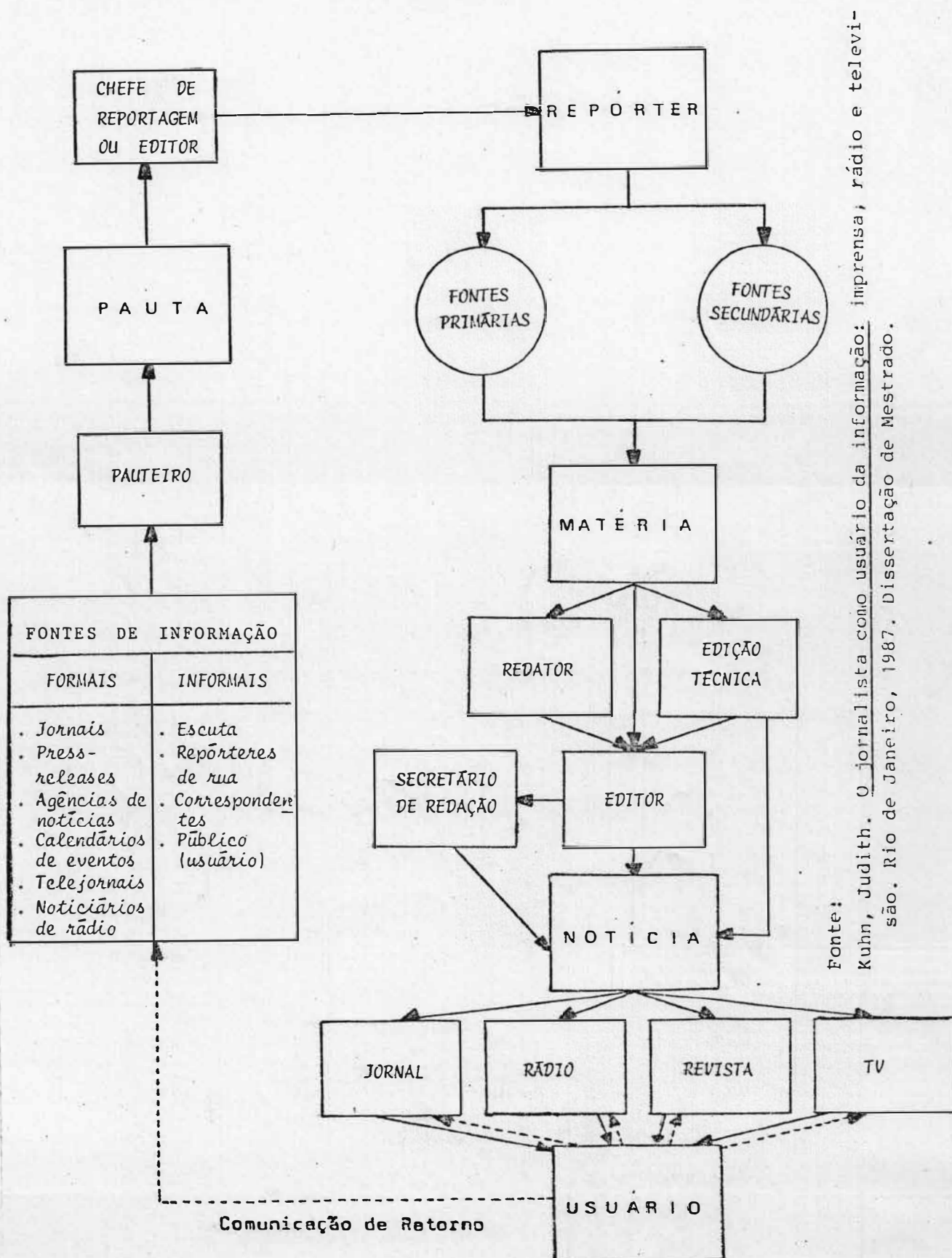
O produto final divulgado pelos veículos de comunicação pode ser de dois tipos: notícia e reportagem (*). A notícia já foi definida como o relato de um acontecimento. "A reportagem é o trabalho que desenvolve a notícia, enriquecendo-a com pormenores e informações complementares" (15). A reportagem pode ser expositiva, interpretativa ou opinativa.

Reportagem também é definida como "conjunto de providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística: cobertura, apuração, seleção dos dados, interpretação e tratamento, dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico informativo..." Considera-se incorreto designar reportagem como um tipo de notícia descritiva, mais apurada e ampla, acompanhada de documentação e testemunhos. Na verdade este tipo de notícia é resultado de uma reportagem e não a reportagem em si". (14).

Resumindo, a notícia é elaborada a partir da pauta, que orienta o repórter e, de certa forma, restringe sua criatividade pois, determina inclusive o enfoque a ser adotado ou seja, como o repór

(*) Neste trabalho foi adotado o termo notícia para se designar o produto final divulgado pelos veículos de comunicação.

PROCESSO DE ELABORAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA NOTÍCIA



ter deve conduzir a matéria, o que perguntar. Este fato deve ser considerado no contexto da atividade jornalística, onde o repórter não é visto como um emissor autônomo mas sim, como o representante de uma empresa de comunicação que tem sua ideologia definida.

4.3 - OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

De acordo com a analogia estabelecida entre a atividade jornalística e o processo de comunicação, o veículo é o canal através do qual a notícia é divulgada. Os veículos de comunicação, divulgam em maior ou menor grau, três tipos de mensagens: a notícia, o entretenimento e a publicidade. Esta dissertação, no que se refere aos veículos de comunicação, está voltada apenas para a divulgação de notícias e é sob este ponto de vista que as características dos veículos são analisadas.

Os veículos de comunicação possuem características intrínsecas e extrínsecas. Consideram-se como características intrínsecas a abrangência de cobertura das notícias, o enfoque do conteúdo, a linguagem, a interação com o público e a rapidez de divulgação das notícias. E, como característica extrínsecas, o alcance da divulgação e a credibilidade do veículo.

Analisando-se as características intrínsecas e extrínsecas dos veículos de comunicação, verifica-se que apenas as características intrínsecas, excetuando a interação com público, têm relação com o enfoque adotado para a divulgação das notícias. São também as características intrínsecas, de acordo com a primeira hipótese formulada neste projeto, que afetam o comportamento do jornalista, no que se refere à demanda e busca de informação necessária à elaboração da matéria. Portanto, apenas estas características são analisadas nesta dissertação.

4.3.1 - Características Intrínsecas

Consideram-se como características intrínsecas aquelas que são inerentes ao próprio veículo enquanto veículo de comunicação e não ao veículo enquanto uma empresa de comunicação específica. As características da televisão e não as da TV Globo, por exemplo.

Cada uma das características intrínsecas é analisada em cada tipo de veículo de comunicação (Quadro nº 6).

4.3.1.1 - Abrangência de Cobertura

Por abrangência de cobertura, entende-se a variedade de assuntos divulgados pelos veículos de comunicação. Supõe-se que a abrangência de cobertura está relacionada ou está na dependência direta da capacidade do jornalista enquanto usuário da informação e na disponibilidade de recursos informativos organizados, na medida em que, nenhum profissional pode dominar a gama de assuntos cobertos pelo veículo e, portanto, necessita do apoio de um sistema de informação. Desta forma, a abrangência de cobertura pode ser uma condicionante para que o jornalista se torne um efetivo usuário da informação.

JORNAL

O jornal é o registro diário dos acontecimentos mais importantes ocorridos no mundo. Apesar de ser de certa forma seletivo, já que seria impossível cobrir todos os fatos ocorridos no mundo, o jornal é o veículo mais abrangente de todos, pois registra maior quantidade e variedade de assuntos sendo, portanto, um veículo noticioso por excelência.

<div>VEÍCULOS</div> <div>CARACTERÍSTICAS</div>	J O R N A L	R E V I S T A	R Á D I O	T V
ABRANGÊNCIA DE COBERTURA	Abrangente: noticioso por excelência	Seletiva, notícias mais impor- tantes da semana	Seletivo, as notícias mais importantes do dia	
ENFOQUE DO CONTEÚDO	Descritivo	Interpretativo		Informativo
LINGUAGEM	Preciso e objetivo	Narrativo	Preciso e objetivo	Coloquial
RAPIDEZ DE DIVULGAÇÃO	Diário	Semanal		Várias edições diárias

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987.

Dissertação de mestrado.

REVISTA

Enquanto o jornal registra notícias do mundo todo, a revista é seletiva, pois somente alguns fatos, além das notícias mais importantes da semana, merecem destaque de acordo com critérios próprios da editoria. Uma outra característica marcante da revista, sob aspecto de cobertura, é a importância atribuída às personalidades, através de entrevistas longas, perfis biográficos etc, matérias que, como matérias frias, enquanto descompromissadas com o fator tempo, só aparecem nos jornais nos cadernos destinados ao entretenimento.

RADIO

O Código Brasileiro de Telecomunicações instituído pela Lei 4.117 de 27 de agosto de 1962 estabelece um tempo mínimo de 5% da programação diária e da televisão para a transmissão de noticiosos, um limite máximo de 25% da programação diária para a publicidade e 5 horas semanais para a transmissão de programas educativos (9). Assim, pode-se observar que o rádio é basicamente um veículo de entretenimento.

No que se refere à abrangência de cobertura, verifica-se que o rádio divulga as principais manchetes do jornal dando um destaque especial ao noticiário local e às notícias mais importantes do país e do mundo.

TELEVISÃO

Diferentemente do jornal, que é intrinsecamente um veículo noticioso, a televisão enquanto telejornal, veicula um mínimo de

informação. Como já foi dito, a legislação brasileira de radiofu
são estipula um tempo mínimo de 5% da programação para a transmis
são de noticiosos, dedicando-se mais ao lazer e à persuasão.

A transmissão de notícias se dá, basicamente, através de telejor
nais.

O telejornal compõe-se das notícias do dia, locais, nacionais e internacionais, da suíte ou retrospecto dos fatos dos dias ante
riores e de comentários e, pelo seu tempo de duração, em média 30 minutos, tem que ser antes de mais nada objetivo. Para se ter uma idéia (17), numa edição do Jornal Nacional da TV Globo que tem cer
ca de 25 minutos, são transmitidas em média 1.000 palavras enquan
to que, em uma página de jornal são impressas em média 4.000 pala
vras.

O telejornal é seletivo tanto pelo fator tempo de duração como também pelo próprio impacto da notícia. Segundo Nasser (8), os critérios de seleção de notícias para TV são baseadas na impor
tância política do acontecimento, proximidade geográfica, emoção, ineditismo, números extraordinários ou fatos que envolvem pe
famosas. Paralelamente a estes critérios, também influi na sele
ção da notícia, a existência ou não de imagem para ilustrar a maté
ria.

Gleiser (7), citando Hammond Junior, enumera alguns pontos a respeito do telejornalismo: as notícias não são a realidade mas sim reconstruções da realidade: a televisão é limitada no que vê, e como os telejornais não podem cobrir tudo, o que é coberto rece
be uma significação aumentada pelo simples fato de ir ao ar; os telejornais são simplistas, deixam muita coisa de fora, raramente repetem informações, exercem uma censura implícita dando espaço aos assuntos que cobrem e tirando a ênfase dos assuntos que não cobrem.

4.3.1.2 - Enfoque do Conteúdo

Entende-se por enfoque do conteúdo o estilo adotado pelos veículos de comunicação para divulgar as notícias ou seja, narrativo, interpretativo ou meramente informativo.

Acredita-se que o enfoque dado ao conteúdo das notícias influi na demanda de informação por parte dos jornalistas na medida em que uma matéria interpretativa pressupõe uma demanda de conteúdo informativo diferente da demanda efetuada para a realização de uma matéria descritiva, por exemplo.

JORNAL

O jornal adota um enfoque descritivo e, algumas vezes, interpretativo, quando a notícia é divulgada com mais detalhes. Este tratamento dado às notícias está, de certa forma, vinculado ao fator tempo, já que o jornalista do jornal, comparado com o do rádio e o da televisão, tem mais tempo para preparar a matéria e, também, ao fator suporte físico, ou seja, espaço para a divulgação das notícias, já que como foi dito anteriormente, em uma página de jornal são impressas em média 4.000 palavras.

REVISTA

A revista se caracteriza por ser o veículo de comunicação que divulga as notícias situadas num contexto e, portanto, suas matérias são mais analíticas e completas. Este enfoque analítico se deve à sua periodicidade semanal e, conseqüentemente, à seletividade de cobertura e à distância temporal que existe entre o fato e seu relato, que possibilitam ao jornalista estabelecer uma visão

crítica dos fatos a serem cobertos.

RADIO

O rádio se dirige ao grande público e tem como objetivo sa tisfazer, no que se refere à informação divulgada, às necessidades mínimas de uma massa heterogênea. Por este motivo, de um modo ge ral, o rádio elimina o jornalismo interpretativo, de maior teor informativo, transmitindo notícias que sejam de rápido consumo, que coloquem o ouvinte em contato com o mundo exterior, sem contudo, situar o acontecimento num contexto maior já que, a notícia de râ dio tem como objetivo atualizar o ouvinte e "não formar um regis tro permanente" (18).

Segundo Sampaio, (16, p.49) a notícia de rádio deve apresen tar sempre as seguintes peculiaridades: "1. dirigir-se à toda população, inclusive analfabetos; 2. procurar trazer sempre o sen tido de imediatismo; 3. ser instantânea, pois não oferece a possi bilidade de se voltar atrás para se corrigir eventuais erros ou para se ouvir de novo; 4. ser breve e sintética, devendo, em tese, esgotar o assunto no menor espaço de tempo possível e, 5. excitar o ouvinte no sentido de criar um clima para que ele se sinta envol vido como participante do acontecimento".

No que se refere à instantaneidade, citada por Sampaio no item 3 do parágrafo acima, observa-se que a notícia de rádio é ins tantânea para o ouvinte no sentido de que tem que ser apreendida de imediato e não há possibilidade de se ouvir de novo mas, para o repórter ou para o locutor é sempre possível corrigir os eventuais erros.

TELEVISÃO

Sendo basicamente um veículo de entretenimento, cujo tempo médio de duração dos telejornais é 30 minutos, a televisão divulga as notícias através de um enfoque objetivo e descritivo, relatando o fato sem interpretá-lo. No entanto, esta não é uma regra geral, alguns telejornais têm maior duração e alguns fatos, devido à sua importância, merecem uma cobertura detalhada e até mesmo analítica.

4.3.1.3 - Linguagem

Entende-se por linguagem a forma utilizada para a divulgação das notícias. A linguagem adotada em cada veículo de comunicação está relacionada ao seu suporte físico e, também, ao enfoque adotado para transmitir as notícias. Como característica intrínseca, supõe-se que a linguagem do veículo influi na demanda de informação do jornalista na medida em que para escrever um texto de 30 segundos de duração, uma coluna, ou uma matéria de uma ou mais páginas, o jornalista precisa de maior ou menor quantidade de informação.

Basicamente a notícia transmitida por qualquer veículo de comunicação tem que responder às seguintes perguntas: Que? Quem? Quando? Onde? Como?, na tentativa de esgotar todos os aspectos do fato ou acontecimento.

Na verdade, estas perguntas são os pontos-chave da matéria e representam o mínimo de informação sobre um fato a ser divulgado.

JORNAL

No que se refere à linguagem, o jornal busca precisão e objetividade, usando a forma direta e evitando os adjetivos. Segundo Buitoni (4), "a linguagem do jornal é predominantemente verbal, tem como suporte a linguagem escrita estilo relatório, sem muitas ambientações e adjetivações...", "o jornal é telegráfico...", "os títulos dos jornais mais trazem a idéia de movimento, de fato acontecido/acontecendo".

De um modo geral, o jornal publica artigos curtos e independentes entre si, cujos títulos sintetizam a própria notícia: em primeiro lugar são fornecidos os dados mais importantes do fato que está sendo transmitido, o "lead" ou cabeça da matéria, em seguida o fato é desenvolvido, finalmente são acrescentados a conclusão e os detalhes que, muitas vezes, podem até ser eliminados sem prejudicar a notícia. Esta técnica é denominada "pirâmide invertida" (1, p. 156).

REVISTA

Já a linguagem da revista é narrativa e conotativa. Narrativa no sentido ficcional de criar um ambiente, caracterizar personagens, descrever em detalhes o fato jornalístico e, conotativa pelo maior uso de adjetivos e palavras apelativas e também pelo próprio estilo literário. Até nos títulos das matérias podemos verificar que o jornal é preciso enquanto a revista é indefinida (4). O aspecto visual -as fotos, ilustrações e a cor- também influi e complementa o texto da revista, que deve ser, antes de mais nada, criativo para atrair o público, abordando as notícias por ângulos diferentes daqueles dados pelos outros veículos. De um modo geral,

o texto da revista é mais elaborado do que o do jornal e, muitas vezes, é no início da matéria que se encontra o dado de maior impacto.

RADIO

A notícia de rádio apresenta, no que se refere à linguagem, as seguintes características básicas:

1. períodos curtos com sujeito, verbo e complemento, o que facilita a leitura para o locutor e a compreensão por parte do ouvinte;
2. linguagem direta, para ordenar o raciocínio do ouvinte;
3. simplicidade, ou seja, uso de palavras comuns e explicação de termos técnicos, já que a notícia é dirigida a pessoas de todas as idades e de diferentes níveis de entendimento e de instrução;
4. o não uso de adjetivos que implicam em tendenciosidade comprometendo a imparcialidade do texto;
5. objetividade, ou seja, indicação da fonte ou procedência da notícia (16, p.45).

Na fixação da relação tempo-espço das notícias radiofônicas, três fatores devem ser levados em conta: texto redigido, velocidade do locutor e sonoplastia, "assim, uma linha de 68 espaços de mãquina de escrever corresponde em média a 5 segundos de tempo" (16, p.63).

TELEVISÃO

A imagem confere impacto à notícia. Também é o poder da imagem que exige da TV um outro tipo de linguagem pois "o bom texto jornalístico é aquele que nos ajuda a ouvir o que vemos e não a

ver o que ouvimos" (16, p.72).

No que se refere à linguagem propriamente dita, o telejornalismo segue as mesmas regras da notícia de rádio, ou seja, períodos curtos, linguagem direta para facilitar a compreensão, objetividade e concisão, palavras de uso freqüente, siglas desdobradas, ou seja, por extenso, referência ao título ou cargo das personalidades. Existe também a preocupação com a pontuação e com a sonoridade das palavras, indicação das pausas e do tom e que deve ser lida a notícia pois o texto da TV é para ser ouvido e o ritmo é essencial para a apreensão da mensagem.

Quanto à relação tempo-espço, "o cálculo do espaço redacional para que coincida com a imagem que está sendo mostrada foi estabelecido a partir da velocidade do filme de 16 mm", assim "uma linha de 45 espaços de máquina de escrever corresponde a 3,3 segundos de tempo" (16, p.79).

4.3.1.4 - Interação com o Público

A interação com o público refere-se à potencialidade do veículo, ao transmitir as notícias, de provocar reações devido ao seu suporte físico.

Neste sentido, a imprensa escrita cria uma distância crítica entre o texto e o leitor, o rádio é envolvente e a televisão tem caráter testemunhal. No entanto, apesar de ser uma característica intrínseca, a interação com o público não parece afetar diretamente o comportamento do jornalista como usuário da informação e, portanto não será analisada.

4.3.1.5 - Rapidez de Divulgação

A rapidez de divulgação dos veículos de comunicação afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação na medida em que estabelece um limite de tempo para escrever a matéria que vai ser divulgada e, portanto, pode ocasionar demandas de informação que precisam ser satisfeitas com eficácia, ou seja, com precisão e em tempo útil.

JORNAL E REVISTA

Devido ao seu suporte físico que exige técnicas de diagramação e impressão gráfica, a imprensa escrita perde para os outros veículos no que se refere à rapidez de divulgação das notícias, ficando diminuídas as probabilidades de furos de reportagem. Este fato, no entanto, é compensado pelo enfoque dado ao conteúdo da notícia.

RÁDIO

Uma das características do rádio é a transmissão intensiva de notícias, através de boletins de curta duração no decorrer da programação diária. Além disso, o rádio tem como vantagem a velocidade, pois devido à tecnologia que utiliza, com menor custo operacional e sem grandes prejuízos econômicos, o rádio tem a possibilidade de divulgar a notícia simultaneamente ao fato. É a instantaneidade da notícia que faz com que o rádio supere até mesmo a televisão como veículo noticioso.

TELEVISÃO

Também a televisão transmite diversos telejornais por dia. Assim como o rádio, ela também pode divulgar a notícia simultaneamente ao fato, ao vivo. Entretanto, devido às técnicas mais sofisticadas que utiliza para transmissão e portando, com custos operacionais mais altos, a televisão usa como recursos os boletins ou plantões extraordinários, onde na maior parte das vezes, uma notícia de grande importância é divulgada, interrompendo a programação normal, sem o impacto da imagem, apenas com locução.

Concluindo, no que diz respeito aos veículos de comunicação, a análise de suas características intrínsecas explicitou as diferenças existentes entre os veículos no que se refere ao enfoque, linguagem e divulgação das notícias e, possibilitou a obtenção dos dados que vão fundamentar a discussão da primeira hipótese formulada neste estudo.

Tendo-se estabelecido o quadro referencial, o item seguinte, MATERIAL E MÉTODO, descreve como foram obtidos os dados que permitem analisar a atividade jornalística situada no contexto das empresas de comunicação estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAHIA, Juarez Jornal, história e técnica, São Paulo, Martins, sd.
2. BENEYTO, Juan. Informação e sociedade: os mecanismos sociais da atividade informativa. Petrópolis, Vozes, 1974.
3. BORIN, Jair. O jornalista profissional no estado de São Paulo; perfil sócio-econômico e cultural. São Paulo, ECA, 1972. 35p.
4. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. O fato é que o fato merece ser re-visto. Briefing, 4(46): 8-12, set/out 1982.
5. CURSOS e profissões; o guia do estudante. São Paulo, Abril, 1984. 256p.
6. EDIÇÃO extra da Folha bate recorde de circulação. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 mar. 1986. p. 7.
7. GLEISER, Luiz. Além da notícia; o Jornal Nacional e a televisão brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983. Tese.
8. NASSAR, Silvio Julio. 1.000 perguntas: televisão. 1. ed. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1984.
9. NEIVA, Antonio F. O panorama da radiodifusão brasileira. In:

Congresso Brasileiro de Comunicação e Informação, São Paulo, 1984. (Palestra)

10. OLIVEIRA, Paulo Gomes de. Formação jornalística. Porto Alegre, Sulina, sd.
11. PROFESSOR americano de jornalismo considera o diploma dispensável. O Globo, Rio de Janeiro, 29 ago. 1982.
12. PROFISSIONAIS da imprensa pedem fim da lei do diploma. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 fev. 1986. p.6
13. O QUE diz a lei sobre o registro de jornalista. Folha de São Paulo, 20 fev. 1986. p.6.
14. RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro, Codecri, 1978.
15. RAMOS, José Nabantino. Jornalismo: dicionário enciclopédico. São Paulo, IBRASA, 1970.
16. SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual; teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1971.
17. VITÓRIA da notícia. Veja, São Paulo, 5 set. 1984.
18. WRIGHT, Charles. Comunicação de massa. Rio de Janeiro, Bloch, 1968. Apud SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual; teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1971.

5. - MATERIAL E MÉTODO

Para se estudar o comportamento do jornalista como usuário da informação foi preciso, inicialmente, escolher as empresas de comunicação, uma de cada tipo de veículo, que serviram de campo de estudo a esta dissertação, ou seja, as empresas onde foram aplicados os instrumentos de pesquisa que possibilitaram levantar dados sobre a atividade profissional do jornalista e seu comportamento na busca de informação, em seu próprio ambiente de trabalho.

5.1 - CAMPO DE ESTUDO

A escolha das empresas de comunicação que serviram de campo de estudo a esta dissertação, JORNAL DO BRASIL, ISTO É, RÁDIO JORNAL DO BRASIL e TV GLOBO, foi determinada pelo grau de acessibilidade e de receptividade demonstrado a este estudo. Influenciou também, na escolha das empresas, o tipo de centro de documentação existente, ou seja, a oferta de informação a nível institucional, disponível para o acesso dos jornalistas. Outro aspecto também considerado na escolha das empresas foi seu alcance, mensurado em termos de circulação e índice de audiência: o Jornal do Brasil detém a 3^a maior circulação dos matutinos cariocas, 163 mil exemplares por dia; a revista Isto É alcança uma circulação de 112 mil exemplares semanais, a 4^a maior das revistas de informação (2); a rádio JB alcança diariamente o índice de 1,5% da audiência geral das 6 às 24h (3) e a TV Globo alcança um índice médio de 77% da audiência de televisão no Brasil, no horário das 18 às 22 horas, de 2^a a 6^a feira (1).

As empresas de comunicação serão apresentadas sob os aspectos de histórico, departamento de jornalismo, repórter e oferta e de mandado de informação no item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO, pois estes

dados forma levantados através da aplicação do instrumento de pesquisa.

Também foram investigadas as Associações profissionais com o objetivo de conhecer o que elas oferecem aos seus filiados no que se refere à informação bibliográfica e à promoção de cursos, congressos e outros eventos que proporcionem aprimoramento intelectual aos profissionais da área.

5.2 - POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os jornalistas da imprensa, rádio e televisão atuantes na cidade do Rio de Janeiro foram escolhidos como a população a ser estudada.

Em 1982, a comunidade de jornalistas no Brasil era constituída por 47.135 profissionais sendo que destes, 16.284 estavam fixados no Rio de Janeiro (2). No entanto, apenas 5.000 dos jornalistas do Rio se encontravam em atividade em 1982 (2).

Este projeto limitou-se a estudar uma amostra de 3,5% de uma população de 639 jornalistas distribuídos pelas empresas de comunicação escolhidas como campo de estudo para a aplicação do instrumento de pesquisa. Este total inclui os profissionais do Jornal do Brasil, 283 jornalistas e da revista Isto É, sucursal Rio, 12 jornalistas, representando a imprensa escrita diária e semanal; da Rádio Jornal do Brasil, 44 jornalistas, representando o rádio e da TV Globo, 300 jornalistas representando a televisão.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é conhecer o jornalista, enquanto repórter, como usuário da informação, a delimitação da amostra teve por base os seguintes critérios: entrevistar repórteres e repórteres especializados; excluir os estagiários e redatores; excluir, também, os repórteres das editorias de Esporte das empresas estudadas e os repórteres do Caderno Especial do

Jornal do Brasil, atualmente fundido no Caderno B. Outros profissionais, como por exemplo os chefes do Departamento de Jornalismo, os pauteiros, editores e chefes de reportagem foram também entrevistados com o objetivo de se conhecer o ambiente onde ocorre a atividade jornalística. No entanto, estes profissionais não foram incluídos na amostra.

5.3 - INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa escolhido para a obtenção de informações sobre a amostra da população estudada foi o questionário. Resolveu-se aplicar o questionário acompanhado de entrevista, com a intenção de esclarecer as dúvidas eventualmente surgidas sobre alguma pergunta e, também, de explorar alguns aspectos, observações ou fatos curiosos citados pelos entrevistados. No entanto, alguns jornalistas preferiram responder o questionário e devolvê-lo posteriormente e, portanto, não foram entrevistados.

Foram elaborados quatro tipos de questionário: um para os jornalistas, um para as chefias dos Departamentos de Jornalismo de cada empresa, um para as chefias dos Centros de Documentação de cada empresa e um para as Associações de Classe. (Quadro nº 7).

Neste item, os questionários são descritos tendo em vista suas finalidades como instrumentos de pesquisa. Os dados obtidos através destes questionários serão apresentados posteriormente no item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO.

O questionário dos jornalistas (Anexo nº 5), consta de três partes distintas, a saber: características profissionais, demanda de informação e utilização de centros de informação. Na primeira parte, características profissionais, levantam-se dados sobre a formação profissional do jornalista, tempo de atuação profissional, cargo e função que ocupa, rotina de trabalho, conhecimento de lin

M A T E R I A L E M É T O D O					
UNIVERSO	CAMPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO		AMOSTRA	
		JORNALISTAS EXISTENTES	JORNALISTAS ENTREVISTADOS	TIPOS DE QUESTIONÁRIO	
JORNAL	JORNAL DO BRASIL	2 8 3	8	Destinatário: . Jornalistas	Conhecer: . Perfil do jornalista e seu comportamento na busca da informação.
REVISTA	ISTO É (sucursal-RIO)	4 4	4	. Chefias do Departamento de Jornalismo.	. Funcionamento do Departamento de Jornalismo.
RÁDIO	RÁDIO JB	1 2	3	. Chefias dos Centros de Documentação.	. Oferta de informação da empresa e como é feita a demanda de informação pelos jornalistas.
TELEVISÃO	TV GLOBO	3 0 0	8	. Associações Profissionais	. O que é oferecido aos jornalistas (informação, cursos, congressos etc.)
-	ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS	-	-		

Fonte: Judith Kuhn

O comportamento do jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão.
Rio de Janeiro. IUPERJ/TRICT. 1987. Dissertação de mestrado.

gua estrangeira, cursos de especialização e congressos de que participa, hábitos de aquisição de informação através da imprensa, rádio ou televisão, ou seja, hábitos de se informar sobre acontecimentos e notícias, produção bibliográfica publicada ou não, frequência a bibliotecas, etc, tendo por objetivo formar o perfil profissional do jornalista. A segunda parte do questionário refere-se à demanda de informação. Através das questões formuladas investiga-se os tipos de fontes bibliográficas mais utilizadas pelos jornalistas, com o objetivo de conhecer que tipo de material bibliográfico deve constar do acervo de um sistema de informação destinado a esta categoria profissional; quando os jornalistas recorrem à biblioteca, como fazem sua demanda de informação; qual é o grau de satisfação obtido na busca de informação e quais são suas dificuldades para obter a informação necessária ao seu desempenho profissional. A terceira parte do questionário, centros de informação, tem como finalidade conhecer que tipo de serviços de informação o jornalista necessita receber de um centro de documentação.

O questionário destinado aos chefes de Departamentos de jornalismo de cada empresa (Anexo nº 6), tem por objetivo levantar, basicamente, dados sobre o número de jornalistas da empresa, exigências em relação à formação profissional, carga horária do jornalista, funções existentes no Departamento, rotina do repórter e critérios para assinatura de matérias, possibilitando conhecer o Departamento de Jornalismo de cada empresa, ou seja, o ambiente onde ocorre a atividade jornalística.

Este instrumento foi aplicado por ocasião de uma entrevista e nenhum chefe de Departamento respondeu às questões por escrito; assim sendo, não existe tabulação deste questionário.

O questionário destinado às chefias dos Centros de Documentação de cada empresa (Anexo nº 7), objetiva conhecer os serviços de informação oferecidos pelas empresas aos seus profissionais e, também, como se dá a demanda de informação pelos jornalistas, qual o tipo de material bibliográfico mais utilizado, visando a formação do acervo de um sistema de informação destinado à estes profissionais, e ainda qual a média mensal de buscas realizadas pelos Centros de Documentação destas empresas. Este questionário tem ainda a função de controle, pois permite comparar as respostas fornecidas pelos jornalistas no que se refere à demanda de informação e ao material bibliográfico mais utilizado. Este instrumental também foi aplicado por ocasião de entrevista e os dados obtidos, descritos no item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO, não foram tabulados.

O questionário dirigido às Associações Profissionais (Anexo nº 8), visa conhecer o número de jornalistas filiados, se existem e quais os eventos promovidos para os jornalistas pelas entidades de classe, se possuem ou não bibliotecas, se elas são utilizadas, como o são e que serviços de informação oferecem aos seus usuários. O objetivo da inclusão das Associações Profissionais neste estudo já foi explicado anteriormente. Também o questionário destinado às Associações foi aplicado por ocasião de entrevista e não teve seus dados tabulados.

Finalizando, deve-se acrescentar que os instrumentos de pesquisa, questionários e entrevistas, foram aplicados no período de julho à outubro de 1985.

5.4 - MÉTODO

No que se refere ao método de trabalho propriamente dito, a primeira etapa realizada após à elaboração dos questionários e à escolha das empresas que serviram de campo de estudo à esta disser

tação, foi a aplicação do questionário das Associações Profissionais, com o objetivo de estabelecer um primeiro contato com a área de atividade do jornalista.

A segunda etapa de trabalho foi entrevistar as Chefias dos Centros de Documentação das empresas. Foi estabelecida esta ordem com a intenção de conhecer primeiramente fatos concretos e dados relativos à demanda de informação, a partir da opinião dos profissionais que vivenciam o dia a dia da atividade dos jornalistas, ampliando-se, assim, as possibilidades de questioná-los de forma mais objetiva. Na revista Isto É não foi possível realizar esta etapa, pois sua sucursal no Rio de Janeiro, não possui centro de documentação ou biblioteca, sendo todas as buscas bibliográficas efetuadas nos arquivos dos jornais O Globo e Jornal do Brasil.

A etapa seguinte deste trabalho foi entrevistar os Chefes dos Departamentos de Jornalismo de cada empresa. Foram também entrevistados os jornalistas que exercem funções importantes como o pauteiro, chefe de reportagem e secretário de redação, com a finalidade de conhecer a rotina de trabalho da redação de cada empresa. Na revista Isto É foi entrevistado apenas o Chefe da Sucursal que exerce, na verdade, a função de editor-chefe e acumula todas estas tarefas.

O questionário destinado aos Chefes do Departamento de Jornalismo forneceu o número total de jornalistas atuantes em cada empresa, o que possibilitou determinar a amostra da população que seria estudada. (Anexo nº 9).

Tendo sido delimitada a amostra, a seleção dos jornalistas a serem entrevistados considerou os requisitos estabelecidos para a seleção da amostra e, além disso, seu interesse e disponibilidade para responder ao questionário.

Consequentemente, o passo seguinte foi a aplicação dos ques
tionários e a realização das entrevistas com os jornalistas. Inici
almente foram entrevistados os jornalistas da Rádio Jornal do Brasi
sil. Os primeiros questionários ai aplicados serviram de teste para
o próprio instrumento, algumas perguntas tiveram sua formulação
modificada e outras foram acrescentadas. À seguir, foram entrevista
dos os jornalistas da revista Isto É, os do Jornal do Brasil e
finalmente os da TV Globo.

A etapa seguinte deste trabalho constou da tabulação dos dada
dos obtidos através das respostas dos questionários dos jornalis
tas.

Com a intenção de conhecer a frequência de utilização dos
serviços de informação das empresas, voltou-se às chefias dos Centro
s de Documentação para se obter a estatística de consultas do
mês em que foram realizadas as entrevistas com os jornalistas (Anexo
nº 10). Pelos motivos citados anteriormente esta etapa não foi
realizada na revista Isto É.

Finalmente, efetuou-se a análise dos dados obtidos através
dos questionários o que possibilitou traçar o perfil profissional
do jornalista, conhecer seu comportamento na busca de informação,
conhecer o ambiente onde se dá a atividade jornalística, como será
descrito no item seguinte, RESULTADOS E DISCUSSÃO e, também, for
neceu subsídios para o planejamento do modelo do sistema de informa
ção que se supõe adequado à comunidade estudada e será descrito
no item 7, CONSIDERAÇÕES FINAIS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANUÁRIO brasileiro de mídia. São Paulo, Meio e Mensagem, 1985/86.
2. BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Imprensa e Divulgação. Mercado Brasileiro de comunicação. 2.ed. Brasília, 1983.
3. UM MERCADO concentrado porém integrado. Meio e Mensagem, São Paulo, 28 out. 1985. (Informe Especial 31)

6. - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo propõe-se a apresentar os dados obtidos através dos instrumentos de pesquisa aplicados e a discutí-los no que diz respeito ao comportamento do jornalista como usuário da informação. Visando organizar estes dados, optou-se por dividi-los em dois grandes blocos: campo de estudo e objeto de estudo. Por campo de estudo entende-se o ambiente onde ocorre a atividade jornalística e, portanto, são apresentados os dados relativos às empresas de comunicação e à oferta de informação a nível institucional. O segundo bloco, objeto de estudo, refere-se ao jornalista como emissor e como usuário da informação. Incluem-se neste bloco, portanto, os dados relativos ao perfil profissional do jornalista, seu comportamento na busca de informação e, também, compara-se o jornalista o cientista e o cientista social como usuários da informação.

6.1 - CAMPO DE ESTUDO

Considerando-se que o ambiente de trabalho, ou seja, a estrutura do Departamento de Jornalismo, a rotina do repórter, os critérios para assinatura de matérias, e, também, a disponibilidade de informação a nível institucional são variáveis que afetam o comportamento do jornalista como usuário da informação, apresentam-se as empresas de comunicação escolhidas como campo de estudo para esta dissertação sob os aspectos de histórico, Departamento de Jornalismo, rotina do repórter e autoria da matéria e ainda, como está organizada, a nível institucional, a oferta de informação, pois é neste quadro que se dá a atividade jornalística.

Apresentam-se, também, as Associações Profissionais sob os aspectos de histórico, número de filiados, oferta de informação e eventos promovidos em benefício do aprimoramento profissional dos jornalistas.

6.1.1 - As Empresas de Comunicação

6.1.1.1 - Jornal do Brasil

6.1.1.1.1 - *Histórico*

O Jornal do Brasil foi fundado em 1891 por Rodolfo Dantas e Joaquim Nabuco. Sua tiragem inicial era de 5.000 exemplares, considerada alta naquela época. Tinha numerosos correspondentes no exterior e contava entre colaboradores nomes importantes da política e literatura.

Em 1918, o jornal passou para a propriedade do Conde Pereira Carneiro e, até 1957 era considerado como um jornal de serviços pois, 3/4 de sua superfície eram dedicados aos anúncios classificados. No entanto, ainda trazia muitas informações e reportagens, artigos assinados por intelectuais e se destacava como um jornal sóbrio e sério.

Em 1957, com a morte do Conde Pereira Carneiro, o jornal passou à propriedade da Condessa e a família Nascimento Brito entrou para a equipe de direção. Foi nesta época que ocorreu a transformação do Jornal do Brasil, inspirada nos padrões da imprensa americana, de caráter empresarial. Criaram-se os cadernos especiais e suplementos, inovou-se na diagramação, na paginação e na técnica redacional (4).

6.1.1.1.2 - Departamento de Jornalismo

A redação do JB conta com uma equipe de 283 jornalistas, incluindo repórteres, repórteres fotográficos, colaboradores, redatores, editores etc, distribuídos pelas diversas editorias.

No que se refere às exigências da empresa em relação à formação profissional de seus jornalistas, o JB não exige a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, já que em seu quadro de pessoal existem jornalistas não formados.

Em relação à pauta, cada editor é responsável pela pauta de sua editoria e as reuniões de pauta são realizadas informalmente. O pauteiro do JB elabora apenas a pauta da Reportagem Geral.

6.1.1.1.3 - O Repórter e sua Rotina de Trabalho

No Jornal do Brasil a rotina do repórter é semelhante à rotina dos repórteres de outros veículos de comunicação. Inicialmente o repórter toma conhecimento da pauta e recebe como tarefa cobrir determinada notícia. A etapa seguinte, consiste na apuração da notícia, ou seja, a checagem do fato e o estabelecimento de contatos para a elaboração da matéria. A seguir é feita a reportagem propriamente dita e a elaboração do texto da matéria que, ocasionalmente pode ser reescrito pelo redator.

Em relação à carga horária do jornalista, estipulada em 5h diárias, observa-se que na verdade ela é sempre esticada para um mínimo de 7h, durante o horário de funcionamento da Redação que inicia às 9h e vai até às 24:30h, hora em que a edição do dia seguinte é totalmente fechada.

Um fato curioso em relação ao repórter do JB é a sua rotatividade pelas diversas editorias, o que evidencia a sua não especialização em uma determinada área do conhecimento.

6.1.1.1.4 - Autoria da Matéria

No Jornal do Brasil, de um modo geral, são assinadas as matérias opinativas, as das agências de notícias, as dos correspontes e enviados especiais mas, cada editor tem liberdade, na sua editoria para estabelecer critérios próprios e decidir quais matérias devem ou não ser assinadas.

6.1.1.1.5 - Oferta de Informação

A oferta de informação no Jornal do Brasil é representada pela Divisão de Documentação do Sistema Jornal do Brasil que foi criada em 1981 e, é formada pelo Departamento de Pesquisa que, inclui o Arquivo de Recortes, o Índice JB e a Biblioteca, pelo Arquivo Fotográfico, pelo Arquivo Sonoro e pelo Setor Educacional.

O Departamento de Pesquisa foi criado em 1965 como órgão ligado à redação do Jornal do Brasil, esteve alguns anos fechado e reabriu em 1981, como parte integrante da Divisão de Comunicação. Atualmente conta com 27 funcionários de formação universitária variada, responsáveis pela indexação e recuperação da informação.

O Arquivo de Recortes tem como acervo recortes de jornais e revistas nacionais e estrangeiros sobre todos os assuntos. Estes recortes são indexados através de vocabulário próprio e arquivados em pastas suspensas. O Arquivo de Recortes tem como usuários, além dos jornalistas, outros funcionários da Casa e também o público em geral, principalmente estudantes. Seus usuários não têm livre acesso e, é sempre um funcionário quem realiza a busca.

O índice JB é formado pela indexação de todas as matérias publicadas pelo Jornal do Brasil. O Índice tem os mesmos usuários do Arquivo de Recortes.

A Biblioteca conta com 5 funcionários e tem como acervo obras de referência, periódicos de informação, periódicos especializados e monografias. Os serviços de informação oferecidos pela Biblioteca são: busca retrospectiva, alerta corrente de sumários de periódicos, além da circulação e distribuição destes mesmos periódicos. O usuário da biblioteca é principalmente o jornalista. O acesso é livre mas, muitas vezes é o funcionário da biblioteca quem realiza a busca.

O Arquivo Fotográfico existe desde 1962 mas, somente a partir de 1981, quando foi incorporado à Divisão de Documentação, é que começou a ter seu acervo organizado e processado. Atualmente o arquivo conta com 12 funcionários, incluindo a chefia. Seu acervo é composto por fotografias, radiofotos, cópias, negativos, contatos e por todo material gráfico publicado ou não pelo JB, ou seja, vinhetas, charges, quadrinhos e cromos, que são o material a ser produzido pelas revistas Info, Viva e Domingo. Todo seu acervo está disponível para o uso da redação, das revistas citadas e do público em geral.

O Arquivo Sonoro também foi criado em 1981. Anteriormente, no período de 1972 a 1979, apenas o noticiário era guardado na própria Rádio Jornal do Brasil. O Arquivo Sonoro conta com 3 funcionários e seu acervo é composto por matérias selecionadas no noticiário da Rádio JB, debates e programas especiais. Todo acervo é indexado através do sistema de unitermos. O Arquivo Sonoro tem como principal usuário o jornalista da Rádio JB mas, atende também ao público.

O Setor Educacional, que conta com 2 funcionários, é o res

ponsável pelo atendimento externo. Seu usuário principal são os estudantes que, pagam uma taxa de pesquisa para usufruir do acervo de toda Divisão de Documentação, com excessão da Biblioteca. A média mensal de consultas é de 200 nos meses letivos e de cerca de 50 nos meses de férias escolares.

Como foi dito anteriormente, a demanda de informação e a utilização destas fontes por parte dos jornalistas serão analisadas no item 6.2.2, O jornalista como usuário da informação.

6.1.1.2 - Isto É

6.1.1.2.1 - Histórico

O primeiro número da revista Isto É foi publicado em maio de 1976. Nesta época a revista, de propriedade de Mino Carta, era mensal e se caracterizava por ser mais uma revista de formação do que de informação. Dividida em 3 seções: política, cultura e economia, a revista tinha todos seus textos assinados, as matérias eram longas e era uma revista de análise.

A partir do 11º número, em março de 1977, a revista passou a ser publicada semanalmente, assumindo desde então um compromisso com as notícias da semana, adotando a fórmula de textos curtos e resenhas e, tornando-se uma revista de informação dividida em várias seções.

No que se refere ao estilo, a revista busca a criatividade, dando à notícia um enfoque não adotado pelos outros veículos e, o sensacionalismo, no sentido do furo de reportagem.

Desde 1984 a revista Isto É é uma divisão da Gazeta Mercantil.

6.1.1.2.2 - Departamento de Jornalismo

A sucursal Rio da revista Isto É tem em sua equipe, além da chefia, 2 editores, 4 repórteres, 1 fotógrafo e 5 colaboradores constantes que cobrem a parte cultural da revista.

A sucursal funciona em interação com a sede. Assim, as reuniões de pauta realizadas em São Paulo às 6^{as}. feiras à tarde, recebem sugestões de todas as sucursais e, a pauta sofre ajustes, com margem de oscilação, durante toda a semana, à medida que surgem novas notícias.

No que se refere às exigências de formação profissional, os jornalistas da sucursal são todos diplomados em Jornalismo ou Comunicação Social.

6.1.1.2.3 - O Repórter e sua Rotina de Trabalho

A rotina do repórter de revista é a mesma do repórter de jornal, exceto no que se refere à elaboração do texto final da matéria. O passo inicial do processo é sempre a discussão da pauta, seguida da distribuição das matérias a cobrir e da apuração das notícias. De modo geral, é sempre o repórter que cobriu a notícia, o responsável pela elaboração do texto final da matéria.

De certa forma, apesar da revista exigir matérias mais analíticas e elaboradas, o repórter da revista tem mais tempo para realizar seu trabalho, pois dificilmente ele terá que escrever uma matéria grande para o mesmo dia. No entanto, é preciso não esquecer que, ocasionalmente, no decorrer da semana pode surgir uma notícia importante que altere a pauta que já está sendo executada. Neste caso, o fator pressão por limite de tempo estará mais presente.

Na redação da sucursal Rio a carga horária do repórter é determinada pela necessidade do trabalho o que implica, muitas vezes,

em cerca de 10h diárias.

Apesar dos repórteres da Isto É terem uma área de atuação de finida, esta não é uma divisão rígida de trabalho, pois sempre que preciso, um repórter pode ser deslocado para cobrir uma matéria de outra área de assunto que não a sua.

6.1.1.2.4 - Autoria da Matéria

A Isto É, quanto à assinatura de matérias adotou apenas critérios básicos: além daquelas que envolvem a opinião do repórter, são assinadas também, como prêmio, as reportagens que demonstram o esforço do repórter. Entretanto, algumas vezes, é necessário que a revista assuma a responsabilidade da matéria com a finalidade de proteger o repórter. Assim, na prática, os critérios não são fixos e, cada matéria tem que ser examinada para receber ou não a assinatura do repórter.

6.1.1.2.5 - Oferta de Informação

A oferta de informação na sucursal Rio da revista Isto É é praticamente nula pois a revista não possui centro de documentação, tendo apenas uma coleção encadernada da revista e jornais do Rio, São Paulo e Brasília, guardados sem nenhuma sistematização durante 3 ou 4 meses. Apesar da revista Isto É possuir em sua sede em São Paulo um Centro de Documentação, a equipe de jornalistas do Rio quase nunca o utiliza, alegando a demora do malote e a impraticabilidade de selecionar o material bibliográfico.

6.1.1.3 - Rádio Jornal do Brasil

6.1.1.3.1 - Histórico

A Rádio Jornal do Brasil, PRF-4, fundada pelo Conde Pereira Carneiro, foi ao ar pela primeira vez em 10 de agosto de 1935. Criada sem fins lucrativos, tinha como objetivo, segundo o Conde Pereira Carneiro, complementar a missão de informar e de orientar a opinião pública a que já se dedicava o Jornal do Brasil. Durante muitos anos funcionou apenas como um veículo cultural, apresentando cantores selecionados e difundindo música clássica.

Um noticiário, o Jornal Falado, inaugurou a transmissão da Rádio Jornal do Brasil. Segundo o JB de 9 de agosto de 1935, a primeira edição do Jornal Falado, com uma hora de duração, consistia de um "noticiário resumido dos acontecimentos do país e do estrangeiro; artigos, tópicos e crônicas de interesse geral; noticiário esportivo, notas sociais, humorismo, etc" (6).

Na década de 60 a Rádio JB se consagrou com o slogan "música e informação". Atualmente tem sua programação dirigida ao executivo e ao empresário, com um horário "all news" das 6 às 9h da manhã, debates, entrevistas além da transmissão esportiva implantada em 1981.

A Rádio Jornal do Brasil inicia sua programação diária às 5.30h da manhã e transmite sem interrupção até às 2.30h da manhã do dia seguinte, perfazendo um total de 21h no ar, das quais, cerca de 8 são dedicadas à transmissão de noticiários.

6.1.1.3.2 - Departamento de Jornalismo

O Departamento de Jornalismo da Rádio Jornal do Brasil conta com uma equipe de 32 jornalistas assim distribuídos: 1 chefe, 3 editores, 10 na reportagem geral, 11 na reportagem especializada, 6 redatores, 1 pauteiro mais 1 secretária e 12 estagiários.

No que se refere às exigências quanto à formação profissional, a Rádio JB cumpre as determinações legais e toda sua equipe é diplomada em Jornalismo ou Comunicação Social, com exceção de alguns jornalistas mais antigos na casa.

A Rádio JB conta com um pauteiro que elabora a pauta e distribui as tarefas entre os repórteres, informalmente, sem que haja uma reunião de pauta.

6.1.1.3.3 - O Repórter e sua Rotina de Trabalho

A rotina do repórter de rádio não é muito diferente da dos repórteres dos outros veículos de comunicação.

A primeira etapa é sempre a leitura e discussão da pauta. A partir daí o repórter recebe a tarefa de cobrir um acontecimento ou assunto. O passo seguinte é ir para rua ou acessar suas fontes, por telefone, para marcar e/ou fazer entrevistas ou confirmar informações, por exemplo. A seguir, se a matéria tiver de ir ao ar imediatamente e o repórter estiver na rua, ele passa sua reportagem por telefone, ou seja, o seu texto e a sua gravação são transmitidas por telefone para a Rádio onde, o redator vai reescrever o texto, se necessário, e um técnico vai editar a gravação, compondo a matéria que irá ao ar. No caso de não haver pressa, o repórter retorna à rádio onde ele mesmo escreve a matéria, edita a gravação e faz a locução da notícia.

A carga horária do jornalista da Rádio JB é de 7h diárias, em três turnos de expediente, das 5 às 2h do dia seguinte.

Apesar da divisão entre reportagem geral e especializada, os repórteres especializados cobrem a geral, sempre que necessário.

6.1.1.3.4 - Autoria da Matéria

De um modo geral, podemos dizer que as matérias transmitidas pelo rádio são em sua maioria de autoria desconhecida para o público.

No entanto, na Rádio JB, de acordo com decisão administrativa atual, as notícias transmitidas são todas assinadas e, portanto, de responsabilidade do repórter. Somente os redatores não assinam as matérias.

6.1.1.3.5 - Oferta da Informação

A oferta de informação na rádio Jornal do Brasil é representada pela Divisão de Documentação do Sistema Jornal do Brasil e, principalmente, pelo Arquivo Sonoro da qual faz parte, já descritos anteriormente.

6.1.1.4 - TV Globo

6.1.1.4.1 - Histórico

A TV Globo, canal 4 do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 26 de abril de 1965. Instalada num prédio projetado especialmente para ser uma estação de televisão, a TV Globo, foi criada com o objetivo de ser apenas uma estação local. Hoje, a Rede Globo é considerada a 4ª maior rede de televisão do mundo, exportando programas

para mais de 50 países. Conta com 5 estações geradoras, 36 estações filiadas e mais de 1.000 estações retransmissoras e repetidoras.(2). Seu sinal atinge 21 estados brasileiros, cobrindo 2.000 municípios dos 3.976 existentes no país e, portanto, alcançando cerca de 75% da audiência (3).

O primeiro telejornal da TV Globo, o Teleglobo, foi ao ar no dia da inauguração da emissora, transmitido em 2 edições diárias de 15 minutos cada, e lançando o sistema de 2 locutores.

O Jornal Nacional, criado em setembro de 1969 e o 1º a ser transmitido em rede, via satélite, tinha como objetivo "integrar o Brasil através da notícia".

A partir do Jornal Nacional a TV Globo reformulou seu esquema de jornalismo e, atualmente, sua programação durante a semana inclui 8 telejornais diários: Bom Dia Brasil, RJ-TV (3 edições diárias), Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo, além do noticiário esportivo, o Globo Esporte, perfazendo um total de cerca de 3.30h de noticiário por dia.

Segundo dados do IBOPE (8) o RJ-TV 2ª Edição e o Jornal Nacional alcançam o maior índice de audiência da programação da TV Globo, superando inclusive o índice de audiência das novelas.

6.1.1.4.2 - Departamento de Jornalismo

A Rede Globo de televisão conta com uma equipe de cerca de 1.000 jornalistas distribuídos pelo Brasil, EUA e principais capitais da Europa (9).

A TV Globo, canal 4 do Rio, possui em seu Departamento de Jornalismo cerca de 300 jornalistas, distribuídos pelas editorias dos diversos telejornais e programas.

Como curiosidade, pode-se citar que a Rede Globo de Televisão elaborou o "Manual da Central Globo de Telejornalismo" que, "é

destinado aos que não sabem escrever para a TV, mas também aos que pensam que sabem e aos que mais humildemente desconfiam que não sabem". Neste Manual existe um capítulo denominado "Normas Gerais de Redação" onde estão relacionadas algumas recomendações de ordem prática, como por exemplo: uso do adjetivo e do artigo, uso dos verbos e dos tempos de verbos, uso dos pronomes; citação de cargos e títulos, para se evitar intimidade com personalidades importantes; identificação dos nomes de localidades; repetição de palavras; lista de palavras que devem ser evitadas, por serem consideradas pretensiosas e, também expressões consideradas como lugar-comum; a importância da suite da notícia para refrescar a memória do telespectador, etc. O objetivo das Normas de Redação é fazer com que o "texto seja claro, direto, simples e, que tenha enfim as virtudes da linguagem coloquial" (10).

No que se refere à pauta, cada telejornal tem um sistema próprio. A reunião de pauta do Jornal Nacional, o telejornal mais importante da TV Globo, é uma reunião via satélite da qual participam os principais editores em todas as cinco praças em que a Rede Globo possui emissoras. Em cada uma destas praças, em cima da mesa de reuniões, existe um microfone e um alto-falante através dos quais se comunicam os editores, que iniciam a primeira reunião de pauta logo após o término da edição do Jornal Nacional, avaliando a edição que acabou de ir ao ar. Depois desta avaliação os editores de cada praça sugerem matérias para a edição do dia seguinte. É então elaborado o "Jornal da Pauta", com cerca de 8 folhas, que é distribuído entre todas as sucursais e que contém, a princípio, as notícias que serão cobertas pelos repórteres. No dia seguinte são realizadas mais duas reuniões de pauta, às 11 e às 16h, também via-satélite e, então, a pauta é realmente definida. É neste intervalo de tempo que o Jornal Nacional é editado.

Em relação à exigência de diploma de jornalismo para o exercício profissional, na TV Globo a grande maioria dos repórteres são jornalistas formados.

6.1.1.4.3 - O Repórter e sua Rotina de Trabalho

O processo de produção de um telejornal é semelhante ao processo de produção de notícias nos outros veículos. As fases imprescindíveis à sua elaboração são: a pauta, a reportagem, a edição e à emissão.

A rotina do repórter de televisão segue as seguintes fases: leitura da pauta, tomada de conhecimento dos assuntos a serem cobertos, recebimento da tarefa de cobrir um ou mais assuntos, reportagem propriamente dita, ou seja, a cobertura de matéria, elaboração do texto e geração das imagens.

De um modo geral, o trabalho do repórter de televisão só se diferencia do trabalho de repórteres de outros meios de comunicação pelo prazo limitado que ele tem para elaborar a matéria e pelas características técnicas do veículo que incluem a geração de imagens.

Também, como no Jornal do Brasil, verifica-se na TV Globo uma tendência do repórter em trocar de área de atividade. Na TV Globo, este fato se manifesta não só pela rotatividade dos repórteres entre as diversas editorias de cada telejornal, bem como, entre os diversos telejornais. Esta tendência não é somente a expressão de um desejo espontâneo do repórter mas, também, uma diretriz da empresa que tem por objetivo não desgastar a imagem do repórter.

No que se refere à carga horária, os jornalistas trabalham de 7 à 10h diárias e a divisão de trabalho é organizada pelas diversas editorias de cada telejornal.

6.1.1.4.4 - *Autoria da Matéria*

De um modo geral, na televisão, a autoria da matéria é des conhecida pelo público: somente são assinadas as matérias realizadas pelos enviados especiais, correspondentes, reportagens especiais e coberturas ao vivo.

6.1.1.4.5 - *Oferta de Informação*

A oferta de informação na TV Globo é representada pelo Centro de Documentação da Rede Globo (CDRG), criado em 1974. O CDRG é constituído pelo Arquivo de Comunicação, Arquivo de Jornalismo e Biblioteca.

O Arquivo de Comunicação tem como acervo livros e periódicos especializados em comunicação de massa, recortes de periódicos sobre a TV Globo e sua programação e sobre a televisão como veículo de comunicação, além de filmes, vídeo-cassetes, slides, fotos, radiofotos e quadros-parados. O Arquivo de Comunicação é acessado on-line através de linguagem própria e é mantido separadamente com o objetivo de ser a memória da TV Globo. Este arquivo tem por usuários a Diretoria da Casa mas, também, realiza pesquisa para estudantes na área de comunicação de massa e publica um Boletim Semanal.

O Arquivo de Jornalismo, que pertencia ao Departamento de Jornalismo, foi incorporado ao CDRG em 1976, sendo formado pelo Arquivo de Recortes e Arquivo de Imagens.

O Arquivo de Recortes tem como acervo recortes de periódicos nacionais e estrangeiros, cobrindo todas as áreas de assunto, indexados através de um thesaurus desenvolvido pelas bibliotecárias do CDRG. Os recortes são, posteriormente, microfilmados e recuperados através de sistema automatizado on-line. O Arquivo de Imagens tem como acervo filmes, vídeo-cassetes, fotos, radiofotos,

slides e quadros-parados, que também são indexados através do mesmo thesaurus e recuperados on-line. Tanto o Arquivo de Recortes como o Arquivo de Imagens têm como principal usuário os jornalistas mas, atendem os outros funcionários da Casa.

A biblioteca foi criada em 1976 e tem como acervo obras de referência nacionais e estrangeiras, livros de arte, esporte, música, fotografia, cenário, maquiagem, moda etc. Todo o seu acervo é também indexado através do mesmo thesaurus e está disponível para acesso on-line. A Biblioteca tem como principal usuário a Central Globo de Jornalismo e a linha de Shows, mas atende também a qualquer funcionário da Casa.

O CDRG conta atualmente com cerca de 90 funcionários incluindo: diretoria, assessores, bibliotecárias, pesquisadores, auxiliares técnicos e administrativos e estagiários. As bibliotecárias estão encarregadas da indexação de todo material, o que é feito através de dois dicionários de entradas: o dicionário de identidades e o thesaurus. Vale notar que as bibliotecárias são especializadas por áreas de assuntos. Os pesquisadores, que possuem formação universitária diversificada, fazem a seleção do material a ser arquivado e indexado e também atendem à pesquisa, sendo a interface entre o sistema e seus usuários.

Os serviços de informação oferecidos pelo CDRG, além da busca retrospectiva, são o SDI que é fornecido mensalmente a qualquer usuário cadastrado no sistema; a Agenda Semanal e a Agenda Mensal que são calendários de eventos, organizados por grandes áreas de assunto como Política, Esporte, Cultura etc e, que servem como instrumentos auxiliares para a elaboração das pautas dos telejornais; e o Circuito Fechado que, é um Boletim destinado ao Departamento de Marketing, onde são relacionados por assunto os novos produtos que estão sendo lançados no mercado e tem por objetivo proporcionar ao Departamento de Marketing subsídios para a identificação de anunciantes em potencial.

Tendo-se descrito o ambiente onde ocorre a atividade jornalística nas empresas que serviram de campo de estudo a este trabalho, descrevem-se a seguir as Associações Profissionais.

6.1.2 - As Entidades de Classe

6.1.2.1 - Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro

Fundado em 13 de fevereiro de 1935, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, é o único sindicato reconhecido no Rio. Localizado à Rua Evaristo da Veiga 16, 17º andar, funciona das 9 às 18:00h.

O sindicato possui aproximadamente 4.200 sócios cuja procedência é impossível saber, sendo, seguramente, a maioria da imprensa.

O Sindicato publica o "Boletim do Sindicato", só para os associados e, também tem um jornal próprio "Unidade e Ação" de periodicidade bimensal, além dos números especiais.

No que se refere à promoção de eventos o Sindicato é bastante ativo. No ano de 1984, em convênio com a UFRJ, realizou o "Curso de Especialização de Jornalismo em Revistas", com duração de 1 ano. Também promoveu diversos debates, entre eles: "Imprensa e Comunidade: o uso democrático dos meios de comunicação" juntamente com a FAMERJ. Em julho de 1985 estavam programados os seguintes eventos a serem realizados: a exposição de fotografias "21 anos de ditadura"; o 1º Encontro de Jornalistas de televisão do Rio de Janeiro; e a Conferência Nacional de Jornalistas.

A Biblioteca do Sindicato foi fechada no início da década de 80 e desde então seu acervo está inacessível.

6.1.2.2 - Associação Brasileira de Imprensa - ABI

A ABI foi fundada em 1932 por Gustavo Lacerda com o objetivo de "criar e manter uma caixa de pensões e auxílios para os sócios e suas famílias; manter um serviço de assistência médica e farmacêutica; instalar o Retiro da Imprensa, com enfermaria e residência para os velhos e enfermos; manter, no centro da cidade, a sede social, com biblioteca, salões de conferência e diversões, etc; habilitar, por meio de título de capacidade intelectual e moral, o pretendente a colocação no jornalismo; prestar pública homenagem a Guttenberg, o fundador da imprensa, por meio de festa anual, para a qual procurará associar o Governo da República" (1).

Localizada à Rua Araújo Porto Alegre, 71, a ABI funciona das 9 às 19:00h e tem aproximadamente 2.900 sócios militantes, ou seja, jornalistas registrados, dos quais é impossível saber para que veículo trabalham.

A ABI publica bimestralmente desde 1952 o Boletim da ABI.

No que se refere à promoção de eventos, atualmente, a ABI promove apenas shows musicais.

A biblioteca da ABI é aberta do público somente para consulta na sede. Seu acervo é composto por obras de comunicação de massa e periódicos: jornais diários, imprensa alternativa e jornais de bairro. A grande maioria de seus usuários é de estudantes de Comunicação e a média mensal é de 60 atendimentos.

6.1.2.3 - Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro

O Sindicato de Jornalistas do Município do Rio de Janeiro foi fundado em 1952, no entanto, até hoje existem controvérsias à respeito de ter sido ou não reconhecido pelo Ministério do Trabalho.

Localizado à rua Sete de Setembro, 174/1º andar, o sindicato funciona das 12 às 18:00 e tem cerca de 1.500 sócios cuja procedência é impossível saber.

Atualmente não possui nenhuma publicação oficial, não promove eventos de nenhuma espécie e não possui biblioteca organizada.

Existem ainda no Rio de Janeiro as seguintes associações profissionais: Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira, Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos, Associação dos Jornalistas de Economia e Finanças e Associação dos Jornalistas Políticos, sendo que as duas últimas funcionam no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro.

Tendo em vista as respostas obtidas, verifica-se que, de um modo geral, as associações de classe não possuem bibliotecas organizadas, excetuando-se a ABI. Isto significa que o jornalista não conta com sistemas de informação, externos às empresas onde atuam, dirigidos à sua categoria profissional.

Em relação aos eventos promovidos, somente o Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro dedica-se com frequência a esta atividade. Entretanto, estes eventos não têm a divulgação desejada, já que os jornalistas afirmam que são poucos os eventos na área.

Tendo-se analisado, o ambiente onde ocorre a atividade jornalística e as Associações Profissionais, os Quadros de nº 8, 9 e 10 sintetizam os principais resultados do item CAMPO DE ESTUDO. A seguir situa-se o jornalista em seu ambiente de trabalho como profissional e como usuário da informação.

C A M P O D E E S T U D O

EMPRESAS ASPECTOS	JB	ISTO É (sucursal Rio)	RÁDIO JB	TV GLOBO
HISTÓRICO (fundado em)	1891	1976	1935	1965
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO (equipe de)	283	12	44	300
ROTINA REPÓRTER	Pauta - cobertura do fato - elaboração da matéria.			
AUTORIA MATÉRIA	Pauta - cobertura do fato - elaboração da matéria.	Prêmio: matérias que demonstrem esforço do repór- ter.	Todas	Matérias ao vivo ou reportagens especiais.
OFERTA DE INFORMAÇÃO	Sistema tradicio- nal.	Não possui.	Sistema moderno.	Sistema sofisti- cado.

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mes+ ic

OFERTA DE INFORMAÇÃO NAS EMPRESAS ESTUDADAS

EMPRESAS OFERTA DE INFORMAÇÃO		JORNAL DO BRASIL	ISTO É (Sucursal - RIO)	RÁDIO JB	TV GLOBO
INSTITUCIONALMENTE ORGANIZADA		<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa (Arquivo de Recortes) • Índice JB • Biblioteca • Arquivo Sonoro • Arquivo Fotográfico 	Não possui Centro de Documentação ou Biblioteca na sucursal Rio.	O mesmo do JB (com exceção do Arquivo Fotográfico).	Arquivo de Jornalismo <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa (Arquivo de Recortes) • Biblioteca • Arquivo de Imagens Arquivo de Comunicação
ACERVO	MATERIAL BIBLIOGRÁFICO	<ul style="list-style-type: none"> • Recortes de periódicos nacionais e estrangeiros JB (na íntegra) • Obras de referência • Monografias • Coleção de Periódicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Coleção da revista Isto É • Jornais do Rio, São Paulo e Brasília 	O mesmo do JB.	<ul style="list-style-type: none"> • Recortes de periódicos nacionais e estrangeiros • Obras de referência • Monografias • O Globo (na íntegra) • Coleção de Periódicos
	MATERIAL ESPECIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografias • Radiofotos • Cromos • Fitas gravadas 	—	Fitas gravadas	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografias • Slides • Radiofotos • Quadros-para-óculos • Filmes • Vídeo-Cassetes
INDEXAÇÃO		Cada setor do Centro de Documentação desenvolveu seu vocabulário de indexação.	—	Através de unitermos criados pelo Arquivo Sonoro.	Indexação de todo acervo é realizada através de thesaurus desenvolvido pelo CDRC.
ARRANJO	MATERIAL BIBLIOGRÁFICO	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa usa arranjo alfabético • Biblioteca classificada • Índice JB microfilmado 	Não é organizado	—	<ul style="list-style-type: none"> • Arquivo de Recortes e a coleção de O Globo são microfilmados. • Biblioteca usa numeração sequencial dentro das grandes classes.
	MATERIAL ESPECIAL	Arquivo Fotográfico usa arranjo alfabético.	—	Arquivo Sonoro usa numeração sequencial por tipo de programa (noticiário, debates, especiais).	Arquivo de Imagem usa numeração sequencial por tipo de material (filme, slide, foto etc)
RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO		Manual	—	Manual	On-line
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO OFERECIDOS		<ul style="list-style-type: none"> • Busca retrospectiva • Circulação de periódicos 	—	• Busca retrospectiva	<ul style="list-style-type: none"> • Busca retrospectiva • Calendário de eventos • SDI • Pesquisas preventivas • Boletim Semanal • Clipping • Circuito Fechado

Fonte:

Kuhn, Judith, O jornalista como usuário da informação: Imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

AS ENTIDADES DE CLASSE E SUA OFERTA DE INFORMAÇÃO

ENTIDADES DE CLASSE	DATA FUNDAÇÃO	Nº DE ASSOCIADOS	OFERTA DE INFORMAÇÃO		
			PUBLICAÇÕES	BIBLIOTECA	EVENTOS
Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município RJ	1935	4.200	. Boletim do Sindicato . Unidade e Ação	fechada desde o início da década de 80	. cursos . debates . exposições . congressos e seminários
ABI	1932	2.900	Boletim da ABI	média mensal de 60 atend.	shows musicais
Sindicato Jornalistas Municipípio Rio de Janeiro	1952	1.500	-	-	-
Assoc. Corresp. da Imprensa Estrangeira Assoc. Rep. Fot. Cinem. Assoc. Jorn. Ec. Finanças Assoc. Jorn. Políticos			entidades não consideradas para fins deste estudo, devido à especificidade de seus associados		

6.2 - OBJETO DE ESTUDO

Estuda-se neste item o perfil profissional do jornalista, seu comportamento como usuário da informação e a demanda de informação nas empresas estudadas. Também, compara-se o comportamento do jornalista com o do cientista e o do cientista social na busca da informação.

6.2.1 - O Perfil Profissional do Jornalista

Os dados levantados através do questionário dirigido aos jornalistas permitiram estabelecer as características do seu perfil profissional no que se refere à formação profissional, exercício de atividades paralelas, conhecimento de línguas estrangeiras, participação em cursos, congressos e seminários, filiação à associações profissionais, contatos com outros jornalistas, hábitos de aquisição de informação factual através dos meios de comunicação e existência ou não de produção bibliográfica e de bibliotecas e/ou arquivos pessoais. Estes dados serão apresentados de maneira abrangente, fazendo-se comentários específicos apenas quando necessário.

No que se refere à formação profissional os jornalistas estudados são em sua maioria graduados em Jornalismo. Alguns, no entanto, possuem graduação em outras áreas diferentes do Jornalismo, como por exemplo, História, Ciências Sociais e Odontologia. Como ocorrências particulares destacam-se: um jornalista com duas graduações, em Jornalismo e Ciências Sociais, um com curso de pós-graduação e outro sem formação universitária.

Em relação ao exercício de outra atividade profissional paralela, os dados obtidos indicam que nenhum dos jornalistas estudados trabalha para outra empresa de comunicação, nem exerce outra profis

são provavelmente devido à carga horária das redações, que varia entre 7 e 10 horas diárias. Apenas um profissional exerce atividade de free-lancer para outros veículos e outro profissional leciona.

Quanto ao conhecimento de línguas estrangeiras os dados indicam que a totalidade dos jornalistas declara saber ser o inglês, o francês e o espanhol e, a maioria dos jornalistas afirma saber falar, ler e escrever apenas o inglês. Estes dados, no entanto, se contrapõem ao fato do jornalista, de modo geral, recusar qualquer fonte bibliográfica em língua estrangeira, a não ser que não exista a mesma informação registrada em língua portuguesa. Isto pode ser explicado pela pressa constante do jornalista em obter a informação a escrever sua matéria. (*)

No que concerne a cursos de atualização, especialização ou reciclagem profissional, os jornalistas estudados não os fazem. Também não existe da parte do empregador um interesse manifesto em desenvolver os recursos humanos de sua empresa. Os profissionais especializados, principalmente os da área econômica, fazem cursos em sua área de especialização. No entanto, estes cursos não visam o aprimoramento do profissional mas sim, o serviço, a cobertura do evento e a entrevista das personalidades. Também os jornalistas da TV Globo participam de cursos que privilegiam sempre os aspectos operacionais do veículo e relegam o desenvolvimento intelectual do profissional.

A participação em congressos e seminários na área de jornalismo é praticamente nula. Os jornalistas alegam tanto a inexistência de congressos, como também a falta de tempo e oportunidade para participar destes eventos.

(*) Como curiosidade, acrescenta-se que o Currículo mínimo do curso de Jornalismo não inclui como disciplina nenhuma língua estrangeira.

Quanto à filiação às associações profissionais, a quase totalidade dos jornalistas da amostra é sindicalizada porém, em sua maioria, os jornalistas não participam das atividades promovidas pelas entidades de classe: reuniões, congressos, cursos e debates.

Em relação aos contatos com profissionais de outras empresas de comunicação, os jornalistas os mantêm regularmente, através do telefone e em reuniões sociais. Estes contatos se efetuam por motivo de trabalho, para comentar e/ou confirmar notícias e, de certa maneira corresponde à comunicação informal existente entre os membros da comunidade científica.

No que se refere aos hábitos de obtenção de informação factual ou seja, hábitos de obtenção de informação através da imprensa, rádio e televisão, vários itens foram analisados. De um modo geral, os jornalistas lêem o JB e O Globo diariamente, já que estes jornais estão sempre disponíveis nas redações das empresas de comunicação. Alguns jornalistas lêem também outros jornais do Rio de Janeiro e jornais de São Paulo e Brasília. Curiosamente, apenas os jornalistas da TV Globo são assinantes de jornais. Em relação às revistas de informação, os jornalistas citam Veja, Isto É, Senhor, Fatos, Manchete e Afinal e afirmam em sua maioria ler pelo menos duas delas semanalmente. Apenas poucos jornalistas são assinantes de revistas pois, como os jornais, elas se encontram disponíveis nas redações das diversas empresas de comunicação. No que se refere ao noticiário de rádio, os dados não são unânimes. Como seria de esperar, os jornalistas de rádio têm o hábito de ouvir o noticiário de várias estações diariamente. Já os jornalistas de outros veículos ouvem, em sua maioria, apenas uma ou duas estações, geralmente Rádio JB e Globo ou Mundial. Curiosamente, alguns jornalistas da imprensa escrita não ouvem nunca o noticiário de rádio. Quanto ao noticiário de televisão, a maioria dos jornalistas assiste aos telejornais da

TV Globo e/ou TV Manchete diariamente. Apenas alguns jornalistas de claram que assistem aos telejornais quase todos os dias e não dia riamente.

Contudo, nem sempre o hábito de ler jornais e revistas, de ou vir os noticiários de rádio e de assistir os telejornais está rela cionado ao interesse de obter informações. Muitas vezes este hábito revela competitividade entre os profissionais das diversas empresas de um mesmo tipo de veículo. Assim, por exemplo o jornalista do JB lê o Globo para saber como foi tratada determinada notícia. Apenas no rádio é que esta competitividade não se manifesta pois, por seu próprio estilo o rádio se caracteriza pela transmissão objetiva das notícias, sem comentários e análise dos fatos. Esta competitividade entre os profissionais é positiva, na medida em que estimula uma melhor qualidade das matérias que serão divulgadas mas, tem seus efeitos prejudicados pela falta de competição entre as diferentes empresas de comunicação.

Em relação aos hábitos de leitura especializada os jornalis tas estudados revelaram não ler nem assinar revistas da área de Co municação de Massa ou Jornalismo. Em relação à leitura de lazer, as preferências recaem nos romances e ensaios das listas de best-sellers.

Quanto aos aspectos de produção bibliográfica, os dados indi cam que a maioria dos jornalistas possuem uma produção literária, principalmente de contos, poesia e romance mas, apenas alguns publi cam seus trabalhos. Poucos, no entanto, escrevem ou publicam arti gos especializados em Jornalismo ou Comunicação de Massa. Supõe-se que a produção literária do jornalista pode ser explicada pelo fato de que muitos destes profissionais procuram o Curso de Jornalismo por que gostam de escrever.

No que se refere à sistematização particular de informação, os dados indicam que alguns jornalistas possuem arquivos e/ou bi

bibliotecas pessoais, centradas nas áreas de interesse do seu trabalho, que utilizam com certa frequência como fonte de dados complementar e alternativa às matérias que produzem (*). O maior índice de profissionais que possuem arquivos e/ou bibliotecas pessoais foi encontrado na revista Isto É, o que se explica pelo fato da revista não possuir um sistema de informação próprio, propiciando, assim, a formação de outros canais de obtenção de informação. Entre os outros jornalistas entrevistados, possuem arquivos pessoais apenas os especializados. Um aspecto que deve ser considerado em relação a estes arquivos é a sua utilização. De um modo geral, a não ser nos casos de matérias programadas com maior antecedência, a utilização dos arquivos e bibliotecas particulares é praticamente impossível, pois o jornalista, excetuando-se o da revista, tem um prazo muito curto para produzir as matérias que, normalmente são divulgadas no mesmo dia. O Quadro nº 11 a seguir sintetiza os resultados deste item.

6.2.2 - O Jornalista como usuário da Informação

De acordo com Lancaster (5), o comportamento de um usuário na busca de informação é estudado através da sua demanda.

Para se delinear o comportamento do jornalista como usuário da informação foram levantados e investigados os seguintes aspectos da demanda: onde busca informação, como formula sua demanda, o que busca, quem realiza a busca e quais as dificuldades que encontra. Estes aspectos da demanda foram considerados quando situados

(*) Optou-se por localizar este aspecto, existência e utilização de arquivos ou bibliotecas pessoais, neste sub-item por considerá-lo uma característica do perfil profissional do jornalista.

ASPECTOS		PERFIL PROFISSIONAL DO JORNALISTA
FORMAÇÃO PROFISSIONAL		<ul style="list-style-type: none"> Em sua maioria são graduados em jornalismo. Alguns possuem graduação em outras áreas (História, Ciências Sociais). Um possui pós-graduação e um não possui formação superior.
OUTRA ATIVIDADE PROFISSIONAL PARALELA		<ul style="list-style-type: none"> Nenhum profissional exerce outra profissão. A penas um é também free-lancer e outros dois lecionam.
CONHECIMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS		<ul style="list-style-type: none"> A quase totalidade revela saber ler inglês, francês, espanhol.
CURSOS DE ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL		<ul style="list-style-type: none"> De modo geral não se aprimoram profissionalmente. Os jornalistas especializados participam de cursos em sua área de especialização. E os jornalistas de televisão participam de cursos que visam os aspectos operacionais das técnicas de TV.
CONGRESSOS OU SEMINÁRIOS NA ÁREA DE JORNALISMO		<ul style="list-style-type: none"> Participação é praticamente nula. Apenas dois profissionais de televisão participaram.
FILIAÇÕES AS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS		<ul style="list-style-type: none"> A quase totalidade dos jornalistas são sindicalizados, porém não participam das atividades promovidas (reuniões, cursos e outros eventos).
CONTATO COM OS JORNALISTAS DE OUTRAS INSTITUIÇÕES		<ul style="list-style-type: none"> Apenas um jornalista declarou não manter contato com profissionais de outras empresas. Este contato é frequente, realiza-se através de telefone e em reuniões sociais.
HÁBITOS DE AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÃO FACTUAL ATRAVÉS DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	JORNAL	<ul style="list-style-type: none"> Todos os jornalistas lêem diariamente jornais do Rio (JB e O Globo) e alguns também lêem jornais de SP e Brasília.
	REVISTA	<ul style="list-style-type: none"> Todos os jornalistas lêem semanalmente revistas de informação, principalmente, Veja e Isto É.
	RÁDIO	<ul style="list-style-type: none"> Os jornalistas do rádio ouvem noticiários de várias estações diariamente. Outros jornalistas ouvem apenas o noticiário de uma só estação. E alguns jornalistas da imprensa não ouvem nunca noticiário de rádio.
	TV	<ul style="list-style-type: none"> A maioria dos jornalistas assiste aos telejornais da TV Globo e/ou TV Manchete diariamente e alguns, quase todos os dias.
HÁBITOS DE LEITURA	ESPECIALIZADA	<ul style="list-style-type: none"> Os jornalistas não lêem nem assinam revistas especializadas em Jornalismo.
	LAZER	<ul style="list-style-type: none"> Os jornalistas lêem, de um modo geral, os romances e ensaios das listas de Best-Sellers.
PRODUÇÃO	LITERÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> Os jornalistas possuem em sua maioria uma produção literária que consta de contos, poesia, romances, literatura infantil. Apenas alguns publicam seus trabalhos.
BIBLIOGRÁFICA	ESPECIALIZADA	<ul style="list-style-type: none"> Apenas três jornalistas (todos da TV) escrevem em sua área de especialização.
ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PESSOAIS		<ul style="list-style-type: none"> Alguns jornalistas possuem arquivos e bibliotecas pessoais centrados em suas áreas de interesse, que utilizam como fonte alternativa de informação.

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

especificamente no contexto dos sistemas de informação (*).

Os jornalistas, quando necessitam de informação para complementar suas matérias, recorrem inicialmente ao Centro de Documentação de sua empresa, depois à sua memória, aos colegas da sua e de outras instituições e, finalmente, aos seus arquivos e/ou bibliotecas pessoais e a outras bibliotecas.

A frequência de utilização dos sistemas de informação oscila em função da necessidade de trabalho. No entanto, alguns jornalistas afirmam recorrer ao Centro de Documentação de sua empresa diariamente e outros cerca de duas vezes por semana. Mesmo os jornalistas da Isto É, que não possui um sistema de informação próprio, recorrem frequentemente, à coleção da Revista e aos jornais disponíveis, como fonte de consulta.

O uso de arquivos e/ou bibliotecas pessoais, que não se constituem em um sistema formal, já foi analisado no item anterior.

A frequência de utilização de outras bibliotecas se restringe aos jornalistas especializados, principalmente da área de Economia, o que se explica pela sua necessidade de informação especializada, diferente da dos outros jornalistas.

Os serviços de informação mais utilizados para responder a demanda são a busca retrospectiva e o serviço de "pergunta-resposta". A busca retrospectiva engloba demandas mais extensas sobre fatos, pessoas ou assuntos. O serviço de "pergunta-resposta" é utilizado para responder geralmente por telefone, a demanda de dados objetivos, como por exemplo, datas, grafias corretas de nomes, dados estatísticos etc.

(*) Daí porque a existência de arquivos e/ou bibliotecas pessoais e os hábitos de obtenção de informação factual foram incluídos no item anterior.

A formulação da questão é feita, na maior parte das vezes, verbalmente. A formulação da demanda por escrito ocorre também mas, com menor frequência. O jornalista do JB e da rádio JB quase sempre se dirige pessoalmente ao Centro de Documentação e, algumas vezes, utiliza o telefone. Já o jornalista da Isto É faz sua demanda através de mensageiro que, algumas vezes leva a formulação da questão por escrito. O jornalista da TV Globo faz sua demanda por telefone, já que o Centro de Documentação, com exceção do Arquivo de Imagens, se localiza num prédio diferente do da redação. Quando a demanda se refere a material visual, ela é feita pessoalmente pelo jornalista ou mensageiro, que se dirige ao Arquivo de Imagens.

A demanda, quando feita verbalmente, é sempre negociada com o funcionário do Centro de Documentação. Neste momento, o jornalista tem por hábito solicitar mais informação do que necessita, para selecionar posteriormente. Este hábito reflete sua preocupação de não obter informação suficiente. Entretanto, os jornalistas afirmam que ao recorrer à bibliotecas ou centros de documentação recebem de um modo geral mais informação do que pediram, recebem informação sobre assuntos correlatos. Algumas vezes recebem também informação irrelevante, errada e até mesmo deixam de receber qualquer informação.

Uma das peculiaridades do comportamento do jornalista como usuário é a delegação da busca. De modo geral, raramente é o próprio jornalista que efetua a busca. Assim, apresentada a demanda, ela é negociada com o funcionário do Centro de Documentação que realiza a busca e seleciona o material que será posteriormente entregue ao jornalista. De certa forma, o fator limite de tempo e a pressão do jornalista, justificam este comportamento, na medida em que ele acredita que ao realizar pessoalmente a busca está perdendo um tempo que poderia ser empregado na elaboração da matéria. Outro fa

tor que pode justificar este comportamento é a falta de intimidade do jornalista com os sistemas de informação. Os centros de documentação das empresas de comunicação estudadas optaram por não oferecer livre acesso aos seus usuários. Pioneiramente, a TV Globo está implantando, desde o segundo semestre de 1985, terminais de computador na sua redação, para acesso on-line, pelos jornalistas ao acervo do Centro de Documentação. A não adoção do livre acesso foi estabelecida pelos centros de documentação por dois motivos: a dificuldade do jornalista em manipular o vocabulário de indexação e a pressa que o impede de realizar ele próprio a busca da informação. A não adoção do livre acesso não é uma regra rígida pois o jornalista pode, se o desejar, acompanhar ou efetuar pessoalmente a busca. No entanto, segundo os dados obtidos, poucos jornalistas o fazem.

As dificuldades vivenciadas pelos jornalistas no momento da busca de informação são várias, além das já citadas como justificativas para o acesso não-livre ao acervo dos centros de documentação. Alguns jornalistas alegam que desconhecem onde buscar a informação que necessitam e, também, os recursos de que dispõe um sistema de informação. O acesso físico ao Centro de Documentação da empresa ou a outras bibliotecas é citado como uma dificuldade na busca de informação, assim como seus horários de funcionamento. O fator tempo, a pressa (e a falta mesmo de tempo), é outro ponto que dificulta a busca de informação. A terminologia adotada na indexação, que muitas vezes dispersa a documentação sobre um mesmo assunto e, a desatualização do acervo dos centros de documentação são as dificuldades das quais o jornalista mais se ressentir na busca de informação.

Ao comportamento do jornalista na busca da informação, tem em sua base dois modelos-padrão diferentes: matéria programada com

antecedência ou de última hora. Para as matérias programadas com antecedência, a rotina do jornalista é a seguinte: faz o roteiro da matéria, decide qual o material necessário, texto, imagem ou som, procura o centro de documentação com os pedidos já definidos e finaliza a matéria acrescentando dados recentes. Para as matérias de última hora a rotina do jornalista é a seguinte: recorre ao centro de documentação e solicita o material disponível sobre o assunto, aproveita o material necessário, fazendo a matéria com base no material existente e, se possível, com dados atuais.

Estes comportamentos-padrão são ditados não só pelo fator tempo como também pela acessibilidade da informação disponível nos centros de documentação das empresas.

A acessibilidade da informação é fator incontestável de seu uso. Quando o jornalista necessita de informação e por qualquer motivo não recorre ao centro de documentação da empresa, ele usa como fonte de informação os jornais, revistas, dicionários, almanaques ou enciclopédias disponíveis na redação. Obedecendo à lei do menor esforço, é sempre mais fácil recorrer ao centro de documentação da empresa, onde ele é pajeado, ou ao material de referência disponível na redação do que à sua própria memória ou à do colega. Também é mais fácil recorrer ao seu arquivo particular, em casa, do que se deslocar a uma biblioteca fora de sua empresa. O comportamento do jornalista na busca da informação está, portanto, relacionado com a acessibilidade da informação. Assim, a princípio, quando a informação não está disponível para uso imediato, surgem dificuldades que afastam o jornalista do sistema. De certa forma, este comportamento se justifica porque o jornalista, na maior parte das vezes, busca informação para produzir matérias que são veiculadas no mesmo dia e, portanto, se constituem em um tipo especial de usuário, que deve ter sua demanda de informação provida por

um sistema de informação que possua, também, características especiais. O quadro 12 a seguir sintetiza os resultados deste item.

6.2.3 - Demanda de Informação nas Empresas Estudadas

6.2.3.1 - Jornal do Brasil

A demanda da informação por parte dos jornalistas do Jornal do Brasil é representada pela média mensal de 1300 buscas realizadas, sendo que destas, 15 são consideradas negativas, ou seja, demanda que não obtiveram resposta. Estas buscas estão distribuídas pelos diversos arquivos da seguinte forma:

- Arquivo de Recortes: 400 buscas, sendo que 3 negativas;
- Índice JB: 100 buscas, sendo que 2 negativas;
- Biblioteca: 300 buscas, sendo que 10 negativas;
- Arquivo Fotográfico: 500 buscas, sendo que nenhuma negativa.

Os dados das buscas realizadas no Arquivo serão incluídos na parte referente à demanda de informação da Rádio Jornal do Brasil, uma vez que os que aí trabalham são seus principais usuários.

A demanda da informação no Jornal do Brasil é pequena: cada jornalista efetua em média 4,5 demandas por mês.

A demanda se efetua através do contato direto entre o jornalista, usuário da informação e o funcionário do Centro de Documentação, interface entre o usuário e o sistema de informação, quando então é negociada a questão. O diálogo entre o jornalista e o funcionário do Centro de Documentação é de fundamental importância para explicar a demanda e facilitar a busca, já que o usuário não tem livre acesso aos arquivos e, é o funcionário do Centro de Documentação quem seleciona o material pedido. Muitas vezes também, a demanda é feita por telefone e, ocasionalmente é feita por escri

ASPECTOS		O JORNALISTA COMO USUÁRIO DA INFORMAÇÃO	
HÁBITOS DE DEMANDA DE INFORMAÇÃO	NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR	<p>1º) Os jornalistas recorrem sempre ao Centro de Documentação de sua empresa. Com exceção dos jornalistas da revista ISTO É, que recorrem ao Globo e JB.</p> <p>2º) Aos colegas da instituição e de fora.</p> <p>3º) Aos seus arquivos e bibliotecas pessoais.</p> <p>4º) A outras bibliotecas (usadas principalmente, pelos jornalistas especializados).</p>	
	SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO MAIS UTILIZADOS PARA RESPONDER A DEMANDA	. Busca retrospectiva e serviço de "pergunta-resposta".	
DEMANDA DE INFORMAÇÃO	FORMULAÇÃO DA QUESTÃO		. É sempre feita verbalmente e negociada com o funcionário do Centro de Documentação da empresa. Raramente é feita por escrito.
	DEMANDA PROPRIAMENTE DITA	JORNAL DO BRASIL	. O jornalista vai pessoalmente ao Centro de Documentação.
		ISTO É	. O jornalista manda um mensageiro ao Centro de Documentação do JB ou O Globo.
		RÁDIO JB	. O jornalista vai pessoalmente ao Centro de Documentação.
		TV GLOBO	. É feita normalmente por telefone. Algumas vezes o jornalista vai pessoalmente ao Centro de Documentação.
	A INFORMAÇÃO		. O jornalista tem por hábito pedir sempre mais informação do que necessita para selecionar depois.
BUSCA DE INFORMAÇÃO	DELEGAÇÃO DA BUSCA		. De um modo geral, o jornalista tende a delegar a busca ao funcionário do Centro de Documentação. São raros os que efetuam sua própria busca.
	DIFICULDADES NA BUSCA DE INFORMAÇÃO		<p>. Desconhecimento de onde buscar a informação.</p> <p>. Acesso físico ao Centro de Documentação.</p> <p>. Falta de tempo.</p> <p>. Horário de funcionamento do Centro de Documentação.</p> <p>. Terminologia adotada na indexação.</p> <p>. Desatualização do acervo disponível.</p>
	COMPORTAMENTO NA BUSCA DE INFORMAÇÃO	<p>MATÉRIA PROGRAMADA</p> <p>MATÉRIA DE ÚLTIMA HORA</p>	<p>1º prepara um roteiro;</p> <p>2º decide o material de arquivo que vai ser utilizado;</p> <p>3º procura do Centro de Documentação com os pedidos já definidos;</p> <p>4º finaliza a matéria com dados recentes.</p> <p>1º procura o Centro de Documentação e solicita tudo que está disponível sobre o assunto;</p> <p>2º aproveita o material necessário, fazendo a matéria com base no material existente;</p> <p>3º se possível acrescenta dados atuais.</p>

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: Imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

to.

A demanda de informação por parte dos jornalistas ocorre qu se sempre com poucas horas de antecedência, fato determinado pela própria rotina do Jornal, que tem hora marcada para fechar a edição e ir para a gráfica. Algumas vezes, nos casos em que a matéria é programada com certa antecedência, a demanda é feita de véspera ou mesmo alguns dias antes.

No que se refere ao material bibliográfico, as fontes mais utilizadas para responder à demanda são os jornais diários nacionais, os periódicos semanais nacionais, a enciclopédia Mirador, o Almanaque Abril, dicionários especializados, os Who's Who, o Facts on File, o índice da revista Veja e as obras publicadas pelo IBGE. Existe por parte dos jornalistas uma tendência a preferir as fontes bibliográficas publicadas em língua portuguesa e a recusar as publicadas em língua estrangeira, apesar de terem afirmado ler o inglês, francês e o espanhol. As fontes bibliográficas em língua estrangeira somente são aceitas se não existir a mesma informação publicada em português, com raras exceções.

6.2.3.2 - Isto É

A demanda de informação por parte dos jornalistas da sucursal Rio é suprida pelos Centros de Documentação dos jornais O Globo e Jornal do Brasil, sendo portanto impossível apurarem-se dados estatísticos.

A demanda de informação é efetuada, de modo geral, através de um mensageiro da Revista e, também por contatos telefônicos entre o jornalista e o funcionário do Centro de Documentação do Globo ou Jornal do Brasil e, a seleção do material bibliográfico é realizada pelo funcionário do Centro de Documentação que recebeu a

demanda, sem a interferência do jornalista.

As fontes bibliográficas mais utilizadas são os jornais diários nacionais, os periódicos semanais nacionais, enciclopédias, dicionários especializados e monografias.

Entretanto, os jornalistas da sucursal Rio da revista Isto É recorrem às suas bibliotecas e arquivos particulares, desenvolvidos, possivelmente, devido à ausência de oferta de informação em sua empresa e à facilidade de acesso à informação que, selecionam e organizam segundo suas necessidades.

6.2.3.3 - Rádio Jornal do Brasil

A demanda de informação por parte dos jornalistas da Rádio JB é pequena: o Arquivo Sonoro realiza em média 10 buscas por mês. No entanto, os jornalistas que produzem programas para a Rádio ou que estão encarregados de uma cobertura mais ampla de determinado fato, utilizam também a Pesquisa e a Biblioteca. Também, ocasionalmente, os jornalistas do Jornal utilizam o Arquivo Sonoro para confirmar declarações prestadas por personalidades públicas.

No Arquivo Sonoro a demanda é feita pessoalmente pelo jornalista que, apesar de não ter livre acesso, é quem ouve as gravações das matérias e seleciona o material desejado, após ter recebido as fitas do funcionário do Arquivo.

O material mais utilizado para responder a demanda é o próprio noticiário da Rádio JB.

Apesar do rádio ser um veículo de comunicação imediatista, a demanda de informação é geralmente feita com antecedência, ou de véspera, pois, a informação requerida destina-se, de um modo geral, aos programas especiais e não ao noticiário do dia. Este fato justifica o baixo índice de buscas já que o noticiário do dia-a-dia é

baseado em entrevistas e nas notícias divulgadas pelas agências noticiosas, dispensando, assim o material de arquivo.

6.2.3.4 - TV Globo

A demanda de informação por parte dos jornalistas da TV Globo é representada pela média mensal de 11.000 buscas efetuadas, das quais 100 são consideradas negativas. Estas buscas estão distribuídas pelos diversos setores do CDRG da seguinte forma:

- Arquivo de Recortes: 1.500 buscas, sendo que 3 negativas;
- Biblioteca: 600 buscas, sendo que nenhuma negativa;
- Arquivo de Imagens: 9.500 buscas, sendo que 100 negativas.

A demanda de informação é grande: cada jornalista efetua, em média, 40 demandas por mês.

A demanda é feita pelo jornalista através de contato telefônico com funcionário do Centro de Documentação, que escreve o pedido de pesquisa em formulário próprio, onde também são anotadas as fontes utilizadas para responder a questão, o tempo de busca, a hora em que ficou pronta a pesquisa, o nome e o ramal do jornalista e o nome do funcionário responsável pelo atendimento. Apenas na Biblioteca e no Arquivo de Imagens é que o jornalista, em geral, com parece pessoalmente ou manda um mensageiro, para efetuar sua demanda.

Atualmente, como já foi dito, estão sendo implantados terminais de computador na Redação, para que o jornalista efetue, se o desejar, a busca on-line de informação. Neste caso, ele se dirige ao Centro de Documentação com os números dos documentos obtidos como resposta. No entanto, como este sistema é recente, os jornalistas ainda estão sendo treinados através de cursos ministrados

pelo CDRG e o uso tem sido restrito, apesar do interesse demonstrado.

Devido às várias edições diárias de telejornais, a demanda de informação é feita, quase sempre, com uma antecedência mínima de tempo e, muitas vezes, quando o telejornal já está no ar.

As fontes mais utilizadas para responder à demanda são os jornais diários nacionais, os periódicos semanais nacionais, as enciclopédias Mirador e Delta Larousse, o Almanaque Abril, o Facts on File, os Who's Who das diversas áreas, os dicionários especializados e as obras publicadas pelo IBGE. Também existe por parte dos jornalistas uma resistência em receber informação publicada em língua estrangeira. O quadro nº 13 sintetiza os principais resultados deste item.

6.2.4 - O Cientista, o Cientista Social e o Jornalista como Usuários da Informação

Para Barbara Skelton (9) poucas são as diferenças entre o comportamento do cientista e do cientista social na busca da informação. Como o demonstra, analisando os resultados de treze estudos de usuários na área das ciências e comparando-os aos resultados do Projeto INFROSS, tanto o cientista como o cientista social utilizam os mesmos tipos fontes de informação e os mesmos métodos de recuperação da informação, diferindo apenas o grau de uso.

Neste trabalho de 1973, Skelton (9) elaborou um quadro comparativo entre o comportamento do cientista e do cientista social na busca da informação, enfocando os seguintes aspectos: fontes de informação, métodos utilizados para localizar referências bibliográficas, uso e função dos periódicos de resumo, participação e valor de conferências, delegação da busca de literatura, detecção tardia de informação, habilidade linguística, estímulo para idéias e pes

DEMANDA DE INFORMAÇÃO	EMPRESAS	JORNAL DO BRASIL	ISTO É	RÁDIO JB	TV GLOBO
MÉDIA MENSAL DE BUSCAS REALIZADAS	Pesquisa - 400 Índice JB - 100 Biblioteca - 300 Arquivo Fotográfico - 500	Não existe controle, pois a demanda é suprida pelos arquivos do JB e O Globo.	Arquivo Sonoro	Arq. Recortes - 1500 Biblioteca - 600 Arquivo de Imagem - 9500	
MÉDIA MENSAL DE BUSCAS NEGATIVAS	Pesquisa - 3 Índice JB - 2 Biblioteca - 10 Arquivo Fotográfico - 0	---	Não existe controle.	Arq. Recortes - 3 Biblioteca - 0 Arquivo de Imagem - 100	
ÍNDICE MENSAL DE DEMANDA POR JORNALISTAS DE EMPRESA	4,5	---	4	38	
COMO É FEITA A DEMANDA	Pessoalmente	Através de mensageiro.	Pessoalmente.	Pessoalmente e por telefone.	
QUEM REALIZA A BUSCA	Funcionário do Centro de Documentação.	Idem	Idem	Idem	
SELEÇÃO DO MATERIAL	Realizada pelo funcionário do Centro de documentação.	Idem	Realizada pelo jornalista.	Realizada pelo funcionário do Centro de documentação e algumas vezes (imagens) pelo jornalista.	
MATERIAL BIBLIOGRÁFICO MAIS UTILIZADO PARA RESPONDER À DEMANDA	Recortes de jornais e revistas nacionais; enciclopédia Mirador; almanaque Abril; dic. especializados; Who's who; Facts on file; Índice da Veja; obras do IBGE.	Recortes de jornais e revistas nacionais; enciclopédias; dicionários especializados; monografias.	Raramente utiliza material bibliográfico: recortes de jornais, dicionários e enciclopédias.	Recortes de jornais e revistas nacionais; enciclopédias Mirador e Delta Larousse; Almanaque Abril; Facts on file; Who's who; dicionários especializados; obras do IBGE.	
ANTECEDÊNCIA COM QUE É FEITA A DEMANDA	Em geral no mesmo dia e de véspera. Ocasionalmente, alguns dias antes,	Alguns dias antes.	De véspera ou alguns dias antes. Raramente para o mesmo dia.	Com uma antecedência de poucas horas. Algumas vezes, quando o programa já está no ar e, raramente de véspera ou alguns dias antes.	

quisas.

Deve-se considerar inicialmente, que a natureza específica da informação produzida pelo jornalista requer uma abordagem e um tratamento diverso da informação científica que é gerada e processada pelos cientistas. O caráter factual e dinâmico da notícia afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação.

Em relação às fontes de informação ou seja, aos canais formais, pode-se observar que enquanto o cientista utiliza periódicos, literatura comercial e manuais e o cientista social utiliza monografias e periódicos, o jornalista utiliza, como sua principal fonte de informação, os jornais diários e as revistas semanais e, também, enciclopédias, dicionários e almanaques, dependendo do tipo de informação que necessita. Este fato se explica pela própria natureza da informação divulgada pelos veículos de comunicação de massa, ou seja, matérias curtas, objetivas e de fácil assimilação.

Apenas o jornalista especializado em determinadas áreas de conhecimento consulta monografias em sua área de especialização, por ter necessidade de manipular dados já analisados e sistematizados.

O canal informal se estabelece como fonte de informação para o cientista e o cientista social através dos colégios invisíveis e dos "gatekeepers". Para o jornalista, a comunicação informal se dá não apenas através do contato com outros jornalistas mas, também, através do contato informal com profissionais ou personalidades da área da qual buscam informação. Vale ressaltar que o termo fonte de informação significa para o jornalista a pessoa que está capacitada a prestar informação sobre determinado assunto e, não traz implícita a conotação bibliográfica.

No que se refere aos métodos de localizar referências biblio

gráficas, Skelton afirma que tanto para o cientista como para o ci
entista social, a biblioteca ou centro de documentação não são im
portantes.

Entretanto, para o jornalistas, o centro de documentação da empresa onde trabalha é de fundamental importância pois, é o primei
ro local ao qual se dirige na busca de informação. Diferentemente do cientista e do cientista social, o jornalista, provavelmente por lidar com uma diversidade muito grande de assuntos, não conhece as obras de referência onde poderia localizar literatura sobre determinado assunto e, portanto, torna-se imprescindível recorrer à biblioteca. Este aspecto se evidencia ao se observar que o jornalista especializado, além de consultar monografias em sua área de especialização, também recorre à bibliotecas especializadas. Os arquivos e bibliotecas particulares dos jornalistas, centrados em assuntos do seu interesse específico, são consultados como fonte alternativa para a localização de informação e têm um papel importante devido à sua acessibilidade. Os métodos tradicionais de localização e levan
tamento bibliográfico, como citação, resumos e índices etc, utilizados comumente pelos cientistas e cientistas sociais, são desconhecidos pelos jornalistas e, muitas vezes são incompatíveis com a natureza de seu trabalho.

Em relação ao uso e função dos periódicos de resumo, utili
zados pelos cientistas e cientistas sociais como alerta corrente e como fonte de informação, assim como outras obras de referência, não são utilizados pelos jornalistas por não responderem ao tipo
de demanda efetuada por este profissional.

No que se refere à participação e valor de conferências, tan
to o cientista como o cientista social participam num mesmo grau

e, para ambos, as conferências são fontes de obtenção de informação através da comunicação informal e dos trabalhos apresentados. Já os jornalistas, de modo geral, não participam de congressos e conferências mesmo porque os congressos são raros e pouco divulgados. Apenas os jornalistas especializados, como foi dito anteriormente, participam dos congressos em sua área de especialização, não como fonte de obtenção de informação mas sim, como repórteres cobrindo o evento.

No que diz respeito à delegação da busca da literatura, observa-se, segundo Skelton (9), que o cientista mostra uma tendência a delegar a busca, enquanto que o cientista social conduz sua própria pesquisa. Como já foi analisado, o jornalista tem por hábito delegar a busca ao funcionário do centro de documentação ou biblioteca e, eventualmente realizar a busca de informação em seus arquivos ou em bibliotecas particulares. De modo geral, pode-se afirmar que o hábito do jornalista em delegar a busca de informação ao funcionário do centro de documentação ou biblioteca está relacionado tanto ao fato de desconhecer as fontes bibliográficas de informação, como também à pressa de obter a informação e à dificuldade em lidar com os vocabulários de indexação utilizados pelas bibliotecas e centros de documentação.

Em relação à detecção tardia de informação, verifica-se que tanto o cientista quanto o cientista social experimentam este fato numa mesma extensão. Apesar deste aspecto não ter sido considerado nesta dissertação, pode-se afirmar que, por delegar quase sempre a busca, apenas eventualmente, o jornalista toma conhecimento de detecção tardia de informação pertinente à matéria que produziu. O não livre acesso ao acervo impede o "browsing" e, conseqüentemente a descoberta posterior de informações pertinentes.

No que se refere à habilidade linguística, o cientista reve

la não só maior habilidade como também maior consciência da barreira linguística que o cientista social. O jornalista, como foi dito anteriormente, apesar de afirmar que possui conhecimento de outras línguas, recusa sistematicamente literatura estrangeira, a não ser que não haja a mesma informação publicada em português.

Quanto ao estímulo para pesquisas e idéias, o material escrito, o próprio trabalho, os contatos pessoais informais são igualmente importante para o cientista e o cientista social. Também este aspecto não foi considerado por este trabalho no que se refere aos jornalistas mas, pode-se afirmar que, para eles, as fontes de estímulo para novas matérias são principalmente as próprias notícias, as matérias já produzidas e interesses particulares por determinado assunto. A pauta, como foi dito, restringe a criatividade e direciona o repórter.

Pode-se verificar que sob poucos aspectos o comportamento do jornalista como usuário da informação se aproxima do comportamento do cientista social, enquanto que, sob vários outros aspectos, se distancia. Isto será discutido no item 7.1, DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES, do item CONSIDERAÇÕES FINAIS. Contudo, pode-se concluir que o caráter dinâmico e imediatista da notícia e dos veículos de comunicação determinam e reforçam o comportamento repetitivo e pouco estimulante do jornalista como usuário da informação.

Para facilitar a comparação entre o cientista, o cientista social e o jornalista como usuários da informação, foi acrescentado ao quadro elaborado por Skelton a coluna pontilhada, referente ao jornalista, com os dados obtidos através dos questionários destinados aos jornalistas e às Chefias dos Centros de Documentação (Quadro nº 14).

O COMPORTAMENTO DO CIENTISTA, DO CIENTISTA SOCIAL E DO JORNALISTA NA BUSCA DE INFORMAÇÃO - QUADRO COMPARATIVO DE SKELTON

	CIENTISTA	CIENTISTA SOCIAL	JORNALISTA
FONTES DE INFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Periódicos; • literatura comercial; • manuais; • comunicação informal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Monografias; • periódicos; • comunicação informal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jornais diários; • revistas semanais de informação; • enciclopédias e dicionários; • almanaques; • o jornalista especializado utiliza monografias; • comunicação informal.
MÉTODOS DE LOCALIZAR REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<ul style="list-style-type: none"> • Recomendação pessoal; • acaso; • resumos e índices; • a biblioteca ou departamento de informação não é importante. 	<ul style="list-style-type: none"> • Citação; • resumos e índices; • recomendação pessoal; • a biblioteca não é importante. 	<ul style="list-style-type: none"> • Centro de documentação da empresa; • arquivos e bibliotecas pessoais; • bibliotecas especializadas são consultadas apenas pelos jornalistas especializados.
USO E FUNÇÃO DOS PERIÓDICOS DE RESUMO	<ul style="list-style-type: none"> • Os cientistas usam os periódicos de resumo pouco menos que os cientistas sociais. Ambos os usam numa extensão semelhante como alerta corrente. 		<ul style="list-style-type: none"> • Não usam.
PARTICIPAÇÃO EM E VALOR DE CONFERÊNCIAS	<p>Participam num mesmo grau.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O cientista puro obtém informação através do contato social e o cientista aplicado obtém informação de trabalhos apresentados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Obtém informação tanto através do contato social quanto dos trabalhos apresentados. 	<ul style="list-style-type: none"> • De modo geral não participam. • Apenas os jornalistas especializados participam de congressos em suas áreas de especialização.
DELEGAÇÃO DA BUSCA DE LITERATURA	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência a delegar a busca. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência a conduzir sua própria pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre delegam a busca de informação ao funcionário do centro de documentação; • eventualmente, realiza a busca em seu arquivo pessoal.
DETECÇÃO TARDIA DE INFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Ambos experimentam o fato numa mesma extensão. 		*
HABILIDADE LINGUÍSTICA	<ul style="list-style-type: none"> • A habilidade linguística dos cientistas e a consciência da barreira da língua é maior do que a dos cientistas sociais. 		<ul style="list-style-type: none"> • Afirmando ter conhecimento de outras línguas, mas recusam literatura em língua estrangeira.
ESTÍMULO PARA PESQUISA/IDÉIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Material escrito, o próprio trabalho, contatos pessoais informais são igualmente importantes tanto para o cientista como para o cientista social. 		*

* Aspectos não considerados pelo projeto.

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987.
Dissertação de Mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOLETIM DA ABI, abr. 1978.
2. Cobertura TV Globo. Mercado Global, 4(37/38): 17-21, 1977.
3. Os 2900 municípios cobertos pela Rede Globo: Mercado Global, 6(45): 42-51, 1979.
4. HONS, André de Séguin des. Os diários do Rio de Janeiro: 1945-1982. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982. Tese.
5. LANCASTER, F.W. Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation. 2.ed. New York, Wiley, 1979.
6. MATERIA publicada no Jornal do Brasil de 9 de agosto de 1935.
7. Rede Globo: a maneira mais econômica de falar para o Brasil. Bip (97): 4-6, maio, 1985.
8. A short history of television journalism in Brazil: Globo journalism.
(folheto de divulgação da Rede Globo de Televisão).

9. SKELTON, Barbara. Scientists and social scientists as information users: a comparison of results of science studies with the investigation into information requirements of the social sciences. J. Librarianship, 5(2): 138-56, 1973.
10. SOUZA, Claudio Mello e. Jornal Nacional: 15 anos de história. Rio de Janeiro, TV Globo, 1984.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este item tem por objetivo discutir as hipóteses formuladas, apresentar um modelo de sistema de informação que seria adequado à comunidade de jornalistas e traçar, em linhas gerais, as perspectivas para novos trabalhos na área.

7.1 - DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES

A primeira hipótese levantada por este trabalho supõe que as características de cada veículo de comunicação e, consequentemente, o enfoque dado às notícias que eles divulgam, determinariam a demanda de informação por parte dos jornalistas.

Para se discutir esta hipótese e verificar, ou não, sua validade é preciso retomar o item 4, QUADRO REFERENCIAL, onde foi demonstrado que os veículos de comunicação possuem características próprias e que as notícias são divulgadas através de cada veículo, com um enfoque descritivo, analítico e até superficial, através de linguagens diferentes. É preciso também, retomar o item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO, onde são apresentados e analisados os dados referentes ao jornalista como usuário da informação.

No QUADRO REFERENCIAL, ao serem analisadas as características intrínsecas dos veículos, explicitou-se porque se supõe que elas afetam o comportamento do jornalista como usuário da informação.

Os dados obtidos através dos instrumentos de pesquisa indicam que as diferenças existentes entre o jornalista da imprensa, do rádio e da televisão, no que se refere ao seu comportamento como usuários da informação, não são tão marcantes.

Adotando-se como ponto de partida para a discussão da pri

meira hipótese as características intrínsecas dos veículos, analisam-se inicialmente aquelas que efetivamente confirmam a validade da hipótese, e a seguir as que não a confirmam.

O enfoque dado ao conteúdo da notícia é a primeira das características intrínsecas dos veículos de comunicação que confirma a validade da hipótese. O comportamento do jornalista de revista e o de rádio são os dois extremos, no que se refere à demanda de informação. O jornalista de rádio tem um índice muito baixo de pedidos ao sistema de informação. Na verdade, a demanda só ocorre para matérias especiais planejadas com antecedência, ou então, para notícias importantes de última hora, como por exemplo, a morte de uma personalidade. Isto se deve ao fato da notícia divulgada através do rádio ter como objetivo apenas a atualização do ouvinte eliminando, por este motivo, a interpretação. Por outro lado, o jornalista de revista, além de realizar sua busca de informação nos sistemas disponíveis - no caso da Isto É, nos jornais O Globo e JB, - utiliza também outras bibliotecas e ainda, seus arquivos pessoais. Este comportamento na busca de informação se manifesta por ser a revista o veículo que divulga a notícia sob uma forma analítica e situada dentro de um contexto.

As fontes de informação utilizadas para responder a demanda do jornalista de rádio diferem, em parte, das utilizadas pelo jornalista de revista. A demanda do jornalista de rádio é respondida pelos jornais, revistas e obras de referência geral; enquanto que, a do jornalista de revista, além das fontes bibliográficas citadas, é respondida em grande parte por monografias e obras de referência especializada.

Em relação ao jornalista do jornal e ao da televisão não existe uma diferença tão pronunciada de comportamentos, apesar dos dois veículos também divulgarem as notícias sob enfoques diferentes, tendendo ambos à descrição dos fatos e, à eliminação da

análise. No jornal, apenas o repórter especializado tem um comportamento aproximado ao do repórter da revista, quase sempre, também, especializado.

A rapidez de divulgação do veículo é outra de suas características intrínsecas que parece afetar o comportamento do jornalista como usuário da informação e, portanto, confirma também a validade da hipótese levantada. A rapidez de divulgação impõe um limite de tempo, mais ou menos restrito, para elaborar a matéria que vai ser veiculada. Neste sentido, a rapidez de divulgação afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação, influenciando na antecedência com que é feita a demanda e, consequentemente, nas fontes de informação que a responderão, na medida em que uma demanda urgente tem que ter como resposta a informação, o dado, e não uma fonte bibliográfica de informação ou mesmo um conjunto de documentos sobre o assunto. De modo geral, o jornalista do jornal faz a demanda no mesmo dia e algumas vezes de véspera; o jornalista da revista, com alguns dias de antecedência; o do rádio, por raramente usar o sistema de informação como apoio para noticiário diário, faz sua demanda de véspera ou com maior antecedência e, o jornalista de televisão habitualmente faz sua demanda com poucas horas de antecedência. Este comportamento é explicado pela periodicidade dos veículos: o jornal é diário, a revista é semanal e o rádio e a TV transmitem diariamente várias edições de noticiosos.

A linguagem do veículo, considerada também como uma característica intrínseca, afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação na medida em que é inseparável do suporte físico do veículo de comunicação e, também, do enfoque dado às notícias que são divulgadas. Apesar dos veículos visarem, no que se refere à linguagem, à precisão e objetividade, estas são atingidas através de estilos diferentes - telegráfico, descritivo inter

pretativo - dependendo do veículo e do enfoque dado ao conteúdo da notícia. Assim, a linguagem afeta o comportamento do jornalista como usuário da informação, ocasionando uma demanda mais ou menos abrangente, de acordo com o enfoque a ser dado à notícia e o estilo em que será divulgada.

A abrangência de conteúdo, outra das características intrínsecas dos veículos de comunicação, não demonstrou afetar o comportamento do jornalista como usuário da informação e, portanto, não confirma a validade da hipótese formulada. Devido ao fato dos veículos de comunicação, com exceção do jornal, serem seletivos quanto às notícias que divulgam, a abrangência de cobertura não afeta o comportamento do jornalista na busca de informação. Apenas o jornalista da reportagem geral do jornal é pressionado, pela abrangência de cobertura, na medida em que necessita cobrir assuntos sempre variados e nos quais não é especializado.

Pode-se concluir, no que se refere à primeira hipótese, que as características dos veículos de comunicação, que possuem uma dinâmica própria para divulgar a informação e, também, as próprias características da informação que divulgam, ou seja, em sua maioria matérias curtas, objetivas e de fácil assimilação, destinadas a um público heterogêneo, moldam o comportamento do jornalista como usuário da informação.

Ainda que não incluídos no escopo da primeira hipótese, devem ainda ser considerados para fins de aprofundamento da compreensão da demanda de informação por parte do jornalista, os seguintes aspectos: as relações de trabalho estabelecidas nas empresas de comunicação e a não competitividade entre os diversos tipos de veículos.

As relações de trabalho existentes nos veículos de comunicação são de modo geral instáveis: há grande rotatividade dos jornalistas entre as diversas editorias, além da rotatividade propriamen

te dita entre diversas empresas de comunicação. O mercado de trabalho instável ocasiona a conformação ideológica do jornalista ao veículo e, conseqüentemente, a não busca de informações contraditórias ao que está sendo veiculado. Também não existe engajamento do empregador no aprimoramento do seu profissional. O jornalista, quando chega à categoria de especializado, já alcançou reconhecimento e status entre seus pares e, com isto, se valoriza no mercado de trabalho podendo então, manter sua independência. Estas relações de trabalho são reforçadas pela ausência de competitividade entre os veículos de comunicação. Os diferentes veículos de comunicação, pelas suas próprias características, não competem entre si, no que se refere à forma de divulgação de notícias. Também as empresas de comunicação, de um mesmo tipo de veículo, não competem entre si, tendo partido para a segmentação de audiência, cada uma com uma linha de atuação bem definida e diferenciada das outras empresas.

A segunda hipótese formulada neste trabalho supõe que o comportamento do jornalista na busca de informação seria aproximado ao comportamento do cientista social, por trabalharem ambos com fatos sociais.

Como foi dito anteriormente, a comparação entre o jornalista e o cientista social se justifica como recurso metodológico, pois através dela é que vão aflorar as diferenças que caracterizam o jornalista como usuário da informação.

(*) O entendimento desta inferência me foi possibilitado por ocasião da discussão informal dos resultados desta dissertação com os professores Ana Arruda e Nilson Lage, da Escola de Comunicação da UFRJ, em junho de 1986.

Tendo-se focalizado, no item 6, RESULTADOS E DISCUSSÃO, o jornalista como usuário da informação e, também, comparando-se seu comportamento na busca de informação com o do cientista e o do cientista social, os dados levantados constituem a base da discussão da segunda hipótese. Este conhecimento reverte-se de fundamental importância para o planejamento de sistemas de informação que tanto no Brasil como no exterior, via de regra têm se pautado no modelo da ciência.

Inicialmente são apresentados os aspectos que confirmam a validade da hipótese e a seguir aqueles que a invalidam.

O uso de canais informais é o único aspecto do comportamento na busca de informação que realmente aproxima o jornalista do cientista social. Porém, para o jornalista, o canal informal não se restringe apenas a outro jornalista mas, também, é representado por qualquer pessoa capacitada a dar informações sobre o assunto que o interessa cobrir.

Com relação às fontes de informação utilizadas, somente o jornalista especializado se aproxima do cientista social, na medida em que utiliza monografias da sua área de especialização como fonte de informação. O uso de monografias por parte do jornalista especializado explica-se pela necessidade que este possui de ter acesso à informação já analisada e sistematizada em sua área de especialização. Esta necessidade é mais premente quando se verifica que, em geral, o jornalista especializado não possui graduação em sua área de especialização.

Também, em relação ao uso de arquivos e bibliotecas pessoais, como fonte de informação, o jornalista especializado se aproxima do cientista social. Para o jornalista especializado o uso de bibliotecas e arquivos pessoais, como fonte alternativa de localização de informação se verifica principalmente devido à disponibi-

dade e facilidade de acesso.

Os outros aspectos investigados, métodos de localizar referências bibliográficas, uso de periódicos de resumo como fonte de informação, participação em congressos e conferências, e barreira linguística, demonstram que não se pode aproximar o comportamento do jornalista e o do cientista social na busca de informação e, portanto, restringe a hipótese formulada a alguns aspectos comportamentais.

De acordo com os aspectos analisados, a segunda hipótese se confirma apenas em parte e, somente o comportamento do jornalista especializado pode, em alguns pontos, ser aproximado ao do cientista social, apesar de ambos trabalharem sobre a realidade e os fatos sociais.

Tendo em vista as diferenças existentes entre o jornalista, o cientista social e o cientista, como usuários da informação, conclui-se que o modelo de sistema de informação destinado a estes profissionais não pode seguir os padrões estabelecidos para os sistemas de informação dirigidos aos cientistas e cientistas sociais. Deve-se considerar ainda que a comunidade de jornalistas inclui tipos diferentes de profissionais que certamente possuem características próprias como usuários da informação.

Finalmente, cabe destacar que os resultados encontrados não podem ser generalizados para a comunidade de jornalistas como um todo, dado que o estudo se direciona apenas para o jornalista enquanto repórter e este, como se viu, tem a execução de seu trabalho condicionada a vários fatores de ordem organizacional, e, por conseguinte, a busca de informações se torna repetitiva já que sua tarefa é pouco estimulante. Certamente, a inclusão de outros jornalistas como objeto de estudo, os articulistas por exemplo, pode levar a resultados completamente diferentes tanto em relação à primeira hipótese como à segunda.

7.2 - O MODELO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO ADEQUADO À COMUNIDADE DE JORNALISTAS

Maurice Line (1) afirma que um sistema de informação baseado no estudo das demandas dos usuários e no uso, se bem planejado, é por si só de grande valor mas, ainda assim, não se pode ignorar que um grande número de necessidades não identificadas precisavam também ser satisfeitas.

Seguindo a orientação de Line, optou-se neste trabalho por propor um modelo de sistema de informação direcionado para satisfazer a demanda mas, também, com uma série de características que têm por objetivo preencher as necessidades de informação dos jornalistas, entendendo-se estas como seleção, atualização, qualidade e acessibilidade da informação e, rapidez de resposta.

7.2.1 - Entrada

Um sistema de informação destinado à comunidade de jornalistas deve partir do princípio que sua matéria-prima deve ser tão diversificada quanto as notícias divulgadas pelos veículos de comunicação, já que o valor de uso da informação não se restringe apenas ao seu significado de hoje mas, também, ao seu aproveitamento futuro. O processo de seleção da informação é, portanto, o primeiro desafio que se apresenta para um sistema de informação destinado ao jornalista, pois a tendência de selecionar o máximo de informação está relacionada com o medo de desprezar informações que possam ser importantes no futuro. Nos centros de documentação das empresas estudadas verificou-se que, o processo de seleção é efetuado intuitivamente e, apenas a prática profissional e a vivência garantem segurança na tomada de decisão.

O acervo de um sistema de informação dirigido ao jornalista deve-se constituir basicamente de recortes de periódicos nacionais e estrangeiros pois, foi verificado que são os jornais diários e as revistas semanais a principal fonte de informação do jornalista. No entanto, considerando-se o alto custo da assinatura de periódicos e, também a resistência do jornalista às línguas estrangeiras, o sistema de informação deve se restringir àqueles de maior circulação e expressão. As obras de referência gerais e especializadas como enciclopédias, dicionários, almanaques, guias, who's who, atlas, anuários estatísticos etc, são da maior importância já que se constituem na fonte de respostas para grande número de consultas realizadas pelos jornalistas, além de ser material de apoio para o indexador. Também as biografias e monografias são fundamentais como fonte de informação para as matérias de maior porte. São ainda de grande importância para os sistemas de informação destinados aos jornalistas os documentos denominados geralmente de material especial como fotos, radiofotos, slides, discos, fitas gravadas, filmes e vídeo-cassetes pois, além de complementar a matéria produzida pelo repórter possuem muitas vezes maior impacto informativo que o texto.

Como a saída determina a entrada, ou seja, como as consultas efetuadas pelos jornalistas exigem como resposta imediata a informação e não a referência bibliográfica do documento que fornece a informação solicitada, inclui-se como acervo as obras que possam fornecer este tipo de resposta e, excluem-se as bibliografias, periódicos de resumo, índices de citação, sumários correntes etc, por serem apenas indicativas.

7.2.2 - Processamento

O grande desafio do processamento da informação num sistema cujo acervo cresce no mesmo ritmo que a divulgação das notícias é manter a atualização e ter disponível para resposta imediata toda e qualquer informação.

Nos centros de documentação das empresas estudadas, o tratamento técnico da informação, ou seja, a indexação, principalmente dos recortes de periódicos, é realizada através de um vocabulário controlado, elaborado especificamente pelos sistemas de informação, já que os thesaurus e listas de cabeçalhos de assuntos existentes não adequam à indexação da informação factual.

O tipo de linguagem de indexação adotada, se natural ou controlada, se indexação automática ou não, influi na eficácia do sistema de informação na medida em que permite maior ou menor precisão na recuperação da informação. Também a automação ou não do sistema influi na sua eficácia, por permitir maior ou menor rapidez na obtenção da resposta. Tanto o tipo de linguagem de indexação, como a automação ou não do sistema da informação são decisões técnico-administrativas tomadas pelas chefias dos centros de documentação de cada empresa em função de suas realidades específicas.

Nos centros de documentação das empresas estudadas são várias as formas de processamento técnico da informação: o Jornal do Brasil mantém um sistema cuja indexação é realizada através de vocabulários diferentes para cada setor e toda recuperação da informação é efetuada manualmente; a revista Isto É nem ao menos possui um centro de documentação na sua sucursal Rio e, por outro lado, a TV Globo conta com um centro de documentação altamente sofisticado, utilizando um thesaurus para a indexação de todos os tipos de materiais, recuperação on-line da informação, além de

fornecer aos seus usuários SDI, calendário de eventos, boletins informativos etc. Os usuários destes sistemas, apesar das críticas formuladas e, talvez por desconhecerem sistemas mais eficazes, se dizem satisfeitos com os serviços que recebem. Portanto, pode-se concluir que, na verdade, não existe, em termos de processamento técnico, um modelo ideal de sistema de informação para os jornalistas. O fundamental é que o sistema atenda a demanda de seus usuários, com precisão e em tempo útil.

7.2.3 - Saída

O desafio da saída do sistema de informação é a qualidade da informação. Considera-se como saída, os serviços prestados ou produtos do sistema de informação.

O serviço de informação mais utilizado pelos jornalistas é, sem dúvida, a busca retrospectiva dos recortes de periódicos, pois fornece elementos para historiar ou documentar os acontecimentos.

Outro tipo de serviço bastante utilizado pelos jornalistas é o que se pode denominar "pergunta-resposta" e que, geralmente, é prestado por telefone, caracterizando-se por fornecer respostas curtas e objetivas e de fácil localização à uma consulta também objetiva como, por exemplo, data de nascimento ou morte de alguma personalidade, cargo que ocupa, quem é o presidente de algum país, qual a grafia correta de algum nome etc.

A busca retrospectiva e o serviço de pergunta-resposta são os usualmente existentes nos centros de documentação das empresas estudadas. No entanto, outros serviços são também importantes para a agilização do trabalho do jornalista e contribuem para fundamentar a credibilidade do sistema de informação como, por exemplo, o calendário de eventos, as pesquisas preventivas e o SDI. O

calendário de eventos, elaborado semanal ou mensalmente, permite que o jornalista possa preparar a pauta com antecedência e, também tem a função de sugerir matérias. As pesquisas preventivas são, na verdade, buscas retrospectivas sobre fatos que estão por acontecer e que são preparadas com antecedência com o objetivo de facilitar o trabalho do jornalista e o dos pesquisadores do sistema de informação.

O serviço de SDI só é importante e necessário para o jornalista especializado em determinada área, que se utiliza dele como alerta corrente da literatura e que, eventualmente, pode aproveitar as referências bibliográficas relacionadas como fonte de consulta ou de idéia para uma matéria programada com antecedência.

Os serviços de tradução, utilizados pelos cientistas e ciêntistas sociais, são de menor importância para o jornalista pois, de um modo geral, quando ele solicita uma informação precisa de uma resposta imediata.

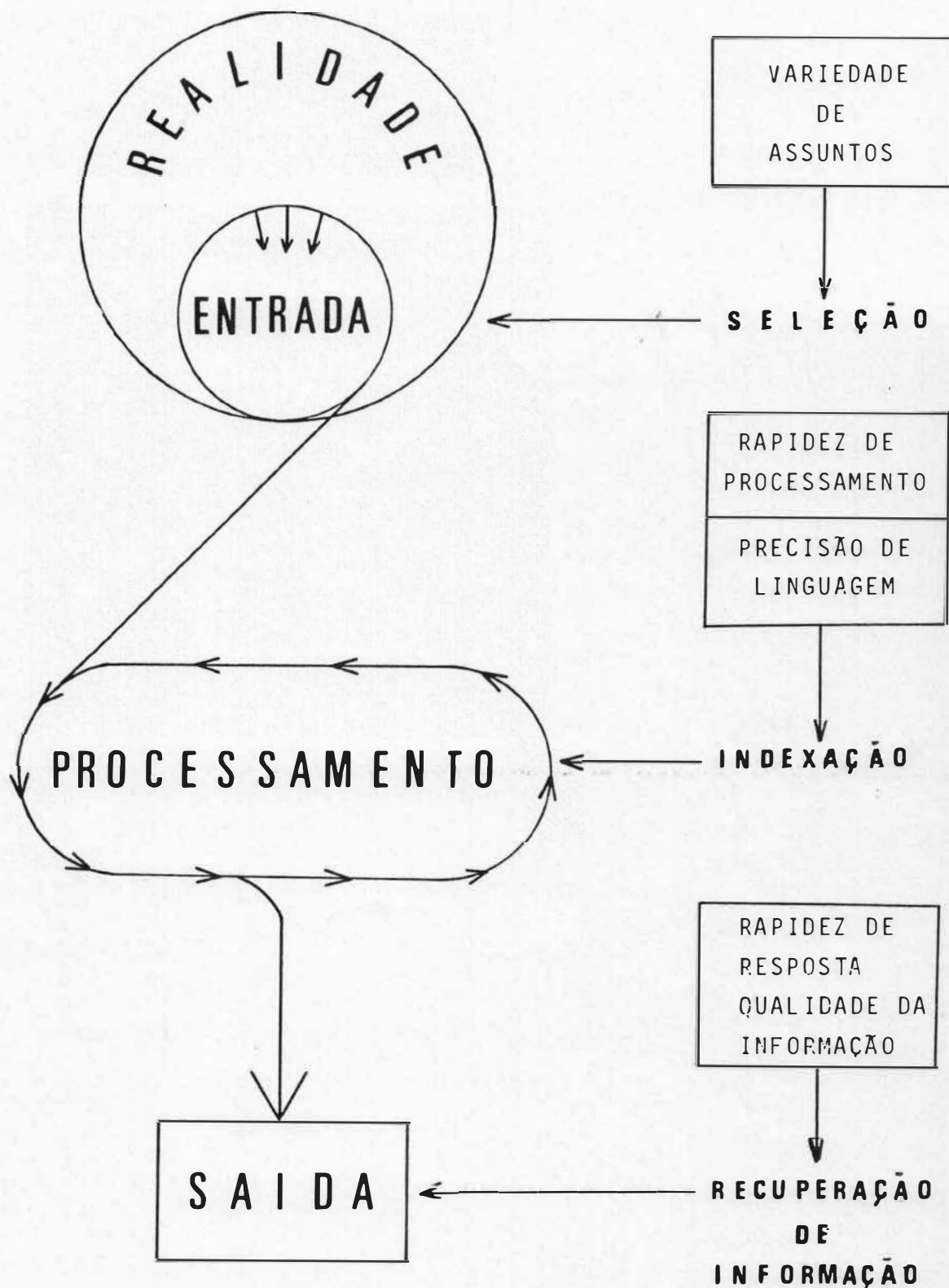
O Quadro nº 15 sintetiza os desafios ao sistema de informação para a imprensa.

7.2.4 - Características

O estudo do jornalista como usuário da informação revelou que além dos componentes básicos de um sistema de informação entrada, processamento e saída, é necessário haver, num sistema modelo, um conjunto de características peculiares que possibilite ao sistema de informação servir plenamente seu usuário.

A primeira destas características é que o sistema de informação deve ser "colado" à redação. "Colado", não só no sentido da proximidade de localização, para facilitar o acesso e promover uma certa intimidade entre os funcionários do sistema e os jornalistas mas, também, "colado", no sentido de estabelecer uma proximidade de trabalho, ou seja, permitir a participação dos funcionários do sistema de informação nas reuniões de pauta, a discussão

MODELO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO



Fonte:

Kuhn, Juãith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

das matérias que vão ser publicadas, a busca de sugestões para possíveis matérias, o exame dos eventos que necessitem de pesquisa preventiva e participação na escuta, sempre com a finalidade de agilizar o trabalho do jornalista.

A segunda característica é que o sistema de informação deve manter um elemento de ligação entre a redação e o sistema, a fim de propiciar intercâmbio de informações e um relacionamento mais informal na negociação da demanda.

A terceira característica é que o sistema de informação deve manter um funcionário disponível para acompanhar e/ou realizar as buscas, selecionar o material sempre que possível junto com o jornalista, fornecendo orientação e assessoria permanente e tornando-se um filtro de qualidade da informação a ser divulgada.

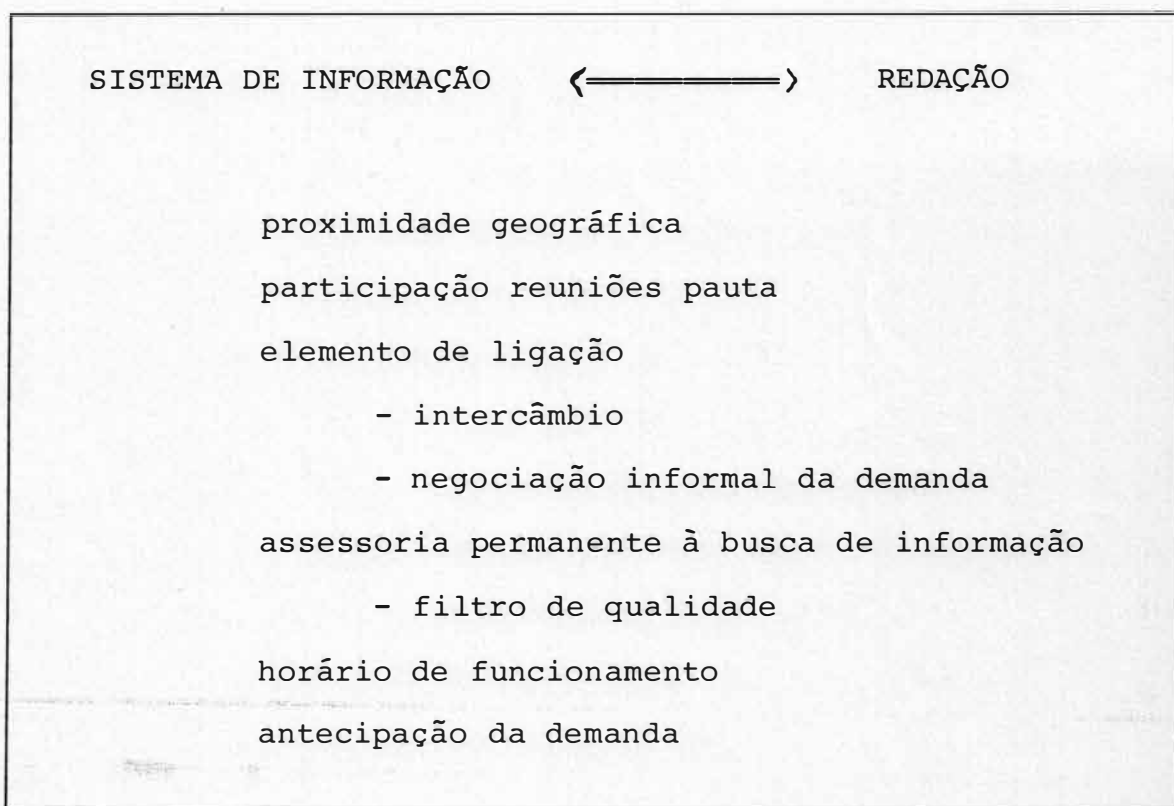
A quarta característica se refere ao horário de funcionamento que, de preferência, deve ser igual ao da redação, em vários turnos, mantendo inclusive um plantão, para facilitar o atendimento na cobertura de matérias de última hora, feriados e fins de semana.

A quinta característica é que o sistema de informação deve procurar sempre se antecipar à demanda, oferecer seus serviços através de divulgação e marketing, para se tornar importante para a redação e obter credibilidade.

O Quadro nº 16 sintetiza as características ideais de um sistema de informação destinado aos jornalistas.

Para o jornalista, um profissional que vive sob a pressão da busca da notícia, do tempo para escrever a matéria, da avaliação constante do seu desempenho, a credibilidade do sistema de informação se revela pela sua eficiência, ou seja, pela sua rapidez de resposta e pela precisão da recuperação da informação e, estes devem ser os primeiros objetivos a serem atingidos por um sistema de informação que tem por função agilizar o exercício profissional desta comunidade.

CARACTERÍSTICAS IDEAIS DE UM SISTEMA DE INFORMAÇÃO
DESTINADO AOS JORNALISTAS



KUHN, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

Um sistema de informação destinado ao jornalista tem ainda a função maior de servir de apoio e de participar da atividade jornalística que, se exerce não só através do registro e divulgação das notícias mas, também, através da orientação e formação da opinião pública. Neste sentido, o sistema de informação é responsável não só pela garantia de acesso à informação como, também, pela qualidade e integridade da informação que ele seleciona e torna disponível ao jornalista, colaborando para que, como o afirma Servan Sckreiber (2), a qualidade da informação seja a única justificativa para o livre exercício do poder de informar.

7.3 - PERSPECTIVAS

A inexistência de literatura sobre o jornalista como usuário da informação ocasionou a abordagem geral desta dissertação, limitada ao levantamento e esboço do perfil do jornalista e dos problemas desta comunidade profissional no que se refere à demanda da informação necessária à sua atividade.

A amplitude do tema impossibilitou enfocar vários aspectos que podem ser desenvolvidos em futuras pesquisas. Em relação ao jornalista pode-se, através da técnica do incidente crítico e, determinada uma notícia imprevista e importante, reconstituir seus passos no processo de busca da informação. Pode-se também estudar como o jornalista usa a informação, à partir do acompanhamento das consultas efetuadas aos centros de documentação.

Seria interessante também, acompanhar a execução da pauta, estudando o comportamento do jornalista como usuário da informação em situações reais.

É preciso ainda estudar os jornalistas que exercem funções como editorialistas, articulistas, colunistas e outros, pois certas características específicas como usuários

da informação.

Em relação ao modelo de sistema de informação proposto, o estudo de centros de documentação de outras empresas de comunicação trará contribuições valiosas para o profissional da área de informação.

Finalmente, por ser esta uma linha de pesquisa ainda inexplorada pela Ciência da Informação, a exigência de novos trabalhos se torna imprescindível para que o profissional de informação possa atuar com eficiência junto a uma comunidade que possui padrões de comportamento e de comunicação diferentes dos da comunidade científica, planejando sistemas de informação adequados e organizados de forma a satisfazer seus usuários, possibilitando, assim, a efetiva utilização de recursos bibliográficos e outros serviços de informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LINE, Maurice B. Information needs of the social sciences.
INSPEL,8(2): 29-39, 1973
2. SERVAN - SCHREIBER, Jean Louis. O poder da informação. Lisboa,
Publicações Europa-América, 1974.

B I B L I O G R A F I A

ANUÁRIO brasileiro de mídia. São Paulo, Meio e Mensagem, 1985/86.

BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica. São Paulo, Martins, sd.

BELAU, Angel Faus. La ciência periodística de Otto Groth. In: Jornalismo como disciplina científica. São Paulo, ECA, 1970.

BENEYTO, Juan. Informação e sociedade: os mecanismos sociais da atividade informativa. Petrópolis, Vozes, 1974.

BOLETIM DA ABI, abr. 1978.

BORIN, Jair. O jornalista profissional no estado de São Paulo; perfil sócio-econômico e cultural. São Paulo, ECA, 1972.

BRAJNOVIC, Luka. Deontologia periodística; ensayos en torno de la etica profesional del periodista. Pamplona, Universidad de Navarra, 1969.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Catálogo do Banco de Teses. Brasília, MEC/CNPq, 1976.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Imprensa e Divulgação. Mercado brasileiro de comunicação. 2.ed. Brasília, 1983.

BRITTAIN, J.M. Information and its users: a review, with special reference to the social sciences. Bath, Bath University Press, New York, Wiley, 1970. Apud LINE, M.B. Information needs of the social sciences. INSPEL, 8(2): 29-39, 1973.

BRITTAİN, J.M. User studies, user behavior and user instruction: series of lectures and seminars. In: 9º Congresso Brasileiro e V Jornada Sul Riograndense de Biblioteconomia e Documentação. Porto Alegre, 3-8 jul., 1977. Apud. FIGUEIREDO, Nice. Avaliação de coleções e estudo de usuários. Brasília, ABDF, 1979.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. O fato é que o fato merece ser re-visto. Briefing, 4(46): 8-12, set/out, 1982.

CNPq. Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, IBBD, 1955..

Cobertura TV Globo. Mercado Global, 4 (37/38): 17-21, 1977.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo dos usuários de in formação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10 (2): 5-19, jul/dez, 1982.

CURSOS e profissões; o guia do estudante. São Paulo, Abril, 1984.

Os 2.900 municípios cobertos pela Rede Globo. Mercado Global, 6 (45): 42-51, 1979.

EDIÇÃO extra da Folha bate recorde de circulação. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 mar. 1986.

FAIBISOFF, S.G. & ELLY, D.P. Information and information needs. Information Reports and Bibliographies, 5 (5): 2-16, 1976. Apud. KREMER, Jeanette. Fluxo de informação entre engenheiros; uma revisão da literatura. Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Hori

zonte, 9 (1): 7-41, mar. 1980.

FRIAS FILHO, Otavio. Antimanual de jornalismo. Folhetim, São Paulo, 18 nov. 84.

GLEISER, Luiz. Além da notícia; o Jornal Nacional e a televisão brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983, Tese.

HAART, H.P. Hogewegde. Social science and the characteristics of social science information and its users. Int. Forum Inf. Doc, 8(1): 11-15, 1983.

HONS, André de Séguin des. Os diários do Rio de Janeiro: 1945-1982 Rio de Janeiro, UFRJ, 1982. Tese.

IBICT. CCI. Serviço de Busca Retrospectiva Manual. BR 014/84.

A IMPRENSA ainda não tem características de veículo de massa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 out. 84.

LANCASTER, F.W. Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation. 2.ed. New York, Wiley, 1979.

LINE, Maurice B. Information needs of the social sciences. INSPEL, 8(2): 29-39, 1973.

LINE, Maurice B. the information uses and needs of social scientists; an overview of INFROSS. Aslib Proceedings, 23(8): 412-34, Aug. 1971.

LINE, Maurice B. Library survey. London, Clive Bingley, 1967.

Apud. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R.Bibliotecon, Brasília 10(2): 5-19, jul/dez 1982.

LINHARES, Maria Helena Andrade. O rádio como fator jornalístico e sua importância atual. Ordem & Desordem, Belo Horizonte, (3): 77-81, 1984.

MATÉRIA publicada no Jornal do Brasil de 9 de agosto de 1935.

MELO, José Marques de, coord. Periódicos brasileiros de comunicação das décadas de 60 e 70. São Paulo, PORT-COM/INTERCOM/CNPq, 1984. 2v.

UM MERCADO concentrado porém integrado. Meio e Mensagem, São Paulo, 28 out. 1985 (Informe Especial 31).

MIKHAILOV, A.I; CHERNYI, A.I. & GILYAREVSKYI, R.S. A estrutura e principais propriedades da informação científica. In: GOMES, Hagar Espanha, org. Ciência da informação ou informática? Rio de Janeiro, Calunga, 1980.

NASSAR, Silvio Julio. 1.000 perguntas: televisão. 1.ed. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1984.

NEIVA, Antonio F. O panorama da radiofusão brasileira. In: Congresso Brasileiro de Comunicação e Informação, São Paulo, 1984 (Texto da palestra).

NEWCOMBE, Barbara & TRIVEDI, Harish. Newspapers and eletronic data bases: present technology. Wilson Library Bulletin, 59 (2): 94-7, Oct. 1984.

OLIVEIRA, Paulo Gomes de. Formação jornalística. Porto Alegre, Sulina, sd.

PAISLEY, W.J. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. Annual review of information science and technology. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1968 v.3, p.1-30. Apud. ARAUJO, Vania Maria Hermes de. Usuários: uma visão do problema. R. Esc. Bibliotecon UFMG, Belo Horizonte, 3(2): 175-92, set. 1974.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas et alii. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação-técnico-científica. In: GOMES, Hagar Espanha, org. A Contribuição da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica. Rio de Janeiro, Calunga, 1978.

PROFESSOR americano de jornalismo considera o diploma dispensável. O Globo, Rio de Janeiro, 29 ago. 1982.

PROFISSIONAIS da imprensa pedem fim da lei do diploma. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 fev. 1986.

O QUE diz a lei sobre o registro de jornalista. Folha de São Paulo, 20 fev. 1986.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro, Codecri, 1978.

RAMOS, José Nabantino. Jornalismo: dicionário enciclopédico. São Paulo, IBRASA, 1970.

Rede Globo: a maneira mais econômica de falar para o Brasil. Bip (97): 4-6, maio, 1985.

ROSS, Nina M. Newspaper databases update, 1982. National On-line Meeting Proceedings, 1983.

SALLES, Mauro. Os meios de comunicação na atualidade. In: 1º Congresso Nacional de Comunicação e Informação, São Paulo, out. 1984. (Texto de palestra)

SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual; teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1971.

SCHLEYER, Judith Rebeca. Estudos de usuários: introdução à problemática e à metodologia. In: MACHADO, Ubaldino Dantas, ed. Estudos avançados em biblioteconomia e Ciência da informação. Brasília, ABDF, 1982.

SEBASTIAN, Mercedes Caridad. Las bases de datos de prensa. Rev. Esp. Doc. Cient. 6(3): 225-46, 1983.

SERVAN-SCHREIBER, Jean Louis. O poder da informação. Lisboa, Publicações Europa-América, 1974.

A SHORT History of television journalism in Brazil; Globo journalism. (Folheto de divulgação da Rede Globo de Televisão).

SKELTON, Barbara. Scientists and social scientists as information users: a comparison of results of science user studies with the investigation into information requirements of social sciences. J. Librarianship, 5(2): 138-56, 1973.

SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco; introdução à cultura de massa brasileira. 6.ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Bibliografia Brasileira de Comunicação. São Paulo, INTERCON-ECA/USP, CNPq-IBICT, 1977.

SOUZA, Claudio Mello e. Jornal Nacional: 15 anos de história. Rio de Janeiro, TV Globo, 1984.

STROZEMBERG, Armando. A função do radiojornalismo. In: 1º Seminário de técnica de jornalismo. Rio de Janeiro, ABI, sd (Comunicação hoje, 1).

SUGAI, Mioka. Estudo de usuários: uma revisão da literatura. Brasília, 1981 (Trab.do Curso de Especialização em Administração de Sistemas de Informação, Faculdade Católica de Ciências Humanas/ABDF).

TOBIN, J.C. A study of library use studies. Information Storage and Retrieval, 10 (3-4): 101-13, 1974. Apud. CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon. Brasília, 10(2): 5-19, jul/dez. 1982.

VITÓRIA da notícia. Veja, São Paulo, 5 set. 1984.

WILSON-DAVIS, K. The Centre for Research on User Studies: aims and functions. Aslib Proceedings, 29(2): 65-69, Feb. 1977. Apud. CUNHA, Murilo Bastos da, Metodologias para estudos de usuários de informação científica e tecnológica. R. Bibliotecon., Brasília, 10(2): 5-19, jul/dez.1982.

WITT, Evans. Aqui, ali, por toda parte: onde os americanos procuram notícias. snt. (Doc. datilografado, TV Globo-CEDOC).

WOOD, D.N. User studies: a review of the literature from 1966 to 1970. Aslib Proceedings, 23(1): 11-23, Jan 1971. Apud. ARAUJO, Vania Maria Hermes de. Usuários: uma visão do problema. R.Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 3(2): 175-92, set.1974.

WRIGHT, Charles. Comunicação de massa. Rio de Janeiro, Bloch, 1968. Apud. SAMPIO, Walter. Jornalismo audiovisual; teoria e prática, tv e cinema. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1971.

A N E X O S

LISTA DOS ANEXOS:

1. Lista dos periódicos indexados por J.M.Mello
2. A literatura de comunicação de massa
3. Procedimento ou rotina do repórter
4. Notícia
5. Questionário para o jornalista
6. Questionário para as chefias dos Departamentos de Jornalismo
7. Questionário para as Chefias dos Centros de Documentação
8. Questionário para as Associações Profissionais
9. Amostra dos jornalistas por funções exercidas
10. Estatística de consulta aos serviços de informação das Empre_{sa}s estudadas

Lista dos periódicos indexados por José Marques de Melo em "Periódicos Brasileiros de Comunicação das Décadas de 60 e 70".

1. Aldeia Global, Rio de Janeiro, 1974
2. Caderno de Comunicação Social, Recife, 1973
3. Cadernos de Ciências da Comunicação, São Paulo, 1968-1969
4. Cadernos de Comunicação e Realidade Brasileira, João Pessoa, 1980-1982
5. Cadernos de Comunicação e Artes, São Paulo, 1971
6. Caderno de Jornalismo, Recife, 1967
7. Cadernos de Jornalismo, Porto Alegre, 1976-1979
8. Cadernos de Jornalismo e Comunicação, Rio de Janeiro, 1968
9. Cadernos de Jornalismo e Editoração, São Paulo, 1970
10. Cadernos de Temas da Comunicação Social, Porto Alegre, 1968-1972
11. Cadernos de Lazer, São Paulo, 1977-1978
12. Cadernos Proal, São Paulo, 1971-1978
13. Cine Olho, São Paulo, 1979
14. Cinema BR, São Paulo, 1977
15. Comun, Rio de Janeiro, 1978-1981
16. Comunicação, São Paulo, 1976
17. Comunicação, Recife, 1975
18. Comunicação, Santos, 1968-1969
19. Comunicação-Teoria e Prática, Rio de Janeiro, 1967-1984
20. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, 1979
21. Comunicações e Artes, São Paulo, 1970
22. Comunicações e Problemas, Recife, 1965-1969
23. Guia Gráfico de Comunicação Audiovisual, São Paulo, 1969
24. K - Comunicação, São Paulo, 1970-1971
25. Lugar em Comunicação, Rio de Janeiro, 1972-1975

26. Montagem, Salvador, 1978
27. Ordem e Desordem, Belo Horizonte, 1972-1977, 1981
28. Ovelha Negra, São Paulo, 1973
29. Revista Brasileira de Comunicação, Brasília, 1968
30. Revista da Escola de Comunicações Culturais, São Paulo, 1967-1968
31. Revista Comunicação, Salvador, 1978
32. Revista de Artes e Comunicação, Bauru, 1978-1980
33. Revista de Comunicação, São Paulo, 1976
34. Revista de Comunicação Social, Fortaleza, 1971-1982
35. Revista da ABEPEC, Porto Alegre, 1975, 1977-1979
36. Uma Questão Editorial, São Paulo, 1978-1980

ASSUNTOS DOS ARTIGOS INDEXADOS POR J.M.MELLO	Nº DE ARTIGOS
<u>imprensa</u> imprensa dirigida; imprensa underground; liberdade de imprensa	160
<u>jornal</u> como veículo de comunicação/um jornal específico	9 / 45
<u>revista</u> como veículo de comunicação/uma revista específica/um tipo de revista	10 / 21 / 3
<u>rádio</u> como veículo de comunicação/uma estação específica de rádio	28 / 2
<u>televisão</u> como veículo de comunicação/uma tv. específica/tv. educativa	43 / 2 / 24
<u>comparação</u> entre dois ou mais veículos de comunicação	15
<u>agências de notícias</u>	7
<u>radiojornalismo</u>	5
<u>telejornalismo</u>	10
<u>jornalismo</u> , suas técnicas, ensino e atividade jornalística	102
JORNALISTA, funções, exercício profissional, mercado de trabalho	50
TOTAL:	5 3 6

Fonte:

Kuhn, Judith. O Jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987.
Dissertação de Mestrado.

REFERER



FONTES PRIMÁRIAS		FONTES SECUNDÁRIAS	
. Cobertura do fato (reportagem)	. Procurar as personalidades da área a que se refere a notícia (entrevistas, comentários ou obtenção de informação)	SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO	. Arquivos ou bibliotecas pessoais
		. Internos (da Empresa) . Externos (outras instituições)	

MATERIA

Fonte: Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

NOTÍCIA		
DEFINIÇÃO	PROPRIEDADES	PROCEDÊNCIAS DAS FONTES
Informação comunicada, o relato de um acontecimento, um fato passível de verificação e observação - tem como principal característica a novidade que, através da divulgação cai em domínio do público	<ul style="list-style-type: none">. Interesse. Atualidade. Novidade. Proximidade geográfica. Extensão dos efeitos	<ul style="list-style-type: none">. Previstas. Imprevistas. Mistas. Condicionadas

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado

QUESTIONÁRIO PARA OS JORNALISTAS:

1ª Parte: Características Profissionais

1. FORMAÇÃO PROFISSIONAL

() Graduação em Jornalismo

() Pós-Graduação

() Outra Graduação

Em que Área?

() Sem formação Universitária

2. TEMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

3. CARGO QUE OCUPA

4. FUNÇÃO

() Editor

() Repórter

() Correspondente

() Outra Qual?

5. ATUAÇÃO EM ÁREA ESPECIALIZADA

() Sim Qual?

() Não

6. CARGA HORÁRIA NA EMPRESA

7. TRABALHA EM OUTRA EMPRESA DE COMUNICAÇÃO

() Sim Carga Horária:
 Função:
 Área Especializada:

() Não

8. DESCRIÇÃO DA ROTINA DE TRABALHO

9. EXERCE OUTRA PROFISSÃO

() Sim. Qual?

() Não

10. EXERCE OUTRA ATIVIDADE PARALELA

() Sim () Ensino

Outras:

() Não

11. CONHECIMENTOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

() Inglês - Fala - Lê - Escreve

() Francês - Fala - Lê - Escreve

() Espanhol - Fala - Lê - Escreve

() Outras Línguas Quais?

12. FAZ CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO OU RECICLAGEM PROFISSIONAL

() Sim Qual o último? Quando?

() Não

13. PARTICIPA DE CONGRESSOS E SEMINÁRIOS NA ÁREA

() Sim Último evento de que participou:

Quando? (Data):

() Conferencista () Ouvinte

() Não () Por que?

14. MANTÉM CONTATO PROFISSIONAL COM JORNALISTAS DE OUTRAS EMPRESAS

() Sim Com que frequência?

Tipo de contato () Telefone

() Reuniões

() Associação

() Não

15.FAZ PARTE DE ALGUNA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL

() Sim Qual?

() Participa de atividades () Sim Qual?

() Não

() Não

16. ASSINA REVISTAS ESPECIALIZADAS

() Sim Qual?

() Não

17. JORNAIS QUE LÊ

Qual?

Frequência:

() Assinante () Não

18. REVISTAS QUE LÊ

Qual?

Frequência:

() Assinante () Não

19. OUVE NOTICIÁRIO DE RÁDIO

Que Rádio?

Frequência:

☐ Não

20. ASSISTE NOTICIÁRIO DE TELEVISÃO

Que Canal de TV?

Frequência:

☐ Não

21. LIVROS QUE LEU NO ÚLTIMO ANO

22. FREQUENTA BIBLIOTECAS OU CENTROS DE INFORMAÇÃO?

☐ Sim☐ Da Instituição☐ Outros Qual?

Frequência:

☐ Não

23. UTILIZA SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

☐ Sim☐ Busca retrospectiva☐ Serviços de alerta☐ SDI☐ Tradução☐ Não

24. PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

PUBLICADA

☐ Artigos especializados em jornalismo ou comunicação de massa☐ Literatura ☐ Romance☐ Poesia

() Contos

() Outros

NÃO PUBLICADA

() Artigos especializados em comunicação de massa ou jornalismo

() Literatura () Romance

() Poesia

() Contos

() Outros

() Não possui produção Bibliográfica

25. POSSUI ARQUIVO PARTICULAR

() Sim De que tipo?

() Não

2ª Parte: Demanda de Informação

A) - HÁBITOS

1. QUANDO NECESSITA DE INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR PARA SUA MATÉRIA

A. Recorre a Biblioteca/Arquivo da Instituição

() Sim

() Não

B. Recorre a outras Bibliotecas ou Centros de Informação?

() Sim

() Não

C. Recorre a seu arquivo particular

() Sim

() Não

D. Recorre a colegas

- () Sim () Da Instituição
 () De fora
() Não

E. Recorre a sua memória

- () Sim () Não

2. QUANDO RECORRE A BIBLIOTECA, QUEM REALIZA A BUSCA

- () O próprio
- () Outra pessoa (Boy)
- () Funcionário da Biblioteca

3. COM QUE FREQUÊNCIA RECORRE À BIBLIOTECA

4. QUANDO REALIZA A BUSCA SEM RECORRER A BIBLIOTECA, QUE TIPOS DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS UTILIZA

1. Obras de Referência

- () Dicionários
- () Enciclopédias
- () Almanaquês
- () Guias
- () Atlas
- () Quem é Quem

2. () Artigos de Periódicos () De Informação
() Especializados

- ### 3. () Obras especializadas (Monografias)

4. () Não utiliza fontes bibliográficas

5. CITE QUAIS AS FONTES BIBLIOGRÁFICAS MAIS USADAS

6. CITE OUTRAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS OU NÃO BIBLIOGRÁFICAS CONSIDERADAS NECESSÁRIAS À REALIZAÇÃO DO SEU TRABALHO

7. POR QUE O JORNALISTA NÃO CITA EM SEUS ARTIGOS AS FONTES BIBLIOGRÁFICAS QUE UTILIZA?

B) - DEMANDA PROPRIAMENTE DITA

1. QUANDO RECORRE À BIBLIOTECA OU CENTRO DE INFORMAÇÃO

- ☐ Vai pessoalmente
- ☐ Pede a outra pessoa
- ☐ Usa o telefone
- ☐ Manda mensageiro com a questão por escrito

2. COMO FORMULA A QUESTÃO

- ☐ De forma específica
- ☐ Conversa com funcionário do Centro de Informação à respeito do assunto
- ☐ Pede mais informação do que precisa, para selecionar posteriormente
- ☐ Deixa o funcionário do Centro de Informação selecionar o material
- ☐ Pede informação sem saber exatamente o que procura
- ☐ Outras Qual?

3. ESPECIFICA SOB QUE FORMA QUER RECEBER A INFORMAÇÃO

- | | |
|------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Livro |
| | <input type="checkbox"/> Resumo |
| | <input type="checkbox"/> Artigo de periódico |
| | <input type="checkbox"/> Filme |

() Vídeo-Cassete

() Fotografias

() Gravação

() Não

4. ESPECIFICA SE LÊ OU NÃO LÍNGUA ESTRANGEIRA

() Sim

() Não

() Somente se perguntado

C) - DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO

1. DESCONHECE ONDE BUSCAR INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

() Sim

() Não

2. QUANDO RECORRE A BIBLIOTECAS OU CENTROS DE INFORMAÇÃO

() Recebe informação irrelevante

() Recebe mais informação do que pediu

() Recebe menos informação do que pediu

() Recebe informação sobre assuntos correlatos

() Recebe informação errada

() Recebe informação em língua que não domina

() Recebe informação em tempo útil

() Não recebe informação

3. OUTRAS DIFICULDADES PARA OBTER INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

() Acesso Físico à Biblioteca - Distância

() Tempo

() Outras Cite:

D) - COMPORTAMENTO NA BUSCA DA INFORMAÇÃO

1. DESCREVA O PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO PARA UMA MATÉRIA PROGRAMADA COM ANTECEDÊNCIA
2. DESCREVA O PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO PARA UMA MATÉRIA ÚLTIMA HORA
3. QUANDO REALIZOU A ÚLTIMA BUSCA EM BIBLIOTECA OU CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO, COMO FOI, O QUE OBTIVE E ONDE, QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS, DESCREVA.

3ª Parte: Centro de Informação

1. OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO QUE CONHECE E/OU UTILIZA PRESTAM SERVIÇOS DE FORMA SATISFATÓRIA
☐ () Sim Por que?
☐ () Não Por que?
2. QUE TIPO DE SERVIÇO DE INFORMAÇÃO VOCÊ NECESSITA, PARA SEU EXERCÍCIO PROFISSIONAL
3. QUE TIPO DE SERVIÇO DE INFORMAÇÃO VOCÊ GOSTARIA DE RECEBER DE UM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO OU BIBLIOTECA

QUESTIONÁRIO PARA AS CHEFIAS DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

1. EMPRESA

2. QUANTOS JORNALISTAS EXISTEM EM CADA FUNÇÃO

Editor

Pauteiro

Repórter

Redator

Estagiário

Chefe de Redação

Secretário de Redação

3. QUAL A ROTINA DO REPÓRTER NO DEPARTAMENTO

4. QUAL É A CARGA HORÁRIA DO JORNALISTA NO DEPARTAMENTO

5. O QUE A EMPRESA EXIGE DO JORNALISTA EM RELAÇÃO À CAPACITAÇÃO
PROFISSIONAL

() Graduação em Jornalismo

() Graduação em outra Área

6. O QUE A EMPRESA OFERECE AO JORNALISTA PARA O SEU APRIMORAMENTO
PROFISSIONAL

() Estágio

() Treinamento Interno

() Cursos

7. QUAIS OS CRITÉRIOS PARA ASSINATURA DE MATÉRIAS

8. COMO FUNCIONA A COMUNICAÇÃO DE RETORNO

QUESTIONÁRIO PARA AS CHEFIAS DOS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS

1. EMPRESA

2. DATA DE FUNDAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

3. NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS

4. ACERVO CONSTITUÍDO POR:

() Recortes de periódicos

jornais nacionais e estrangeiros

revistas nacionais e estrangeiras

() Obras de referência

() Obras especializadas

() Material especial

fotografias, slides, radiofotos, filmes,

discos, fitas, vídeo-cassetes

5. SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO OFERECIDOS

() Busca retrospectiva

() SDI

() Boletim Informativo

() Alerta corrente

() Agenda - Calendários de Eventos

() Tradução

() Outros Cite:

6. COMO É FEITA A DEMANDA

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Verbalmente | <input type="checkbox"/> Pelo Jornalista pessoalmente |
| (Diálogo) | <input type="checkbox"/> Pelo Assistente |
| | <input type="checkbox"/> Por Telefone |
| <input type="checkbox"/> Por escrito | <input type="checkbox"/> Em formulário próprio |
| | <input type="checkbox"/> Não |

7. QUEM REALIZA A BUSCA

- ☐ O próprio jornalista - Livre acesso
- ☐ O funcionário

Nº de funcionários para atender a demanda

8. TIPO DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO MAIS USADO

- ☐ Obras de Referência
- Dicionários
- Enciclopédias
- Guias
- Outras
- ☐ Obras Especializadas
- Recortes
- Outras Cite:

9. CITE AS FONTES MAIS USADAS PARA ATENDER A DEMANDA

10. ANTECEDÊNCIA COM QUE É FEITA A DEMANDA

- ☐ Uma semana antes
- ☐ De véspera
- ☐ No mesmo dia
- ☐ Poucas horas antes

11. Nº DE PESQUISAS

Média Mensal:

12. GRAU DE SATISFAÇÃO DO USUÁRIO (Nº DE BUSCAS NEGATIVAS)

Média Mensal:

13. SENTE NECESSIDADE DE ALGUM SERVIÇO DE INFORMAÇÃO QUE POSSA IM
PLEMENTAR O SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O JORNALISTA? QUAL?
ESPECIFIQUE.

QUESTIONÁRIO PARA AS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS

1. NOME

2. ENDEREÇO

3. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

4. DATA DE FUNDAÇÃO

5. NÚMERO DE ASSOCIADOS

6. PROCEDÊNCIA DOS ASSOCIADOS

Imprensa

Rádio

TV

7. PUBLICAÇÕES

8. ORGANIZAÇÃO E PROMOÇÃO DE EVENTOS

() Sim

() Não

DE QUE TIPO:

() Cursos

() Reuniões

() Debates

() Seminários

() Congressos

() Conferências

() Outros

Quais:

COM QUE FREQUÊNCIA

() Mensal

() Semestral

() Anual

QUAIS NO ÚLTIMO ANO (1984)

PROGRAMAÇÃO PARA 1985

9. FACILIDADES PARA ASSOCIADOS

10. POSSUI BIBLIOTECA OU SERVIÇO DE INFORMAÇÃO

Sim () só para associados () Aberta ao público

Não ()

11. SERVIÇOS PRESTADOS PELA BIBLIOTECA

() Busca retrospectiva

() SDI

() Alerta corrente

() Boletim

() Tradução

() Outros

12. Nº DE CONSULTAS

Média Mensal:

13. GRAU DE SATISFAÇÃO (Nº DE CONSULTAS NEGATIVAS)

Média Mensal

14. COMO É FEITA A DEMANDA

() Verbalmente

() Pessoalmente

() Por telefone

- () Por escrito () Formulário próprio
() Não

15. QUEM FAZ A PESQUISA

- () Livre acesso
() Funcionário da Biblioteca

16. TIPO DE MATERIAL MAIS USADO

- () Obras de referências Dicionários
 Enciclopédias
 Guias
() Obras especializadas
() Outras Cite:

17. CITE AS FONTES MAIS USADAS

18. ANTECEDÊNCIA COM QUE É FEITA A DEMANDA

- () No mesmo dia
() De véspera
() Poucas horas antes

19. PROBLEMA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

20. SENTE NECESSIDADE DE ALGUM SERVIÇO PARA IMPLEMENTAR SUA BIBLIOTECA.

QUADRO DO TOTAL DA AMOSTRA DE JORNALISTAS, POR FUNÇÕES
EXERCIDAS, NAS EMPRESAS ESTUDADAS

FUNÇÕES	EMPRESAS		JB	ISTO É	RÁDIO JB	TV GLOBO
EDITOR			1	1	1	4
REPÓRTER GERAL			3	-	2	-
REPÓRTER ESPECIALIZADO			4	2	1	2
CHEFE DE REDAÇÃO			-	-	-	2
T O T A L			8	3	4	8

Fator:
Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão.
Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

ESTATÍSTICA DE CONSULTA AOS SERVIÇOS
DE INFORMAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS*

EMPRESAS ARQUIVOS	JORNAL DO BRASIL	RÁDIO JB	TV GLOBO
TEXTO (recortes e bi- blioteca)	640	-	1.900
SOM (gravação em fi- ta)	-	8	-
IMAGEM (fotos, filme, vt)	480	-	11. 300
TOTAL	1.120	8	13.200

* não foi possível obter junto à ISTO É

Fonte:

Kuhn, Judith. O jornalista como usuário da informação: imprensa, rádio e televisão. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação de Mestrado.

TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DOS JORNALISTAS

Tabulação dos dados dos questionários dos jornalistas: (*)

1ª PARTE: CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS

1. FORMAÇÃO PROFISSIONAL	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
graduação em jornalismo	4	2	2	7
pós-graduação	-	1	-	-
outra graduação	4	-	-	1
jornalismo e outra graduação	-	-	1	-
sem formação universitária	-	-	1	-

2. TEMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
até 2 anos	1	-	3	-
de 3 a 5 anos	-	-	-	-
de 5 a 10 anos	3	-	-	-
de 10 a 20 anos	2	3	-	7
mais de 20 anos	2	-	1	1

(*) os números entre parênteses, relativos às perguntas que pode riam ter mais de uma opção como resposta, representam o número de jornalistas que optou por determinada resposta.

3. CARGO QUE OCUPA	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
chefe de sucursal	-	1	-	-
editor	1	-	1	4
editor assistente	-	1	-	-
repórter	7	1	3	2
chefe de redação	-	-	-	2

4. FUNÇÃO QUE EXERCE	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
editor	1	1	1	4
repórter	5	2	2	2
outra	2	-	1	2

5. ATUAÇÃO EM ÁREA ESPECIALIZADA	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
sim	5	3	1	2
não	3	-	3	6

6. CARGA HORÁRIA NA EMPRESA	JORNAL	REVISTA	RÁDIO	TV
até 5 horas	-	-	1	-
de 5 a 7 horas	8	-	3	2
mais de 7 horas	-	3	-	6

7. TRABALHA EM OUTRA EMPRESA DE COMUNICAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
sim carga horária	-	-	-	-
função	-	-	-	-
atuação em área especializada	-	-	-	-
não	8	3	4	8

8. DESCRIÇÃO DA ROTINA DE TRABALHO	JOR	REV	RA	TV
coordenação das coberturas, cobertura dos fatos, redação	-	1	-	-
produção de editoria, apuração e redação	1	1	-	-
discussão da pauta, contatos por telefone, entrevistas e redação	7	1	-	2
seleção das notícias que serão divulgadas	-	-	1	2
discussão da pauta, contatos por telefone, entrevistas, redação e gravação da matéria	-	-	2	-
avaliação e edição de matérias	-	-	1	4

9. EXERCE OUTRA PROFISSÃO	JOR	REV	RA	TV
sim	-	-	-	-
qual	-	-	-	-
não	8	3	4	8

10. EXERCE OUTRA ATIVIDADE PARALELA	JOR	REV	RA	TV
sim	3	-	1	-
ensino	-	-	(1)	-
outra	literat.	-	-	-
não	5	3	3	8

11. CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	JOR	REV	RA	TV
inglês - fala, lê, escreve	6	3	4	8
francês - fala, lê, escreve	2	(2)	(3)	(3)
espanhol - fala, lê, escreve	(3)	(2)	(1)	(6)
outras línguas	-	-	-	-

12. FAZ CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO OU RECI CLAGEM PROFISSIONAL	JOR	REV	RA	TV
sim	1	1	1	2
quando fez o último	1982	1982	1984	1985
não	7	2	3	6

13. PARTICIPA DE CONGRESSOS E/OU SEMINÁRIOS NA ÁREA JORNALÍSTICA	JOR	REV	RA	TV
sim		-	-	2
último evento que participou		-	-	(*)
quando		-	-	1985
conferencista		-	-	1
ouvinte		-	-	1
não	8	3	4	6
quase não há congressos	(3)	-	(3)	-
falta de tempo	(1)	(3)	(1)	(3)

(*) atualização em telejornalismo
aperfeiçoamento de edição

14. MANTÉM CONTATO PROFISSIONAL COM JORNALISTAS DE OUTRAS EMPRESAS	JOR	REV	RA	TV
sim	7	3	4	8
frequentemente	(4)	(1)	(1)	(8)
regularmente	(3)	(2)	(2)	(2)
raramente		-	1	-
tipo de contato				
telefone	(7)	(3)	(4)	(8)
reuniões sociais	(7)	(2)	-	
associação	(1)	-	(1)	(1)
não	1	-	-	-

15. FAZ PARTE DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL	JOR	REV	RA	TV
sim	6	3	2	8
ABI	(2)	(2)	-	(2)
AJEC	(1)	(1)	-	-
Sindicato Jornalistas Profissionais Município RJ	(6)	(2)	(2)	6
participa de atividades	-	-	-	2
não participa de atividades	-	3	2	6
não é associado	2	-	2	-

16. ASSINA REVISTAS ESPECIALIZADAS EM JORNALISMO OU COMUNICAÇÃO DE MASSA	JOR	REV	RA	TV
sim	-	-	-	-
não	8	3	4	8

17. JORNAIS QUE LÊ	JOR	REV	RA	TV
qual JB e/ou GLOBO, e outros do Rio	8	3	4	8
FSP, ESP	(3)	(1)	-	(8)
frequência diariamente	8	2	4	8
quase todos os dias	-	1	-	-
assinante sim	-	-	-	3
não	8	3	4	5

18. REVISTAS QUE LÊ	JOR	REV	RA	TV
Veja e Isto É	7	3	1	8
Veja e Senhor	(1)	-	2	(2)
Veja, Manchete, Fatos, Afinal e Exame	-	(1)	1	(2)
Time, Economist	-	-	-	(2)
frequência semanal	5	3	4	8
esporádica	2	-	-	-
assinante sim	1	1	-	6
não	7	2	4	(2)
não lê revistas	1	-	-	-

19. OUVE NOTICIÁRIO DE RÁDIO		JOR	REV	RA	TV
qual	JB, Globo	-	-	1	6
	JB, Mundial	-	-	1	-
	JB	3	2	2	2
	outras rádios	2	-	-	-
diariamente		5	1	4	6
frequência 3 x por semana		-	1	-	2
esporadicamente		-	-	-	-
não ouve noticiário de rádio		3	1	-	-

20. ASSISTE NOTICIÁRIO DE TV		JOR	REV	RA	TV
qual	Globo	3	2	2	2
	Globo e Manchete	5	1	2	6
frequência	diariamente	3	2	4	8
	quase todos os dias	5	1	-	-
não assiste noticiário de tv		-	-	-	-

21. TIPOS DE LIVROS QUE LEU NO ÚLTIMO ANO		JOR	REV	RA	TV
romance		5	3	4	6
autobiografia		(1)	-	-	-
ensaio		(1)	(1)	(1)	(1)
poesia		-	-	(1)	-
não responderam		3	-	-	2

22. POSSUI PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	JOR	REV	RA	TV
publicada	-	1	1	3
artigos especializados na área de comunicação	-	-	-	(3)
literatura	-	-	-	-
romance	-	-	-	(1)
contos	-	(1)	(1)	(1)
poesia	-	-	-	(1)
não publicada	5	1	3	-
artigos especializados	-	-	(1)	-
literatura	-	(1)	-	-
romance	-	-	-	-
contos	(1)	-	(1)	-
poesia	(2)	-	(1)	-
não possui produção bibliográfica	3	1	-	5

23. POSSUI BIBLIOTECA E/OU ARQUIVO PARTICULAR	JOR	REV	RA	TV
sim	5	2	2	2
pessoal e familiar	-	-	(1)	-
áreas de interesse p/ o trabalho	(5)	(2)	(1)	(2)
não	3	1	2	6

24. FREQUENTA BIBLIOTECAS OU CENTROS DE INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
da instituição onde trabalha	5	-	2	7
sim outros	(3)	-	-	-
diária	-	-	-	4
1 x por semana	(4)	-	1	-
2 x por semana	-	-	1	-
3 x por semana	(1)	-	-	3
não frequenta bibliotecas	3	3	2	1

25. UTILIZA SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
sim	3	2	3	8
busca retrospectiva	(3)	(2)	(2)	(8)
serviços de alerta	-	-	-	-
SDI	-	-	-	-
tradução	-	-	-	-
arquivo sonoro	-	-	(2)	-
arquivo de imagens	-	-	-	(8)
não utiliza serviços de informação	5	1	1	-

2ª PARTE: DEMANDA DE INFORMAÇÃO

A) HÁBITOS

1. QUANDO NECESSITA DE INFORMAÇÃO COMPLE- MENTAR P/ SUA MATÉRIA	JOR	REV	RA	TV
recorre à biblioteca ou centro de in- formação da instituição	8	2	3	7
não	-	1	1	1
recorre a outras bibliotecas	7	1	2	-
não	1	2	2	8
recorre a seu arquivo particular	7	2	1	-
não	1	1	3	8
recorre a colegas	7	2	3	8
de fora	(3)	(2)	(3)	(2)
da instituição	(7)	(1)	(3)	(6)
não	1	1	1	-
recorre a sua memória	8	2	4	8
não	-	1	-	-

2. QUANDO RECORRE À BIBLIOTECA QUEM REALIZA A BUSCA	JOR	REV	RA	TV
o próprio	5	1	2	-
outra pessoa (boy)	-	2(1)	-	-
o funcionário da biblioteca	3	(1)	-	8

3. COM QUE FREQUÊNCIA RECORRE À BIBLIOTECA	JOR	REV	RA	TV
diariamente	1	-	-	1
2 vezes por semana	(2)	2	2	5
1 vez por semana	(3)	1	-	1
2 vezes por mês	(1)	-	1	-
1 vez por mês	(1)	-	-	-
nunca		-	1	1

4. QUANDO REALIZA A BUSCA, SEM RECORRER À BIBLIOTECA, QUE TIPO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS UTILIZA	JOR	REV	RA	TV
obras de referência	7	2	2	8
dicionários	(5)	(2)	(1)	(8)
enciclopédias	(5)	(2)	(2)	(8)
almanaques	(4)	(2)	(1)	(5)
guias	(2)	(1)	-	(4)
atlas	(2)	-	-	(3)
who's who	(1)	(1)	-	(6)
artigos de periódicos	2	2	3	4
monografias	4	1	2	2
não utiliza fontes bibliográficas	-	1	1	-

5. CITE AS FONTES BIBLIOGRÁFICAS MAIS USADAS	JOR	REV	RA	TV
artigos de jornais e periódicos	5	2	2	5
enciclopédias e dicionários	-	1	1	3
almanaques	-	-	1	(3)
publicações do IBGE	1	-	-	-
não responderam	2	-	-	-

6. CITE OUTRAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS OU NÃO CONSIDERADAS NECESSÁRIAS À REALIZAÇÃO DE SEU TRABALHO	JOR	REV	RA	TV
monografias e publicações especializadas	1	1	1	-
arquivos dos grandes jornais	-	1	-	-
autoridades na área	3	-	2	2
arquivo de imagens	-	-	-	3
não responderam	4	2	1	3

7. POR QUE OS JORNALISTAS NÃO CITAM AS FONTES BIBLIOGRÁFICAS QUE UTILIZAM	JOR	REV	RA	TV
não cita quando considera a informação de domínio público	-	1	-	3
para não transformar as matérias em pequenas teses	-	1	-	-
depende da matéria, algumas vezes a fonte é citada	3	1	-	-
é regra do departamento	-	-	1	-
não é costume	1	-	-	-
são artigos sem critérios acadêmicos	1	-	-	-
sempre as cito	1	-	-	-

B) DEMANDA PROPRIAMENTE DITA

1. QUANDO RECORRE À BIBLIOTECA OU CENTRO DE INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
vai pessoalmente	8	1	2	-
pede a um colega	-	1 (1)	1	-
usa o telefone	-	(2)	1 (1)	8
manda mensageiro com a questão por escrito	-	1 (1)	-	-

2. COMO FORMULA A QUESTÃO	JOR	REV	RA	TV
de forma específica	7	1	1	-
conversa com o funcionário do Centro de Informação a respeito do assunto	(3)	1 (1)	3	8
pede mais informação do que precisa para selecionar posteriormente	1	1	(1)	(5)
pede a informação e deixa o funcionário do Centro de Informação selecionar o material	(1)	-	(1)	(2)
pede informação sem saber exatamente o que procura	-	-	-	-

3. ESPECIFICA SOB QUE FORMA QUER RECEBER A INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
sim (livro, resumo, artigo de periódico, filme, vídeo-cassete, fotografia, gravação sonora, etc)	8	2	3	5
não	-	1	1	3

4. ESPECIFICA SE LÊ OU NÃO LÍNGUA ESTRANGEIRA	JOR	REV	RA	TV
sim	1	-	2	2
não	2	3	-	6
somente se perguntado	5	-	2	-

C) DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO

1. DESCONHECE ONDE BUSCAR INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	JOR	REV	RA	TV
sim	3	1	2	-
não	5	2	2	8

2. QUANDO RECORRE A BIBLIOTECAS OU CENTROS DE INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
recebe informação irrelevante	1	-	1	-
recebe mais informação do que pediu	(2)	1 (1)	1 (3)	5
recebe menos informação do que pediu	2	1	(1)	(1)
recebe informação sobre assuntos <u>cor</u> relatos	2	1 (1)	(2)	1 (3)
recebe informação errada	-	-	(1)	-
recebe informação em língua que não domina	-	-	(1)	-
recebe informação em tempo útil	1	(1)	1	2
não recebe informação	-	(1)	1	-

3. OUTRAS DIFICULDADES PARA OBTENÇÃO BIBLIOGRÁFICA	JOR	REV	RA	TV
acesso à biblioteca	-	2	3	3
falta de tempo	5	(2)	(3)	(2)
distância	1	-	-	(1)
outras	-	-	1	-
falta de boas bibliotecas	-	(1)	-	-
horário de funcionamento das bibliotecas	-	-	(1)	-

D) COMPORTAMENTO NA BUSCA DA INFORMAÇÃO

1. DESCREVA O PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO PARA UMA MATÉRIA PROGRAMADA COM ANTECEDÊNCIA	JOR	REV	RA	TV
pedir ao Centro de Informação da empresa	3	-	3	7
recorrer aos arquivos dos jornais o Globo e Jornal do Brasil	-	3	-	-
recorrer à biblioteca particular	1	(1)	-	-
pesquisa ampla c/histórico e atualidades	1	-	-	-
Centro de Informação + autoridades da área	3	-	-	1

2. DESCREVA O PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO PARA UMA MATÉRIA DE ÚLTIMA HORA	JOR	REV	RA	TV
pedir ao Centro de Informação da empresa	3	-	2	6
contatar pessoas (amigos ou especialistas no assunto) por telefone	-	1(1)	1(1)	-
procurar notícias em jornais recentes	1	-	1	-
usar a coleção da Revista	-	.1	-	-
usar o arquivo ou biblioteca particular (material de fácil acesso)	1	1	-	-
Centro de Informação da empresa + autoridades da área	2	-	-	2
improvisar com material disponível	1	-	-	-

3. QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ÚLTIMA BUSCA DE INFORMAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
artigos desatualizados	-	1	-	-
problemas com a terminologia de indexação	1	1	-	-
recebeu mais informação do que pediu	1	1	-	-
mau atendimento do funcionário da biblioteca	1	-	-	-
demora no trânsito da informação pois as pessoas que trabalham no arquivo não são jornalistas	-	-	-	1
nenhuma dificuldade	3	-	3	6
não responderam	2	-	-	1

3ª PARTE: CENTROS DE INFORMAÇÃO

1. OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO QUE CONHECE E/OU UTILIZA PRESTAM SERVIÇOS DE FORMA SATISFATÓRIA	JOR	REV	RA	TV
sim	7	1	3	7
atendimento rápido	-	-	(1)	(5)
funcionários competentes e com boa vontade	-	-	(1)	-
bem aparelhado	-	-	(1)	-
serviços satisfatórios	(7)	(1)	-	(1)
busca permanente de aperfeiçoamento	-	-	-	(1)
não	1	2	-	1
falta de estrutura para dar respostas rapidamente	-	(1)	-	-
problemas de terminologia de indexação	-	(1)	-	-
dificuldade para localizar itens específicos	-	(1)	-	-
mau atendimento	(1)	-	-	-

2. QUE TIPO DE SERVIÇO DE INFORMAÇÃO VOCÊ NECESSITA PARA SEU EXERCÍCIO PROFISSIONAL	JOR	REV	RA	TV
resumos e sumários	-	-	1	-
noticiários de rádio, tv e jornal	2	-	1	2
cadastro de autores, artistas, etc	-	1	-	-
arquivos mais organizados, mais ágeis, mais atualizados e completos	1	2	1	-
terminal de computador	2	-	1	-
informações históricas	2	-	-	1
assessoria	1	-	-	-
matérias das agências de notícias	-	-	-	2
dados estatísticos	-	-	-	1
não responderam	-	-	-	2

3. QUE TIPO DE SERVIÇO VOCÊ GOSTARIA DE RECEBER DE UM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO	JOR	REV	RA	TV
serviços mais rápidos, em computador	2	1	-	-
listas de publicações por assunto	-	1	-	-
resumos	-	-	1	1
pesquisas mais detalhadas	4	-	1	1
pesquisas preventivas	1	-	1	-
DSI	-	1	-	-
orientação na pesquisa	1	-	1	-
informação de apoio	-	-	-	1
não responderam	-	-	-	5